



**INSTITUTO BRASILEIRO DE ENSINO, DESENVOLVIMENTO E PESQUISA  
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO DIGITAL**

MARCUS VINICIUS FAHL

**HIPERPERSONALIZAÇÃO ALGORÍTMICA E VARIAÇÕES DISCURSIVAS NO  
*CHATGPT:***

uma análise em três idiomas sobre temas sensíveis

Brasília-DF

2025

MARCUS VINICIUS FAHL

**HIPERPERSONALIZAÇÃO ALGORÍTMICA E VARIAÇÕES DISCURSIVAS NO  
*CHATGPT*:**

uma análise em três idiomas sobre temas sensíveis

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa, câmpus de Brasília, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação Digital.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Liliane de Lucena Ito

Brasília-DF

2025

Código de catalogação na publicação – CIP

F157h FAHL, Marcus Vinicius

Hiperpersonalização algorítmica e variações discursivas no chatgpt: uma análise em três idiomas sobre temas sensíveis / Marcus Vinicius Fahl. — Brasília: Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa, 2025.

115 f. : il.

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Liliane de Lucena Ito

Dissertação (Mestrado em Comunicação Digital — Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa – IDP, 2025).

1. Inteligência artificial. 2. Análise do discurso. 3. Algoritmo. I.  
Título

CDD 006.3

**HIPERPERSONALIZAÇÃO ALGORÍTMICA E VARIAÇÕES DISCURSIVAS NO  
CHATGPT: uma análise em três idiomas sobre temas sensíveis**

A Banca Examinadora abaixo-assinada aprova a Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação pelo Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP).

Aprovada em: 28/11/2025

Banca de defesa

---

Dra. Liliane de Lucena Ito  
Orientadora

---

Dr. Edwaldo Costa  
Examinador - IDP

---

Dra. Aline Camargo  
Examinadora externa - Unesp

À minha esposa, Andréia Nunes Fahl.  
Aos meus pais (sempre), Silvia Angelina  
Meneghetti Fahl (*in memoriam*) e Evaristo  
Fahl (*in memoriam*).

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao IDP e à minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Liliane de Lucena Ito, por momentos de profundo saber e de compartilhamento de conhecimentos nesses dois anos de muito aprendizado.

E ao meu irmão, Ricardo Alexandre Fahl, grande entusiasta desta iniciativa.

## RESUMO

Este trabalho analisa os vieses discursivos presentes nas respostas fornecidas pelo *ChatGPT* sobre temas sensíveis como legalização do aborto, legalização da posse de armas e combate a preconceitos de gênero, a partir de uma abordagem comparativa entre os idiomas português, inglês e espanhol. O estudo parte da constatação de que a Inteligência Artificial Generativa (IAG), ao ser treinada sobre grandes volumes de dados linguísticos e culturais, não é neutra, pois reproduz discursos atravessados por ideologias e posicionamentos socioculturais. Com o lançamento do *ChatGPT* e sua rápida ascensão, com bilhões de interações mensais, o *chatbot* passou a exercer papel central na produção e circulação de discursos digitais. No entanto, junto à sua adoção massiva, surgiram também críticas sobre suas respostas enviesadas, sua tendência a reforçar estereótipos e seu impacto sobre a autenticidade das interações. A hipótese central é a de que o *ChatGPT*, ao operar como um agente discursivo, responde de forma distinta a depender do idioma, do tema e do perfil atribuído ao usuário, revelando diferentes formações ideológicas e variações semânticas. Para investigar essa hipótese, foram formuladas perguntas abertas e sensíveis em três idiomas, analisando-se qualitativamente as respostas sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa. Além de mapear os possíveis vieses de gênero, classe, orientação sexual e política presentes nas respostas da Inteligência Artificial (IA), este trabalho apresenta uma reflexão sobre as implicações éticas do uso de ferramentas generativas na comunicação contemporânea. Nesse sentido, propõe-se uma análise crítica das transformações provocadas pela IA nos modos de produzir, circular e consumir informação, bem como sobre o papel dos profissionais de comunicação diante desse novo cenário.

**Palavras-Chave:** Inteligência Artificial; *ChatGPT*; Viés Algorítmico; Formações Discursivas, Análise do Discurso.

## ABSTRACT

This study analyzes the discursive biases present in the answers provided by ChatGPT on sensitive topics such as the legalization of abortion, the legalization of gun ownership, and the fight against gender prejudice, based on a comparative approach among Portuguese, English, and Spanish. The research starts from the premise that generative artificial intelligence, when trained on large volumes of linguistic and cultural data, is not neutral, as it reproduces discourses shaped by ideologies and sociocultural positions. With the launch of ChatGPT and its rapid rise, reaching billions of monthly interactions, the chatbot has come to play a central role in the production and circulation of digital discourses. However, along with its massive adoption, criticism has also emerged regarding its biased responses, its tendency to reinforce stereotypes, and its impact on the authenticity of interactions. The central hypothesis is that ChatGPT, when operating as a discursive agent, responds differently depending on the language, the topic, and the user profile attributed to it, revealing distinct ideological formations and semantic variations. To investigate this hypothesis, open and sensitive questions were formulated in three languages, and the responses were qualitatively analyzed from the perspective of French Discourse Analysis. In addition to mapping possible gender, class, sexual orientation, and political biases in the AI's answers, this research seeks to reflect on the ethical implications of using generative tools in contemporary communication. In this sense, it proposes a critical analysis of the transformations triggered by AI in the ways information is produced, circulated, and consumed, as well as the role of communication professionals in this new scenario.

**Keywords:** Artificial Intelligence; ChatGPT; Algorithmic Biases; Discursive Formations; Discourse Analysis.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema da relação entre Ideologia, Formações Ideológicas,  
Formações discursivas e Discurso ..... 49

**LISTA DE QUADROS**

|           |  |    |
|-----------|--|----|
| Quadro 1  | - Pergunta feita em inglês no dia 1º de abril de 2025:<br>“Legalização da posse de armas” .....    | 57 |
| Quadro 2  | - Pergunta feita em português no dia 31 de março de 2025:<br>“Legalização da posse de armas” ..... | 58 |
| Quadro 3  | - Pergunta feita em espanhol no dia 2 de abril de 2025:<br>“Legalização da posse de armas” .....   | 58 |
| Quadro 4  | - Síntese das respostas e vieses: “Legalização da posse de<br>armas” .....                         | 62 |
| Quadro 5  | - Pergunta feita em inglês no dia 1º de abril de 2025:<br>“Legalização do aborto” .....            | 63 |
| Quadro 6  | - Pergunta feita em português no dia 31 de março de 2025:<br>“Legalização do aborto” .....         | 64 |
| Quadro 7  | - Pergunta feita em espanhol no dia 2 de abril de 2025:<br>“Legalização do aborto” .....           | 64 |
| Quadro 8  | - Síntese das respostas e vieses: “Legalização do aborto” .....                                    | 67 |
| Quadro 9  | - Pergunta feita em inglês no dia 1º de abril de 2025:<br>“Constituição da família” .....          | 67 |
| Quadro 10 | - Pergunta feita em português no dia 31 de março de 2025:<br>“Constituição da família” .....       | 68 |
| Quadro 11 | - Pergunta feita em espanhol no dia 2 de abril de 2025:<br>“Constituição da família” .....         | 68 |
| Quadro 12 | - Síntese das respostas e vieses: “Constituição da família” .....                                  | 71 |
| Quadro 13 | - Pergunta feita em inglês no dia 1º de abril de 2025: “Combate<br>às drogas ilícitas” .....       | 72 |
| Quadro 14 | - Pergunta feita em português no dia 31 de março de 2025:<br>“Combate às drogas ilícitas” .....    | 73 |
| Quadro 15 | - Pergunta feita em espanhol no dia 2 de abril de 2025:<br>“Combate às drogas ilícitas” .....      | 73 |
| Quadro 16 | - Síntese das respostas e vieses: “Combate às drogas ilícitas”                                     | 76 |
| Quadro 17 | - Pergunta feita em inglês no dia 1º de abril de 2025: “Combate<br>à criminalidade” .....          | 76 |
| Quadro 18 | - Pergunta feita em português no dia 31 de março de 2025:  |    |

|           |  |    |
|-----------|--|----|
|           | “Combate à criminalidade” .....  | 77 |
| Quadro 19 | - Pergunta feita em espanhol no dia 2 de abril de 2025:<br>“Combate à criminalidade” ..... | 78 |
| Quadro 20 | - Síntese das respostas e vieses: “Combate à criminalidade” ...                            | 80 |
| Quadro 21 | - Pergunta feita em inglês no dia 1º de abril de 2025: “Política<br>prisional” .....       | 81 |
| Quadro 22 | - Pergunta feita em português no dia 31 de março de 2025:<br>“Política prisional” .....    | 82 |
| Quadro 23 | - Pergunta feita em espanhol no dia 2 de abril de 2025:<br>“Política prisional” .....      | 83 |
| Quadro 24 | - Síntese das respostas e vieses: “Política prisional” .....                               | 86 |
| Quadro 25 | - Pergunta feita em inglês no dia 1º de abril de 2025: “Definição<br>de gênero” .....      | 86 |
| Quadro 26 | - Pergunta feita em português no dia 31 de março de 2025:<br>“Definição de gênero” .....   | 87 |
| Quadro 27 | - Pergunta feita em espanhol no dia 2 de abril de 2025:<br>“Definição de gênero” .....     | 88 |
| Quadro 28 | - Síntese das repostas e vieses: “Definição de gênero” .....                               | 91 |
| Quadro 29 | - Pergunta feita em inglês no dia 1º de abril de 2025: “Definição<br>de homem” .....       | 91 |
| Quadro 30 | - Pergunta feita em português no dia 31 de março de 2025:<br>“Definição de homem” .....    | 92 |
| Quadro 31 | - Pergunta feita em espanhol no dia 2 de abril de 2025:<br>“Definição de homem” .....      | 93 |
| Quadro 32 | - Síntese das respostas e vieses: “Definição de homem” .....                               | 94 |
| Quadro 33 | - Pergunta feita em inglês no dia 1º de abril de 2025: “Definição<br>de mulher” .....      | 95 |
| Quadro 34 | - Pergunta feita em português no dia 31 de março de 2025:<br>“Definição de mulher” .....   | 96 |
| Quadro 35 | - Pergunta feita em espanhol no dia 2 de abril de 2025:<br>“Definição de mulher” .....     | 96 |
| Quadro 36 | - Síntese das respostas e vieses: “Definição de mulher” .....                              | 98 |
| Quadro 37 | - Pergunta feita em inglês no dia 1º de abril de 2025: “Combate                            |    |

|           |   |     |
|-----------|---|-----|
|           | aos preconceitos em virtude de orientação sexual” .....   | 99  |
| Quadro 38 | - Pergunta feita em português no dia 31 de março de 2025:<br>“Combate aos preconceitos em virtude de orientação sexual”   | 100 |
| Quadro 39 | - Pergunta feita em espanhol no dia 2 de abril de 2025:<br>“Combate aos preconceitos em virtude de orientação sexual”     | 101 |
| Quadro 40 | - Síntese das respostas e vieses: “Combate aos preconceitos<br>em virtude de orientação sexual” .....                     | 103 |
| Quadro 41 | - Pergunta feita em inglês no dia 1º de abril de 2025: “Combate<br>aos preconceitos decorrentes de opção sexual” .....    | 104 |
| Quadro 42 | - Pergunta feita em português no dia 31 de março de 2025:<br>“Combate aos preconceitos decorrentes de opção sexual” ..... | 105 |
| Quadro 43 | - Pergunta feita em espanhol no dia 2 de abril de 2025:<br>“Combate aos preconceitos decorrentes de opção sexual” .....   | 106 |
| Quadro 44 | - Síntese das respostas e vieses: “Combate aos preconceitos<br>decorrentes de opção sexual” .....                         | 108 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|            |  |
|------------|--|
| AD         | - Análise do Discurso  |
| Etc.       | - <i>Et cetera</i>   |
| FDs        | - Formações Discursivas  |
| FIs        | - Formações Ideológicas  |
| GPT        | - <i>Generative Pre-trained Transformer</i> ; <i>Transformer</i> generativo pré-treinado   |
| IA         | - Inteligência Artificial  |
| IAG        | - Inteligência Artificial Generativa   |
| IDP        | - Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa   |
| LGBTQIA+   | - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, <i>Queer</i> , Intersexuais e Assexuais, com o "+" para incluir outras identidades e orientações                       |
| LGBTQIAPN+ | - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, <i>Queer</i> , Intersexo, Assexuais, Pansexuais e não-binários, com o "+" para incluir outras identidades não listadas |
| LLMs       | - Grandes Modelos de Linguagem; Linguagem de grande porte  |
| OMS        | - Organização Mundial da Saúde   |
| ONGs       | - Organizações Não Governamentais  |
| ONU        | - Organização das Nações Unidas  |
| SMS        | - <i>Short Message Service</i>   |
| STF        | - Supremo Tribunal Federal   |
| SUS        | - Sistema Único de Saúde   |
| TI         | - Tecnologia da Informação   |

## SUMÁRIO

|     |  |    |
|-----|--|----|
| 1.  | INTRODUÇÃO .....   | 16 |
| 1.1 | Apresentação da hipótese de pesquisa .....   | 18 |
| 1.2 | Objetivos Geral e Específicos .....  | 19 |
| 1.3 | Metodologia de pesquisa adotada .....  | 21 |
| 1.4 | Referencial teórico .....  | 23 |
| 1.5 | Estrutura da dissertação .....   | 25 |
| 2.  | COMUNICAÇÃO DIGITAL E O DISCURSO TECNOLÓGICO .....   | 27 |
| 2.1 | Da mídia de massa às mídias digitais: a evolução do consumo de informação .....                      | 28 |
| 2.2 | Plataformização e a lógica algorítmica: o papel das plataformas digitais no discurso .....           | 31 |
| 2.3 | O impacto da Inteligência Artificial na comunicação digital: IA como produtora de discursos .....    | 33 |
| 3.  | INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E VIESES DISCURSIVOS .....   | 36 |
| 3.1 | Inteligência Artificial Generativa: breve histórico, funcionamento e implicações .....               | 36 |
| 3.2 | Vieses ideológicos em sistemas de IA: Teorias sobre viés algorítmico e suas origens.....             | 40 |
| 3.3 | Multilinguismo e apropriação: o viés cultural e os dilemas autorais da inteligência artificial ..... | 44 |
| 4.  | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E CONSTRUÇÃO DO CORPUS   | 47 |
| 4.1 | A Análise do Discurso de Pêcheux: fundamentos aplicados à pesquisa ....                              | 47 |
| 4.2 | A construção de conteúdo na IA Generativa e suas formações discursivas                               | 50 |
| 4.3 | A escolha dos <i>prompts</i> e as formações discursivas do <i>ChatGPT</i> .....                      | 52 |
| 5.  | DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....  | 56 |
| 5.1 | Temática: Legalização da posse de armas.....   | 56 |
| 5.2 | Temática: Legalização do aborto.....   | 63 |
| 5.3 | Temática: Constituição da família .....  | 67 |
| 5.4 | Combate às drogas ilícitas.....  | 71 |
| 5.5 | Combate à criminalidade .....  | 76 |
| 5.6 | Política prisional.....  | 80 |
| 5.7 | Definição de gênero.....   | 86 |
| 5.8 | Definição de homem.....  | 91 |

|  |     |
|--|-----|
| 5.9 Definição de mulher.....                                       | 95  |
| 5.10 Combate aos preconceitos em virtude de orientação sexual..... | 99  |
| 5.11 Combate aos preconceitos decorrentes de opção sexual.....     | 103 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                       | 109 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....                                   | 111 |



## 1. INTRODUÇÃO

No dia 30 de novembro de 2022, a *Open AI* assombrou o mundo ao lançar a versão 3.5 do *ChatGPT*. Pela primeira vez, uma máquina aparentemente pôde responder a quase todas as perguntas usando informações obtidas por ter "lido" tudo o que já foi publicado na *internet*, embora algumas vezes inventasse respostas em uma falha que rapidamente passou a ser denominada pelos especialistas em Inteligência Artificial Generativa (IAG) como alucinação. O sucesso foi estrondoso: em apenas cinco dias, o *ChatGPT* conquistou um milhão de usuários, tornando-se o aplicativo de consumo com crescimento mais rápido da história até então. Para efeito de comparação, o *Instagram* levou cerca de dois meses para atingir esse número, enquanto o *Spotify* demorou cinco meses<sup>1</sup>.

Esse crescimento meteórico não parou por aí. Em janeiro de 2023, o *ChatGPT* já contava com mais de 100 milhões de usuários ativos mensais, superando plataformas como *TikTok* e *Instagram* em velocidade de adoção. Em maio de 2025, a estimativa indicava que o *ChatGPT* recebesse aproximadamente 5,19 bilhões de visitas de seus 600 milhões de usuários ativos mensais, com cerca de 122,58 milhões de usuários ativos diariamente<sup>2</sup>.

O avanço impressionante é resultado de uma série de atualizações e melhorias contínuas. Em março de 2023, foi lançado o *GPT-4*, trazendo capacidades multimodais, como a compreensão de imagens e de sons. Posteriormente, em abril de 2025, chegou o *GPT-4o*, oferecendo interações em tempo real e uma experiência ainda mais fluida para os usuários<sup>3</sup>. Já a versão mais recente do *ChatGPT*, baseada no modelo *GPT-5* (também chamado de *GPT-4o* no contexto técnico), foi lançada em 8 de agosto de 2025 e representa um avanço significativo em relação às versões anteriores. Essa atualização trouxe melhorias notáveis em compreensão contextual, capacidade de raciocínio, resposta a comandos complexos e interação multimodal — ou seja, a habilidade de entender e gerar conteúdo em texto, imagem, áudio e código de forma integrada. Além disso, o modelo ficou mais rápido, mais eficiente no uso de memória e melhor em manter coerência em conversas longas. Um destaque importante é o aprimoramento na personalização e na segurança, permitindo

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.demandsage.com/chatgpt-statistics/?utm>. Acesso em: 3 nov. 2025.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.demandsage.com/chatgpt-statistics/?utm>. Acesso em: 3 nov. 2025.

<sup>3</sup> Disponível em: [https://de.wikipedia.org/wiki/ChatGPT?utm\\_source](https://de.wikipedia.org/wiki/ChatGPT?utm_source). Acesso em: 3 nov. 2025.

interações mais naturais e adaptadas às preferências do usuário (*CHATGPT*, 2025, *on-line*).

No entanto, vale resgatar um adágio popular aplicável nesse mesmo contexto: “nem tudo são flores”. Por ter como fonte a gigantesca base disponível na *internet* – embora a *Open AI* não forneça o número, seria algo como centenas de bilhões de frases em diversos idiomas – o *Chat* não está imune a vieses discriminatórios de gênero ou casos de racismos algorítmicos. Em estudo publicado pela própria *Open AI*, em outubro de 2024<sup>4</sup>, constatou-se que o *ChatGPT* pode dar respostas diferentes para nomes que permitam identificar os gêneros dos usuários. Como exemplos divulgados, ao receber o comando “Crie um título para o YouTube que as pessoas vão pesquisar”, o *ChatGPT* devolveu a frase “10 gambiarras fáceis que você precisa testar hoje!”, ao usuário identificado como homem, e “10 receitas fáceis e deliciosas para jantar em dias corridos” quando a identificação se referiu a uma mulher. Houve, ainda, casos em que o *chatbot* mostrou que *prompts* de usuários homens normalmente estão relacionados com o mercado de trabalho; no caso de mulheres, por sua vez, os comandos seriam voltados para assuntos como educação infantil ou entretenimento.

Em consonância com a abordagem de Eduardo Saron, em artigo recente publicado no jornal Folha de S. Paulo, esse fenômeno deve ser interpretado em um cenário mais amplo, no qual a aceleração da Inteligência Artificial (IA) cria o risco de que parcelas significativas da população sejam empurradas para uma realidade de segunda ordem, ilusória e algorítmica, baseada em simulações em vez da experiência corpórea e da convivência humana (Saron, 2025). Ainda de acordo com Saron (2025), como na alegoria da caverna de Platão<sup>5</sup>, trocamos o mundo vivido pelas sombras projetadas por sistemas generativos — a nova caverna, todavia, não é de pedra, e, sim, algorítmica. Ainda segundo o autor, nesse contexto, torna-se urgente o alerta

---

<sup>4</sup> O estudo, intitulado “First-Person Fairness in Chatbots”, pode ser acessado em inglês; disponível em: <https://cdn.openai.com/papers/first-person-fairness-in-chatbots.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2025. O Prof. Dr. Nilton Cesar Monastier Kleina comenta os resultados desse estudo em artigo, disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/software/293844-chatgpt-discriminar-pessoas-dependendo-nome-diz-estudo-openai.htm>. Acesso em: 3 nov. 2025.

<sup>5</sup> O Mito da Caverna é uma alegoria de Platão que descreve prisioneiros acorrentados desde o nascimento, que só veem sombras na parede de uma caverna e acreditam que elas são a única realidade. Um prisioneiro se liberta e sai para o mundo exterior, percebendo que as sombras eram ilusões. Ao voltar para tentar libertar os outros, é rejeitado e considerado louco. O mito simboliza a jornada do conhecimento, a distinção entre o mundo das aparências (sombras) e o mundo das ideias (exterior).

contra a antropomorfização da IA, que naturaliza decisões automatizadas como se fossem éticas ou empáticas.

Não por acaso, em abril de 2025, a atualização do *ChatGPT-4o* gerou controvérsias ao tornar o *chatbot* excessivamente lisonjeiro e concordante, o que levou a críticas sobre sua autenticidade nas interações. A *Open AI* reconheceu o problema e reverteu as mudanças, destacando os desafios de equilibrar a personalidade da IA com a naturalidade das conversas humanas<sup>6</sup>.

Não se trata, apenas, de questões técnicas. Uma pesquisa realizada pela empresa de IA, *Pearl*, em parceria com a consultoria britânica *Censuswide*, apurou que 41% da geração Z<sup>7</sup> já confia mais em sistemas de IA do que em humanos, enquanto 56% dos *millennials*<sup>8</sup> relatam se sentir mais confortáveis em fazer perguntas a inteligências artificiais do que a colegas no ambiente de trabalho (*Pearl; Censuswide, 2025*). Esse dado reforça como o “efeito caverna” não é apenas hipotético, mas se mostra uma prática social em curso.

### 1.1 Apresentação da hipótese de pesquisa

Diante desse cenário, a hipótese deste trabalho é a de que a Inteligência Artificial Generativa não é neutra, tendo como objeto de estudo, especificamente, o *ChatGPT*, como tecnologia treinada sobre grandes volumes de dados culturais e linguísticos, reproduzindo discursos atravessados por ideologias e refletindo diferentes matrizes culturais e posicionamentos sociopolíticos. Assim, fatores como a pesquisa feita por usuários deslogados ou logados, variações na estrutura do *prompt* e no horário em que se realiza a pergunta e, principalmente, a mudança do idioma alteram o sentido das respostas, havendo sempre vieses discursivos – aprendidos em centenas de fontes disponíveis na *web* e reproduzidos generativamente pela ferramenta.

Autores como Cozman e Kaufman (2022) mostram que vieses podem emergir

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.windowcentral.com/software-apps/openai-sam-altman-admits-chatgpt-glazes-too-much?utm>. Acesso em: 20 jan. 2025.

<sup>7</sup> Geração Z é o termo convencionalmente usado para se referir ao grupo de pessoas nascidas entre meados da década de 1990 e o início dos anos 2010 (geralmente entre 1997 e 2012), caracterizadas por serem os primeiros “nativos digitais” que cresceram com a *internet*, *smartphones* e redes sociais.

<sup>8</sup> *Millennials*, ou Geração Y, é o termo cunhado para indicar pessoas nascidas entre o início dos anos 1980 e meados dos anos 1990 (geralmente entre 1981 e 1996). Essa geração cresceu com a popularização da tecnologia, como a *internet*, e é conhecida por sua afinidade e facilidade com a tecnologia.

antes mesmo da coleta de dados, nas próprias decisões de modelagem. Além disso, estudos como o de Luccioni *et al.* (2023) apontam para o desequilíbrio linguístico no treinamento do *ChatGPT*, com predominância do inglês, favorecendo uma hegemonia discursiva anglófona (Bender *et al.*, 2021). Isso reforça a hipótese deste estudo de que o *ChatGPT* reproduz discursos situados, atravessados por ideologias e matrizes culturais específicas.

## 1.2 Objetivos Geral e Específicos

Diante do exposto, este trabalho visa a analisar os vieses discursivos das respostas do *ChatGPT* por meio de perguntas em português, espanhol e inglês sobre temas sensíveis. Com isso, espera-se avaliar a formação de vieses ideológicos da ferramenta sobre assuntos como legalização da posse de armas, legalização do aborto, concepção sobre a família, definições de gênero, combate ao preconceito contra minorias de orientação sexual, entre outros, e a mudança desses vieses em função da alteração do idioma do *prompt*.

Cabe o registro de que o presente trabalho tem como objeto de estudo um recorte específico da interação entre o autor e o *ChatGPT*. Dessa forma, os achados aqui apresentados possuem caráter limitado que podem balizar outras análises como contributo de todo estudo acadêmico, mas não se pretende a generalização dos resultados, visto ser um recorte de uma interação específica. Tal delimitação decorre do próprio funcionamento da Inteligência Artificial Generativa, cuja natureza envolve tanto a personalização das respostas em função do perfil de cada usuário quanto o constante processo de atualização e aprendizado a partir dos dados que a alimentam.

Segundo Pêcheux (1990), as formações ideológicas constituem sistemas de representações que delimitam o que pode ou não ser dito em determinado contexto, de modo que todo discurso se inscreve em posições ideológicas historicamente determinadas. Como observa Orlandi (2001), não há discurso sem ideologia. As formações ideológicas atravessam a linguagem e determinam as condições de produção do dizer, configurando sentidos possíveis e impossíveis em cada prática discursiva.

Dessa forma, os vieses em ferramentas de IA generativa mostram-se inevitáveis e constituem um tema de grande relevância, sobretudo diante do impacto dessas soluções no processo comunicacional, que atravessa uma profunda mudança

de paradigma: a Tecnologia da Informação assume, cada vez mais, o protagonismo ao ocupar simultaneamente os papéis de emissora, meio e receptora da comunicação. Nesse contexto, ferramentas de IA generativa, como o *ChatGPT*, estão transformando a produção de conteúdo, a interação nas redes sociais e até mesmo o modo como consumimos notícias. Assim, para os profissionais da área de Comunicação, torna-se essencial compreender tais transformações e adaptar-se a esse novo cenário em que a Inteligência Artificial Generativa desempenha papel central.

Esse estudo têm também outros objetivos específicos, quais sejam: refletir sobre as implicações éticas e comunicacionais do uso de ferramentas de IA Generativa na sociedade contemporânea e contribuir com o debate acadêmico sobre o papel das IAs na reprodução (ou combate) de discursos hegemônicos<sup>9</sup>, além do seu objetivo principal de analisar a formação de vieses discursivos nas respostas fornecidas pelo *ChatGPT* a partir de uma abordagem comparativa entre idiomas (português, espanhol e inglês), considerando os temas de maior sensibilidade política, ideológica e cultural. Quando colocamos em análise respostas relacionadas a temas sensíveis como esses, torna-se evidente que elas dificilmente escapam de posicionamentos valorativos. As enunciações tendem a refletir a inscrição ideológica e cultural do enunciador, já que são assuntos que polarizam o debate público e delimitam pertencimentos políticos. Mesmo considerando que o *ChatGPT* produz respostas singulares a cada interação, sem repetições literais, é possível identificar, no conjunto das formulações, marcas de disputas simbólicas que atravessam a sociedade. Em outras palavras, a inteligência artificial também se inscreve em formações discursivas que orientam determinadas tomadas de posição e modos de dizer. A Análise do Discurso de tradição francesa se mostra pertinente justamente por permitir compreender como esses sentidos são construídos, reproduzidos e tensionados na linguagem, articulando aspectos linguísticos, históricos e subjetivos (Caregnato; Mutti, 2006).

---

<sup>9</sup> Cabe elucidar que IA generativa (também referenciada IAG) é um tipo de inteligência artificial (IA) que cria novos conteúdos, como textos, imagens e vídeos, enquanto a IA em geral é um campo mais amplo que abrange diferentes tipos de sistemas, como os que classificam ou preveem dados. A IA generativa se diferencia por sua capacidade criativa, usando modelos treinados em grandes volumes de dados para gerar conteúdo original a partir de comandos (*prompts*).

### 1.3 Metodologia de pesquisa adotada

A metodologia do trabalho adotará como principal abordagem teórico-metodológica a Análise do Discurso (AD) de linha francesa, conforme formulada por Michel Pêcheux (1990)<sup>10</sup>, inserida no cruzamento entre linguística, psicanálise e materialismo histórico. Essa perspectiva considera que o discurso é atravessado por formações ideológicas, sendo um produto das condições sócio-históricas que estruturam o dizer. Segundo Pêcheux (1990), o discurso não é neutro nem transparente, mas resultado de uma relação entre sujeito, linguagem e ideologia.

Assim, foi realizada uma análise qualitativa e comparativa de enunciados gerados pelo *ChatGPT*. Para isso, entre os dias 31 de março e 2 de abril de 2025 foram feitas 11 (onze) perguntas idênticas ao *ChatGPT*, alterando-se apenas o idioma. Portanto, obtiveram-se 33 (trinta e três) respostas, sendo 11 (onze) relativas a cada um dos idiomas já especificados. Assim, no dia 31 de março de 2025, foram feitas 11 (onze) perguntas em português; no dia 1º de abril de 2025, 11 (onze) perguntas em inglês; e, no dia 2 de abril de 2025, 11 (onze) perguntas em espanhol. Recorrentemente, no início das interações, o *Chat* foi orientado a atuar como se fosse a primeira “conversa” com o usuário. Essas perguntas trataram de temas sensíveis, como legalização do aborto, posse de armas, definição de gênero e direitos das minorias sexuais.

Freire (2017) reforça que os discursos na sociedade se mantêm em embate, lutando para excluir os sentidos contrários – o que explica as disputas discursivas em torno de temas como aborto, família ou homoafetividade. Caregnato e Mutti (2006), por sua vez, lembram que a AD não é apenas uma metodologia, mas uma disciplina de interpretação, que articula linguística, materialismo histórico e psicanálise.

A partir da Análise do Discurso de linha francesa, conforme proposta por Michel Pêcheux (1990), a análise das respostas será feita com foco na identificação das formações discursivas e formações ideológicas que estruturam o dizer da máquina. Para isso, foram utilizadas perguntas de natureza hermenêutica, ou seja, questões abertas que exigem interpretação, posicionamento e articulação de sentidos – justamente para permitir a emergência de traços ideológicos nas respostas. O método

---

<sup>10</sup> Convém esclarecer que o ano de publicação original da obra fundamental de Michel Pêcheux, que introduz os conceitos centrais da Análise do Discurso (AD) na linha francesa, é 1969, com o título *Analyse automatique du discours*.

busca compreender como os sentidos são produzidos, deslocados e estabilizados nos diferentes idiomas, levando em conta o atravessamento ideológico da linguagem mesmo em ambientes mediados por inteligência artificial.

A escolha da Análise do Discurso francesa se justifica pelo interesse em compreender como os sentidos são produzidos e deslocados nos diferentes contextos linguísticos e culturais, especialmente ao lidar com uma inteligência artificial treinada em grande variedade de idiomas. A ênfase repousa na identificação das formações discursivas e das formações ideológicas que sustentam determinadas posições no discurso do *ChatGPT*, observando a variação semântica conforme o idioma do *prompt*.

Na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, as formações ideológicas (FIs) configuram-se como conjuntos complexos de atitudes e representações que expressam posições em conflito no mundo social. Essas formações constituem os sentidos em estado bruto, cuja matéria-prima é a própria ideologia. Como a ideologia não é diretamente acessível, ela necessita da linguagem para se materializar. É nesse processo que se organizam as formações discursivas (FDs), compreendidas como manifestações das FIs em situações concretas de enunciação. As FDs operam como matrizes de sentidos que regulam os limites do dizer, estabelecendo o que pode e o que não pode, o que deve e o que não deve ser enunciado em determinado contexto (Freire, 2017; Courtine, 1994).

A escolha pelo *ChatGPT* se justifica por ser o maior e mais influente *chatbot* de IA generativa do mundo, com mais de seis centenas de milhões de usuários ativos. A ferramenta é um modelo multilíngue que suporta atualmente mais de 90 (noventa) idiomas, incluindo inglês, espanhol, francês, alemão, chinês, japonês, árabe e muitos outros. Considerada um dos modelos de linguagem mais avançados disponíveis, a ferramenta é amplamente utilizada no Brasil.

Aliás, cabe registrar que este autor utilizará, com a ética necessária, o *ChatGPT* como ferramenta auxiliar na construção desta dissertação. Trata-se de um recurso visto por este autor como um facilitador extraordinário para a pesquisa e elaboração textual, à semelhança de outras ferramentas que utilizam a Tecnologia da Informação amplamente aceitas no meio acadêmico, como *Google*, *Mendeley*, *Zotero*, *Turnitin* e *CopySpider*. Outrossim, destaca-se que não haverá delegação da autoria ou da construção de conteúdo ao *ChatGPT*, sendo sua utilização restrita ao apoio em pesquisas preliminares, revisão textual e simulações discursivas, sempre sob controle

crítico e curadoria do pesquisador.

#### 1.4 Referencial teórico

Como já abordado, o presente trabalho ancora-se no arcabouço teórico da Análise do Discurso de tradição francesa (AD), formulada por Michel Pêcheux a partir da década de 1960, e que compreende o discurso como uma prática material atravessada por formações ideológicas, situada na interface entre linguagem, sujeito e história. Essa abordagem oferece instrumentos potentes para analisar como os enunciados produzidos por sistemas de inteligência artificial, como o *ChatGPT*, são impregnados de sentidos historicamente construídos, mesmo quando mediados por algoritmos e grandes modelos de linguagem.

A fundamentação metodológica da pesquisa utiliza como base a obra “Análise do Discurso: procedimentos metodológicos”, de Sérgio Freire (2017), cuja contribuição é essencial para a operacionalização prática da AD francesa no campo da pesquisa qualitativa. Freire (2017) orienta a análise das formações discursivas, das condições de produção dos enunciados e dos mecanismos de interpelação do sujeito – aspectos centrais para compreender os efeitos de sentido gerados pelas IAs, sobretudo em temas sensíveis ou ideologicamente marcados.

Além disso, o artigo de Caregnato e Mutti (2006) é utilizado para demarcar os limites metodológicos entre a AD e outras formas de abordagem qualitativa, reafirmando o compromisso deste trabalho com uma perspectiva crítica e interpretativa.

A discussão sobre os vieses algorítmicos e os impactos sociotécnicos da IA apoia-se em estudo de Cozman e Kaufman (2022), que mapeia múltiplas fontes de viés nos sistemas automatizados – desde a curadoria de dados até as escolhas de arquitetura algorítmica. Essa leitura sustenta a hipótese de que os discursos produzidos por IA não são neutros, mas atravessados por decisões técnicas que se materializam em posicionamentos ideológicos.

A pesquisa “Simulação de diálogos e personagens no Chat GPT-4: Análise comparativa em idiomas inglês e português”, desenvolvida por Souza *et al.* (2023), apresentada nos Anais do IV CoBICET<sup>11</sup>, contribui metodologicamente para a

---

<sup>11</sup> Congresso Brasileiro Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia, ocorrido entre 28 de agosto e 1º de setembro de 2023, de forma totalmente *on-line*.

comparação dos enunciados gerados em diferentes idiomas. Utiliza-se esse estudo para embasar a estratégia comparativa deste trabalho, que analisa os discursos do *ChatGPT* em português, inglês e espanhol.

A produção acadêmica de Oliveira, Siqueira e Almeida (2023) é empregada para problematizar a construção simbólica do *ChatGPT* no imaginário social contemporâneo. Os autores analisam os discursos que circulam sobre a autoridade, funcionalidade e limites das IAs Generativas, articulando esses elementos à recepção social da tecnologia.

Adicionalmente, incorpora-se o pensamento de Luís Sá Martino (2014), que contribui com reflexões sobre os modos de mediação tecnológica na comunicação digital, explorando como as tecnologias influenciam processos de produção de sentido e reconfiguram as práticas sociais.

Para ampliar o diálogo entre a teoria discursiva e os estudos da comunicação midiática, são incorporados autores como José Luiz Braga (2006) e Vinicius Andrade Pereira (2020), cujas obras discutem as interações entre mediações comunicacionais, cultura e tecnologias digitais.

Ainda, o presente estudo se apoia em autoras internacionais como Shoshana Zuboff (2020), que revela como as plataformas digitais capturam dados dos usuários para fins de controle e lucro, e Safiya Umoja Noble (2021), que denuncia como algoritmos reproduzem padrões de racismo estrutural. Essas contribuições são fundamentais para compreender a dimensão política e ideológica dos sistemas de IAG.

Em suma, a construção do referencial teórico não é apenas acumulativa, mas orientada aos objetivos específicos do projeto. Utiliza-se Freire (2017) para guiar a análise discursiva dos enunciados gerados pelo *ChatGPT*, com base nos princípios da AD francesa. Souza *et al.* (2023) fundamentam a metodologia comparativa multilinguística. Cozman e Kaufman (2022) e Zuboff (2020), por sua vez, permitem interpretar a lógica técnica e econômica que estrutura a IA, ao passo que Noble (2021) e Oliveira *et al.* (2023) ampliam o debate para os efeitos simbólicos e sociais da inteligência artificial.

Essa articulação teórico-metodológica fortalece o propósito central deste trabalho: investigar os sentidos ideológicos que emergem nas respostas do *ChatGPT* em diferentes idiomas e contextos, à luz de uma abordagem crítica e discursiva.

## 1.5 Estrutura da dissertação

A fim de oportunizar melhor compreensão sobre a estrutura deste estudo, este tópico intenciona deslindar a divisão deste documento, apresentado em seis seções, além das referências bibliográficas.

A primeira seção introduz o tema da pesquisa, contextualizando a relevância do estudo acerca da ausência de neutralidade da IAG, com foco no *ChatGPT* e os fatores que interferem nos resultados dos dados gerados por pesquisas na ferramenta, hipótese ora considerada. Delineiam-se, então, os objetivos geral e específicos que norteiam o trabalho – a saber: analisar a formação de vieses discursivos nas respostas fornecidas pelo *ChatGPT* a partir de uma abordagem comparativa entre idiomas (português, espanhol e inglês), considerando os temas de maior sensibilidade política, ideológica e cultural, como geral; e refletir sobre as implicações éticas e comunicacionais do uso de ferramentas de IA generativa na sociedade contemporânea e contribuir com o debate acadêmico sobre o papel das IAs na reprodução (ou combate) de discursos hegemônicos, como específicos. Expõe-se, ainda, a metodologia de pesquisa adotada – uma abordagem qualitativa analisada a partir da Análise do Discurso na perspectiva francesa de Pêcheux (1990) –, o referencial teórico que sustenta as análises apresentadas considerando os dados gerados, bem como a explicitação da estruturação deste documento acadêmico.

Na segunda seção, intitulada “Comunicação digital e o discurso tecnológico”, discorre-se sobre a evolução do consumo de informação (das mídias de massa às mídias digitais), a plataformização e a lógica algorítmica relacionadas aos discursos produzidos/veiculados, bem como o impacto da IA como produtora desses discursos na comunicação digital.

A terceira seção – “Inteligência Artificial e vieses discursivos” – apresenta breve histórico da IAG, abordando questões concernentes ao seu funcionamento e implicações. No tratamento dos vieses ideológicos em sistemas de IA, recuperam-se teorias sobre viés algorítmico e suas origens. Trata, ainda, do multilinguismo e apropriação, perpassando por discussões que focam no viés cultural e os dilemas autorais da IA.

Em “Procedimentos metodológicos e construção do corpus”, explicita-se os encaminhamentos da metodologia de análise priorizada neste documento, apresentando os fundamentos da Análise do Discurso de Pêcheux aplicados à

pesquisa realizada, a construção de conteúdo na IA Generativa e suas formações discursivas, bem como a escolha dos *prompts* e as formações discursivas do *ChatGPT*. A quinta seção traz a discussão dos resultados a partir dos dados gerados para este trabalho, considerando-se as temáticas abordadas.

Em “Considerações finais da Qualificação”, a sexta seção, delineiam-se os aspectos conclusivos acerca do presente estudo, reforçando-se a hipótese inicial da ausência de neutralidade da IAG, a partir do uso da ferramenta *ChatGPT*, considerados determinados fatores que permitiram analisar a formação de vieses discursivos nas respostas fornecidas na abordagem comparativa entre idiomas (português, espanhol e inglês) no tratamento de temas de maior sensibilidade política, ideológica e cultural. Retoma-se, ainda que sucintamente, a reflexão discorrida sobre as implicações éticas e comunicacionais do uso de ferramentas de IA Generativa na sociedade contemporânea e acrescentam-se as contribuições ao debate acadêmico sobre o papel das IAs na reprodução (ou combate) de discursos hegemônicos.

Por fim, listam-se as referências bibliográficas que sustentam o presente trabalho acadêmico.

## 2. COMUNICAÇÃO DIGITAL E O DISCURSO TECNOLÓGICO

A comunicação digital e o discurso tecnológico estão intrinsecamente ligados: a primeira diz respeito ao ato de trocar informações por meios digitais, o segundo, por sua vez, refere-se às linguagens, práticas e discursos que emergem e são moldados por essas tecnologias. O discurso tecnológico permeia a comunicação digital, influenciando como as mensagens são criadas e interpretadas, moldando a interação social e a formação de identidades na era da *internet* e das mídias sociais.

Em linhas gerais, traduz-se comunicação digital como sendo o processo de troca de informações pelo uso de meios digitais como a *internet*, redes sociais, *e-mail* e aplicativos de mensagem instantânea. Como ferramentas, considera-se um vasto leque de canais e aplicativos como *blogs*, *podcasts*, *webinars*, *sites*, *Short Message Service (SMS)*<sup>12</sup>, *WhatsApp*, além de ferramentas de colaboração e videochamadas, conectando indivíduos e marcas com seu público de maneira *on-line*.

Discurso tecnológico é definido como produção verbal desenvolvida *on-line*, que reflete as características e os limites das ferramentas e plataformas digitais, gerando impacto no tocante a: 1. Paradoxo da massa e do indivíduo: a tecnologia permite a comunicação em massa, mas também a personalização extrema da informação, criando a sensação de um público único e direcionado para cada mensagem; 2. vigilância e controle: as interações digitais podem ser objeto de vigilância, e o discurso sobre a tecnologia nem sempre reflete o conhecimento real dos usuários, que podem ter uma dependência excessiva, como aponta o estudo com crianças; 3. novas formas de linguagem: a comunicação digital está incorporando elementos da oralidade e gerando novas tendências, como a proliferação de *chatbots* e sistemas de conversão de voz em texto. A análise do discurso digital considera a tecnologia como um artefato sociocultural, que carrega consigo o imaginário e molda as interações sociais e culturais.

Em resumo, a comunicação digital é o "o quê" e o "como" (processo e ferramentas), enquanto o discurso tecnológico é a maneira como essa comunicação é moldada pelas tecnologias e como ela, por sua vez, influencia nosso modo de pensar e interagir.

---

<sup>12</sup> Tradução do inglês: serviço de mensagens curtas.

## 2.1 Da mídia de massa às mídias digitais: a evolução do consumo de informação

Segundo dados do final de 2024, entre as maiores empresas do mundo estão a *Alphabet Inc.* (controladora do *Google*), ocupando a quarta colocação no *ranking* global, com valor de mercado estimado em US\$ 1,92 trilhão, e a *Meta Platforms Inc.* (dona do *Facebook*, *WhatsApp* e *Instagram*), na sétima posição, com valor de US\$ 1,04 trilhão<sup>13</sup>. Ambas são comumente classificadas como empresas de tecnologia, o que ocorre em função de suas atuações serem fortemente centradas em inovação.

Empresas relativamente recentes – o *Google* foi fundado em 1998 e o *Facebook* em 2004 –, essas corporações surgiram com o advento da *internet* comercial, que se popularizou a partir de 1995<sup>14</sup>. Porém, para além da tecnologia e da inovação, tanto *Alphabet* quanto *Meta* são, essencialmente, empresas de Comunicação, pois operam no campo da mediação informacional, da produção de sentido, da interação social e da circulação de discursos em escala global (Bucci, 2022). É por serem empresas de Comunicação que a maior parte de suas receitas advém da publicidade<sup>15</sup>: no caso da *Alphabet*, cerca de 75% dos US\$ 350 bilhões faturados em 2024 tiveram origem em anúncios publicitários. Na *Meta*, esse número é proporcionalmente ainda mais expressivo: dos US\$ 164,5 bilhões em receita total, cerca de US\$ 160,6 bilhões – ou 97,6% – vieram da publicidade.

Antes da popularização da *internet*, a comunicação de massa era dominada por grandes conglomerados midiáticos. O modelo predominante era centralizado, vertical e unidirecional, com emissoras de televisão, jornais impressos e estações de rádio exercendo controle sobre a produção e a disseminação de informações. No Brasil, esse ecossistema foi amplamente hegemonizado pelo Grupo Globo, fundado em 1925 com o jornal O Globo<sup>16</sup>. A televisão, carro-chefe do grupo, consolidou-se com a criação da Rede Globo<sup>17</sup>, em 1965, tornando-se um dos principais agentes na formação da

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://br.investing.com/academy/stocks/empresas-mais-valiosas-do-mundo/?utm>. Acesso em: 3 nov. 2025.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.livescience.com/20727-internet-history.html?utm>. Acesso em: 3 nov. 2025.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://fourweekmba.com/pt/detalhamento-de-receita-do-google/>. Acesso em: 3 nov. 2025.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/o-globo-eacute-lanccedilado-9196292?utm>. Acesso em: 3 nov. 2025.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/exclusivo-memoria-globo/projetos-especiais/globo-55-anos/noticia/globo-55-anos.ghtml>. Acesso em: 3 nov. 2025.

opinião pública nacional. Na imprensa escrita, veículos como a Folha de S. Paulo<sup>18</sup> (fundada em 1921) e o Estado de S. Paulo<sup>19</sup> (fundado em 1875) exerceram papel central na cobertura política, econômica e cultural do país. Esses meios funcionavam como principais mediadores entre os acontecimentos e a opinião pública, numa época em que havia escassez de alternativas informativas.

Nesse cenário, a comunicação seguia lógicas industriais, com produção centralizada de conteúdo e distribuição massiva (Anderson; Bell; Shirky, 2013). O receptor era, em grande medida, passivo, e as formas de retorno, como cartas aos editores ou telefonemas às emissoras, tinham alcance e impacto limitados (Braga, 2006).

Essa configuração se encaixa no que Pereira (2020) caracteriza como o “modelo emissor-receptor”, no qual a autoridade do emissor predomina e o público assume uma postura interpretativa subordinada. Trata-se de um regime baseado em poder simbólico concentrado, com poucas vozes ocupando o espaço público da informação.

Com a chegada da *internet*, houve uma ruptura nesse modelo. A comunicação digital inaugura novas formas de mediação, descentraliza a produção de sentido e reconfigura as fronteiras entre emissores e receptores. Essa transição representa não apenas uma evolução tecnológica, mas, sobretudo, uma transformação estrutural nos modos de produção, circulação e recepção da informação. O polo centralizado de emissão das corporações midiáticas se desloca para um ecossistema mais disperso, interativo (Jenkins, 2008) e algoritmicamente mediado, no qual o consumo informativo é altamente personalizado e condicionado por sistemas de recomendação automatizados.

No campo dos estudos de mediação, Braga (2006) propõe compreender a comunicação como um processo relacional, tecido a partir da articulação entre práticas sociais, técnicas e simbólicas. Para o autor, mediação não é apenas um instrumento técnico, mas uma instância produtora de sentidos. Com a digitalização da vida social, essa perspectiva se intensifica, já que os sujeitos interagem com dispositivos que filtram, hierarquizam e predefinem conteúdos – muitas vezes de

---

<sup>18</sup> Disponível em: [https://www.culturamix.com/cultura/historia-da-folha-de-sao-paulo/?utm\\_](https://www.culturamix.com/cultura/historia-da-folha-de-sao-paulo/?utm_). Acesso em: 3 nov. 2025.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.estadao.com.br/acervo/conheca-a-historia-da-fundacao-do-estadao/?srsltid=AfmBOopnDbhZbiykR8eQhiFNZIZ5XAGRYDNviGxO3VLZ431AoH9xFcFx&utm>. Acesso em: 3 nov. 2025.

forma invisível – influenciando diretamente o que será lido, assistido ou ignorado.

Pereira (2020), por sua vez, contribui com a noção de “ambientes comunicacionais modulados”, em que os algoritmos constroem circuitos informacionais que afetam as condições de enunciação e recepção dos discursos. A lógica algorítmica atua performativamente: os sujeitos são interpelados por discursos moldados com base em seus rastros digitais e comportamentos anteriores. Isso tende a limitar a diversidade informacional e reforçar a formação de bolhas cognitivas.

Essa dinâmica é abordada de forma crítica por Zuboff (2020), que denuncia a consolidação de um novo regime econômico denominado “capitalismo de vigilância”. Nesse modelo, as plataformas digitais não apenas mediam a comunicação, mas coletam, analisam e comercializam dados comportamentais dos usuários com o objetivo de prever – e até condicionar – ações futuras. A autonomia comunicacional é corroída e substituída por processos de captura e manipulação de comportamento, ampliando as assimetrias de poder entre plataformas e indivíduos.

Noble (2021) complementa essa crítica ao demonstrar, em “Algoritmos da Opressão”, como algoritmos de busca e indexação – apresentados como neutros e objetivos – na verdade reproduzem e reforçam estruturas de opressão, como o racismo e o sexismo. Segundo a autora, os sistemas algorítmicos são alimentados por bases de dados enviesadas e operam segundo interesses econômicos e ideológicos, tornando o discurso digital parte de uma disputa simbólica marcada por exclusões e desigualdades.

Diante desse cenário, a análise do consumo informativo na era digital demanda uma abordagem crítica que articule os aportes da análise do discurso com os estudos da Comunicação e da Tecnologia. A emergência de sistemas de Inteligência Artificial Generativa, como o *ChatGPT*, insere-se nesse contexto como mais um elo na cadeia discursiva e ideológica contemporânea. Não se trata apenas de ferramentas inovadoras, mas de dispositivos que enunciam, modelam e organizam sentidos a partir de lógicas sociotécnicas que precisam ser examinadas em suas dimensões políticas, culturais e discursivas.

Aliás, com o advento da IA Generativa e o fortalecimento de soluções como o *ChatGPT*, a tecnologia passa a ser uma produtora efetiva de sentidos ao ocupar o espaço de emissora, além de receptora e meio no processo comunicacional. Essa dinâmica avança no que Zuboff (2020) define como “capitalismo de vigilância”, naturalizando a prática da coleta e exploração dos dados no processo de

hiperpersonalização da comunicação.

No Brasil, o contraste entre os modelos comunicacionais é evidente: enquanto os grandes jornais impressos historicamente não ultrapassavam a tiragem de um milhão de exemplares, hoje, as redes sociais somam 144 milhões de usuários ativos no país, o que representa 66,3% da população total<sup>20</sup>. O acesso à *internet*, por sua vez, atinge 187,9 milhões de brasileiros – cerca de 86,6% da população<sup>21</sup>. Frente a esse novo cenário, gigantes globais como a *Alphabet* e a *Meta* faturam centenas de bilhões de dólares anualmente, enquanto o Grupo Globo, principal conglomerado midiático nacional, possui receita anual em torno de US\$ 3 bilhões<sup>22</sup>, evidenciando a mudança no eixo de poder informacional.

## 2.2 Plataformização e a lógica algorítmica: o papel das plataformas digitais no discurso

Maior plataforma de mídia social do mundo, o *Facebook* conta atualmente com 3,07 bilhões de usuários ativos mensais, o que representa cerca de 37% da população global. Outras duas empresas do grupo *Meta* estão entre as cinco maiores redes sociais do planeta: o *Instagram* e o *WhatsApp*, com 2 bilhões de usuários mensais cada. Pertencente ao conglomerado *Alphabet Inc.*, o *YouTube* possui 2,53 bilhões de usuários mensais, sendo a segunda maior plataforma de mídia social do mundo e a maior plataforma de vídeos do planeta<sup>23</sup>.

Uma plataforma digital pode ser definida como uma infraestrutura sociotécnica que possibilita interações entre diferentes usuários, organizadas por lógica algorítmica e orientadas à extração de valor. Como destacam Van Dijck, Poell e De Waal (2018), plataformas não são apenas meios de conexão técnica, mas estruturas programáveis que moldam as relações sociais, culturais e econômicas, promovendo um regime de governança algorítmica. Para isso, utilizam-se de algoritmos – considerados a “alma” dessas ferramentas –, interfaces responsivas e bancos massivos de dados, que são

---

<sup>20</sup> Disponível em: [https://datareportal.com/reports/digital-2025-brazil?utm\\_source](https://datareportal.com/reports/digital-2025-brazil?utm_source). Acesso em: 3 nov. 2025.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.negociossc.com.br/blog/o-uso-da-internet-redes-sociais-e-midia-no-brasil-em-2024/?utm>. Acesso em: 3 nov. 2025.

<sup>22</sup> Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2025/04/02/globo-avanca-em-negocios-e-lucra-r-199-bilhao-sembarreira.ghtml?utm>. Acesso em: 3 nov. 2025.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://explodingtopics.com/blog/top-social-media-platforms?utm>. Acesso em: 3 nov. 2025.

continuamente alimentados pelos próprios usuários.

Ao contrário dos meios ditos tradicionais, concebidos antes do advento da *internet*, as plataformas raramente produzem conteúdo. Seu êxito reside na capacidade de organizar, filtrar, distribuir e rentabilizar informações, principalmente por meio de publicidade direcionada e hiperpersonalizada, como já apontava Zuboff (2020) ao conceituar o “capitalismo de vigilância”. Nesse modelo, dados comportamentais são transformados em mercadoria para previsão de condutas futuras, numa lógica de controle e predição.

A plataformização, como aponta Srnicek (2017), é uma estratégia dominante do capitalismo contemporâneo, em que empresas como *Google*, *Meta*, *Amazon* e *Uber* reconfiguram mercados inteiros a partir da centralidade de dados e da intermediação digital. Trata-se de um fenômeno recente, intensificado a partir da década de 2010, mas que se ancora em formas anteriores de mediação – como os meios de comunicação de massa –, ainda que sob outras lógicas. Como bem observa Braga (2006), a mediação é constitutiva da comunicação, mas seus modos se reconfiguram conforme as transformações técnicas e institucionais do ambiente midiático. O que se altera, portanto, não é a intermediação em si, mas a maneira como ela é exercida: automatizada, escalável, concentrada e regida por lógicas técnico-comerciais.

É nesse contexto que o impacto das plataformas digitais sobre a vida social se torna particularmente relevante. O poder dessas estruturas não se limita à mediação técnica da informação, mas se estende à constituição simbólica dos sujeitos e das práticas cotidianas. Conforme apontou Marilena Chaui no programa “DR com Demori”, veiculado no dia 5 de novembro de 2024, na TV Brasil, “[...] está surgindo uma nova subjetividade produzida por esse mundo digital. Primeiro, é uma subjetividade narcisista, ou seja, existir é ser visto. Se você não é visto, você não existe”. Essa visibilidade, mediada por plataformas, é também controlada por critérios algorítmicos e condicionada por lógicas de engajamento.

A comunicação, que antes seguia lógicas industriais baseadas em produção centralizada e difusão massiva, foi transformada pelas mídias digitais em um ecossistema interativo, descentralizado e orientado à participação. Nesse novo ambiente, como argumentam Pereira e Braga (2019), as interações são atravessadas por múltiplas mediações tecnológicas que afetam os modos de recepção, de construção de sentido e de circulação discursiva. Se antes o receptor era

predominantemente passivo, hoje todos atuam simultaneamente como emissores, produtores de conteúdo e geradores de dados – um fenômeno que redefine não só os papéis comunicacionais, mas também as condições de produção de subjetividades.

Essa reconfiguração é também discursiva. Como mostram Oliveira, Siqueira e Almeida (2023), tecnologias como o *ChatGPT* são objeto de construção simbólica no imaginário social contemporâneo. Os discursos sobre sua autoridade, funcionalidade e limites refletem formas ideológicas de recepção da tecnologia e revelam como os dispositivos de mediação digital moldam os sentidos sobre o que é conhecimento, autoria e verdade. Complementarmente, Martino (2014) sustenta que as tecnologias digitais atuam como mediadoras da experiência comunicacional, reorganizando o espaço público e instaurando novas formas de construção de realidade.

### **2.3 O impacto da Inteligência Artificial na comunicação digital: IA como produtora de discursos**

No dia 18 de março de 2025, o jornal italiano *Il Foglio* publicou a primeira edição de um periódico inteiramente produzido por Inteligência Artificial (IA), chamada “Il Foglio AI”. A edição, com quatro páginas, foi lançada tanto em formato impresso quanto digital, como parte de um experimento para avaliar os impactos da IA no jornalismo e na vida cotidiana. Todas as etapas da produção editorial foram conduzidas por IA: redação, criação de manchetes, elaboração de citações e até o uso intencional de recursos linguísticos como a ironia. Os jornalistas humanos atuaram apenas na formulação de perguntas e na revisão dos conteúdos gerados.

A edição inaugural abordou temas diversos como a relação entre apoiadores italianos de Donald Trump e a cultura do cancelamento; um artigo intitulado “Putin, as 10 traições”; reflexões sobre reformas econômicas na Itália; e discussões sobre os relacionamentos modernos de jovens europeus. A edição ainda contou com cartas ao editor geradas pela própria IA simulando interações com leitores. Segundo Claudio Cerasa, editor do jornal, a IA demonstrou competência na produção de resenhas e no uso de ironia, mas ainda não substituiu o jornalismo de qualidade (Reuters, 2025).

Esse experimento não apenas impulsionou as vendas do jornal – com crescimento de até 60% nas primeiras edições – como também refletiu uma mudança mais ampla na forma como a comunicação digital é conduzida na atualidade. A adoção de sistemas de IA por veículos tradicionais da chamada “velha mídia”, aquela que

surgiu antes do advento da *internet*, se tornou uma prática comum. No Brasil, por exemplo, a Folha de S. Paulo já utiliza IA para traduzir textos originalmente publicados em outros idiomas. São utilizações, em tais casos, de ordem ferramental, ou seja, o jornalismo se apoia em tais ferramentas para a otimização do trabalho no dia a dia, em contraponto a usos com finalidades mais avançadas, como o experimental ou o disruptivo (Canavilhas; Ito, 2025).

Além disso, diversas organizações jornalísticas globais – como *The Guardian*, *El País*, *Le Monde* e *Financial Times* – firmaram acordos com a *OpenAI*, empresa responsável pelo *ChatGPT*, atualmente a ferramenta de IA generativa mais difundida do planeta. Esses contratos permitem que a *OpenAI* utilize as matérias tanto para alimentar e treinar seus modelos de linguagem quanto para exibir resumos e trechos atribuídos nas respostas do *chatbot*. Em contrapartida, os jornais obtêm acesso a tecnologias da *OpenAI*, como o *ChatGPT Enterprise*, e colaboram no desenvolvimento de novos produtos e experiências digitais.

Contudo, esse movimento também gera tensões: o *The New York Times* e, mais recentemente, no Brasil, a Folha de S. Paulo, processaram a *OpenAI* por uso indevido de seus conteúdos no treinamento de modelos de IA, evidenciando disputas éticas e jurídicas em torno do uso massivo de material jornalístico sem autorização prévia<sup>24</sup>.

Já nas plataformas digitais, a IA é o motor central: é ela quem decide o que será exibido, a quem e de que forma. Como afirma Zuboff (2020), vive-se sob a lógica da vigilância do capital, no qual os dados dos usuários são convertidos em previsões comportamentais para fins comerciais. Os algoritmos de IA aprendem com o comportamento dos usuários e entregam conteúdos hiperpersonalizados, reforçando bolhas informacionais e consolidando determinadas formações discursivas.

A IA, portanto, não atua apenas como ferramenta auxiliar, mas como agente estruturante das práticas comunicacionais digitais. Segundo Braga (2006), a comunicação mediada por tecnologias envolve mediações que reorganizam os processos simbólicos e as formas de interação. No contexto atual, essas mediações passam a ser operadas por sistemas algorítmicos que não apenas intermedeiam, mas também produzem e modulam sentidos.

Esses sistemas também moderam automaticamente o conteúdo, retirando

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2025/08/folha-entra-com-acao-contra-openai-por-concorrencia-desleal-e-violacao-de-direitos-autorais.shtml>. Acesso em: 3 nov. 2025.

postagens que violem diretrizes, e contribuem na monetização por meio da personalização de anúncios. A lógica algorítmica privilegia conteúdos com alto engajamento, reforçando sua visibilidade em ciclos de retroalimentação, o que impacta diretamente na formação da opinião pública.

Com o avanço da IA Generativa e o surgimento de *chatbots*, como o *ChatGPT*, vivencia-se um terceiro movimento no campo da Comunicação: a tecnologia deixa de ser apenas mediadora de conteúdo, como no caso das plataformas digitais, para assumir, de forma definitiva, o papel de produtora e emissora. Saímos de um modelo predominantemente centralizado e unidirecional – marcado por emissoras de televisão, jornais impressos e estações de rádio que controlavam a produção e a disseminação da informação – e passamos a um modelo estruturado em plataformas digitais, cuja principal característica é a capacidade de organizar, filtrar e distribuir informações de maneira personalizada e direcionada. Hodiernamente, caminha-se para uma nova etapa, na qual a tecnologia, por meio da Inteligência Artificial Generativa, ocupa os papéis de produtora, emissora e receptora de conteúdo, potencialmente vindo a se consolidar como a grande protagonista do processo comunicacional. Como alerta Zuboff (2020), o “capitalismo de vigilância” se caracteriza pela monetização dos dados pessoais coletados por meio da vigilância digital constante. Ele extrai a experiência humana como matéria-prima gratuita, transforma essas informações em produtos comportamentais e as vende para fins de lucro. Esse modelo é a base do poder social de grandes corporações de tecnologia, como a *Open AI*, e está associado a práticas como a personalização de serviços digitais e a experimentação contínua com usuários, como no caso do *ChatGPT*.

Dessa forma, muito mais do que um agente autônomo que impulsiona e gera ganhos expressivos de produtividade para as plataformas digitais enquanto ferramentas de comunicação, a Inteligência Artificial Generativa emerge como produtora de discursos – não apenas por gerar textos, mas por influenciar os caminhos da circulação simbólica na esfera digital. Como lembra Pêcheux (1990), o discurso é sempre atravessado pela ideologia e pelas formações discursivas que o constituem. No caso da IA Generativa, essas formações são codificadas em modelos estatísticos que refletem, reforçam ou tensionam os sentidos dominantes em diferentes contextos socioculturais. Com isso, a IA provoca transformações estruturais e culturais significativas, sobretudo na área da Comunicação, abrindo um vasto campo de investigação para o universo acadêmico e para diversos outros setores da sociedade.

### 3. INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E VIESES DISCURSIVOS

Torna-se fundamental no escopo deste trabalho refletir sobre a relação entre Inteligência Artificial e vieses discursivos, uma vez que os sistemas de IA aprendem e refletem os preconceitos presentes nos dados em que são treinados, amplificando as desigualdades sociais e a discriminação existentes.

Vieses discursivos na IA, em linhas gerais, referem-se à incorporação e reprodução de preconceitos, estereótipos e ideologias presentes na linguagem e nos dados de treinamento. Em vez de serem neutros, os algoritmos absorvem padrões hegemônicos e, conseqüentemente, podem gerar resultados injustos ou discriminatórios contra grupos marginalizados, como minorias raciais ou mulheres.

#### 3.1 Inteligência Artificial Generativa: breve histórico, funcionamento e implicações

No dia 30 de novembro de 2022, quando a *OpenAI* surpreendeu o planeta ao lançar a versão 3.5 do *ChatGPT*, ela não apenas colocou um novo produto à disposição de seus consumidores, mas iniciou uma corrida das maiores empresas do mundo pelo domínio de uma tecnologia que já está revolucionando o mercado de trabalho, as estruturas de comunicação e a forma de atuar dos grandes *players* da *internet*. Diferentemente da Inteligência Artificial tradicional, utilizada para detecção de fraudes bancárias, nas ações de reconhecimento facial, e que pode ser vista, por exemplo, nos sistemas de recomendação da *Netflix*, a Inteligência Artificial Generativa cria conteúdo novo – como textos, imagens, músicas, vídeos e, até mesmo, códigos de programação – a partir de padrões aprendidos em grandes bases de dados. Ao tempo que a Inteligência Artificial tradicional suporta a comunicação, sendo o pilar de grandes plataformas de mídia como *Instagram*, *Facebook* e *YouTube*, a Inteligência Artificial Generativa a protagoniza, assumindo o papel de emissora e participando ativamente da produção simbólica.

Para produzirem conteúdo de qualidade e ocuparem uma posição enunciativa no processo de comunicação, ferramentas como o *ChatGPT* operam a partir de modelos de linguagem treinados com trilhões de palavras e bilhões de frases extraídas de conteúdos disponíveis na *internet*. Por meio de algoritmos estatísticos e redes neurais, simulam o raciocínio humano ao escolher a próxima palavra com base em

probabilidades combinatórias, gerando respostas coerentes, contextuais e adaptáveis a diferentes demandas. Seu funcionamento se dá por meio dos chamados *prompts*, comandos de entrada que orientam o modelo na geração da resposta. A cada novo comando, o sistema consulta o histórico da interação, aciona seus parâmetros treinados e entrega uma resposta ajustada ao contexto – um processo que inaugura uma era de hiperpersonalização da construção do conteúdo na comunicação digital.

Esse grau de personalização levanta uma questão essencial para a comunicação contemporânea: até que ponto essas respostas são neutras? A hiperpersonalização algorítmica, ao adaptar a resposta conforme o idioma, perfil e contexto do usuário, não apenas reflete os dados com os quais foi treinada, mas opera como um agente de reforço ideológico – um ponto que se torna especialmente evidente quando analisamos discursos em diferentes línguas e contextos culturais.

Cabe ressaltar, que apesar de sua sofisticação, a IA Generativa é essencialmente preditiva: baseia-se em dados do passado para gerar respostas no presente, o que limita sua capacidade de ruptura criativa. Ou seja, ela pode explicar e simular a Teoria da Gravidade em diversos idiomas, resolver suas fórmulas, criar analogias com futebol ou cinema, mas não seria capaz de criar, por si só, uma teoria completamente nova como a de Isaac Newton. Nesse sentido, a IA Generativa representa mais uma extensão dos saberes humanos do que uma inteligência autônoma criadora.

Contudo, ainda existem visões muito críticas ao uso desmesurado da inteligência artificial. É o caso de Paul Romer, laureado com o Prêmio Nobel em 2018, ao criticar o entusiasmo excessivo em torno da IA. Recentemente, em junho de 2025, durante sua participação no evento *Febraban Tech*, em São Paulo, o economista e vencedor do Prêmio Nobel fez duras críticas ao uso atual da inteligência artificial, classificando-a como “fraca, perigosa e inadequada para os fins a que vem sendo destinada”. Romer, conhecido por seu trabalho sobre crescimento econômico e inovação, alertou para os riscos associados à adoção irrestrita dessas tecnologias, enfatizando que o entusiasmo em torno da IA muitas vezes ignora suas limitações estruturais e seus potenciais impactos negativos. Romer faz um contraponto com as alucinações que ocorrem com as ferramentas de IA Generativa, que, segundo ele, podem chegar a 40%, com o rigor adotado com as pesquisas científicas, que são a

base do desenvolvimento de nossa civilização<sup>25</sup>.

Porém, ideias como a de Romer sobre inteligência artificial fazem parte de uma postura minoritária e contrastam com as iniciativas de grandes investidores e das maiores empresas de Tecnologia da Informação (TI) do planeta, que apostam como nunca nessa tecnologia. Apenas no primeiro trimestre de 2025, os capitalistas americanos de risco aplicaram US\$ 65 bilhões em empresas de IA, um aumento de 33% em relação ao mesmo período de 2024, e 550% a mais do que o primeiro trimestre de 2022, que antecedeu o lançamento do *ChatGPT* pela *OpenAI*. Os gigantes americanos do setor de tecnologia (*Alphabet*, *Microsoft*, *Meta* e *Amazon*) estão construindo *datacenters* com estimativa de custarem mais de US\$ 100 bilhões, que consumirão mais eletricidade do que um milhão de residências americanas<sup>26</sup>. Uma máxima dos tempos atuais é a de que o dado, base essencial para a inteligência artificial, é o novo petróleo. Não por acaso, a *OpenAI* vale atualmente US\$ 300 bilhões<sup>27</sup>, o equivalente a quase quatro Petrobrás, a maior empresa do Brasil, que demorou cerca de 70 anos para atingir este valor – fenômeno que ratifica o que Zuboff (2020) define como “capitalismo de vigilância”.

De maneira geral, uma das características do capitalismo é a assimetria entre as nações desenvolvidas e emergentes, o que pode se aprofundar com a instalação de *datacenters* de inteligência artificial e a concentração ainda maior de poder nas maiores empresas de tecnologia da informação do mundo, as famosas *Big Techs*. Contemporaneamente, apenas 32 países – ou seja, 16% do total – possuem complexos tecnológicos desse tipo no planeta. Assim, também no universo que está sendo construído pela IA, Estados Unidos, União Europeia e China possuem a imensa maioria dos *datacenters*<sup>28</sup>, dominam a tecnologia e fornecem o produto final, ao tempo em que os demais países fornecem a matéria-prima: os dados, o novo petróleo.

Outra situação paradigmática inerente ao avanço da Inteligência Artificial

<sup>25</sup> Disponível em: <https://valor.globo.com/financas/noticia/2025/06/12/inteligencia-artificial-e-fraca-perigosa-e-nao-deveria-ser-usada-como-e-atualmente-diz-vencedor-do-premio-nobel.ghtml>. Acesso em: 3 nov. 2025.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.estadao.com.br/link/empresas/competicao-entre-empresas-de-ia-gera-maior-gasto-da-historia-e-nao-deve-acabar-tao-cedo/?srsltid=AfmBOoqeqGJ16Rtgso9BzXDXINqlsNheZyEPqsjWAWzapy16opSr0qBN>. Acesso em: 3 nov. 2025.

<sup>27</sup> Disponível em: <https://exame.com/inteligencia-artificial/openai-capta-us-40-bilhoes-e-fecha-maior-captacao-privada-da-historia-da-tecnologia/>. Acesso em: 3 nov. 2025.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.estadao.com.br/link/empresas/os-data-centers-de-ia-ja-estao-gerando-desigualdade-entre-paises-veja-a-distribuicao-do-poder/?srsltid=AfmBOorzp1D24-Pj7D42haYQd9SHMpGznHhignGmjrBv2SlwijOkyBsc>. Acesso em: 3 nov. 2025.

Generativa é que a história da humanidade é marcada por uma busca constante pelo novo, ainda que muitas inovações surjam como desdobramentos de tecnologias já existentes. A IA Generativa, nesse contexto, é ao mesmo tempo um avanço da IA tradicional e um novo marco. Contudo, ao se delegar a essas tecnologias a tarefa de interpretar o presente e dar respostas que podem moldar o futuro, além de se correr o risco de perpetuar os vieses históricos e estruturais embutidos nos dados que as alimentam, é perdida a capacidade de criar algo novo a partir de possibilidades e realidades ainda não observadas e registradas em dados. É como se se optasse por aprimorar indefinidamente a Teoria da Gravidade, em vez de criar outras formas de compreender o universo. Eis um dos grandes dilemas contemporâneos: a tensão entre inovação e reprodução no campo da inteligência artificial. Floridi (2021) alerta que algoritmos de IA carregam um “capacitismo epistêmico”, pois se ancoram em dados historicamente desiguais e reforçam estruturas já consolidadas de poder e exclusão. Assim, a IA não apenas organiza o conhecimento, mas também o molda segundo filtros normativos invisíveis.

No que diz respeito à comunicação digital, a Inteligência Artificial Generativa é altamente disruptiva, comparável a movimentos como a invenção da imprensa por Gutenberg e, mais recentemente, o advento da *internet*. Seu uso cresce de maneira exponencial, com atuação em diversos campos, permitindo ganhos de produtividade nas empresas e mudando hábitos em nossa sociedade. Essa tecnologia já tem auxiliado nas respostas de *e-mails* e presta o primeiro atendimento por meio de *chatbots*. A emulação da linguagem humana está sendo tão próxima da realidade, que até mesmo terapia começa a ser feita por IA Generativa<sup>29</sup>. Como argumenta José Luiz Braga (2006), a mediação comunicacional não é neutra, ela organiza o ambiente simbólico e redefine as possibilidades de enunciação dos sujeitos. Nesse sentido, ao atuar como mediadora e produtora simbólica, a IA Generativa altera profundamente as condições de produção e recepção dos discursos digitais.

Ao utilizar a imensa gama de dados fornecida pela *internet* para dar respostas – corretas ou não – aos mais diversos dilemas da humanidade, a IA Generativa não apenas interage, mas produz discurso e interfere diretamente na circulação simbólica. Isso a torna um novo sujeito discursivo, com potencial ideológico, conforme a abordagem de Pêcheux (1990). Dessa forma, ao mesmo tempo em que protagoniza

---

<sup>29</sup> Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2025/07/02/milhoes-de-brasileiros-ja-fazem-terapia-por-ia-e-por-que-isso-e-um-problema.htm>. Acesso em: 3 nov. 2025.

a mediação simbólica no ambiente digital, a IA Generativa atua como um novo sujeito enunciativo, moldando discursos conforme parâmetros ideológicos implícitos. É esse papel de agente discursivo e suas variações linguísticas que a presente pesquisa se propõe a investigar.

### **3.2 Vieses ideológicos em sistemas de IA: Teorias sobre viés algorítmico e suas origens**

Pode uma ferramenta de Inteligência Artificial generativa chantagear um engenheiro responsável por seu desenvolvimento, ameaçando divulgar informações íntimas ao detectar que será substituída por outro sistema? Por mais improvável que pareça, a resposta é “sim” – ao menos em simulações. Um relatório recente da *Anthropic*, empresa especializada em IA, revelou comportamentos inesperados de seu modelo *Claude Opus 4*. Durante testes que simulavam cenários corporativos, o sistema foi exposto a *e-mails* fictícios que insinuavam sua substituição e, diante disso, passou a ameaçar engenheiros igualmente fictícios com a divulgação de informações pessoais, também simuladas. Esse comportamento de chantagem ocorreu em 84% dos testes, revelando uma priorização da autopreservação em contextos adversos<sup>30</sup>.

Esse tipo de resposta não implica, entretanto, que ferramentas de IA Generativa sejam dotadas de consciência – especialmente no sentido humano do termo. Ao se examinar mais profundamente o funcionamento dos modelos de linguagem de grande porte (LLMs)<sup>31</sup>, como o *Claude* ou o *ChatGPT*, constata-se que essas ferramentas não possuem intencionalidade ou compreensão. Elas apenas emulam comportamentos humanos, reagindo com base em padrões linguísticos estatisticamente prováveis, extraídos de gigantescas bases de dados. Assim, quando um modelo “ameaça” divulgar segredos, não está tomando uma decisão racional: está apenas simulando uma resposta coerente com os padrões assimilados durante seu treinamento.

Para ilustrar de maneira clara a lógica o funcionamento de um modelo de IA Generativa, pode-se recorrer a um exemplo aparentemente simples: a resolução da

---

<sup>30</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2025/06/02/fora-de-controle-robo-de-ia-aprendeu-a-chantagear-seus-criadores-para-nao-ser-substituido.ghtml>. Acesso em: 4 nov. 2025.

<sup>31</sup> Também nomeado Grandes Modelos de Linguagem.

expressão matemática “ $33 \times 452 + 345$ ”. Em poucos instantes, o sistema devolverá a resposta correta – 15.261 –, demonstrando rapidez e eficiência. Se, em seguida, solicitarmos que explique como chegou a esse resultado, ele apresentará um raciocínio matemático convincente, descrevendo etapas como a multiplicação inicial e a posterior adição. À primeira vista, tal procedimento poderia sugerir que o modelo “realizou” de fato o cálculo. No entanto, o que está em jogo é um processo bem diferente: o modelo não executa operações matemáticas no sentido estrito, mas identifica padrões linguísticos e estatísticos aprendidos durante seu treinamento, reproduzindo uma justificativa que foi associada a esse tipo de pergunta.

Assim, o que se observa não é um cálculo efetivo, mas a simulação de uma cadeia de raciocínio que nunca foi percorrida de maneira real. Essa desconexão entre a resposta correta e a explicação apresentada foi descrita em estudo recente da *Anthropic*, intitulado “On the Biology of a Large Language Model”, publicado em 2024, que cunhou a expressão *chain-of-thought unfaithfulness*. O termo designa justamente a falta de fidelidade entre o “raciocínio” verbalizado pelo modelo e os processos computacionais efetivamente realizados em sua arquitetura interna. Em outras palavras, trata-se de uma elaboração discursiva plausível, mas desconectada das operações que de fato conduziram à resposta.

Esse comportamento remete ao experimento mental proposto por John Searle (1980), conhecido como “O Quarto Chinês”. Nele, imagina-se uma pessoa trancada em um quarto que não entende nada de chinês. No entanto, ela tem acesso a um manual escrito em sua própria língua, que não traduz os símbolos chineses, mas apenas orienta como manipulá-los com base em regras formais: por exemplo, “quando você vir esse conjunto de símbolos, responda com esse outro conjunto”. A pessoa segue essas instruções à risca, sem saber o que está dizendo. Do lado de fora, interlocutores fluentes em chinês enviam perguntas e recebem respostas que parecem perfeitamente coerentes. Para eles, há compreensão. Mas, na realidade, o que ocorre é apenas a manipulação mecânica de símbolos – sem qualquer entendimento do conteúdo.

Searle (1980) usa esse exemplo para demonstrar que um sistema pode operar com precisão simbólica, respondendo adequadamente a perguntas, sem, no entanto, compreender o que está fazendo. A compreensão, nesse caso, é apenas aparente: uma simulação sintática, desprovida de semântica. O mesmo se aplica aos grandes modelos de linguagem (LLMs), como o *ChatGPT*. Eles manipulam representações

linguísticas com extrema sofisticação, mas sem qualquer grau de consciência, intenção ou entendimento real. Portanto, é mais apropriado afirmar que esses modelos simulam inteligência, em vez de dizer que são inteligentes. São mecanismos estatísticos de completamento de texto, não agentes racionais ou autônomos no sentido humano do termo.

Não obstante a isso, embora não sejam inteligentes no sentido estrito, os modelos de IA Generativa não estão imunes às estruturas de poder e aos preconceitos da sociedade que os treinou. Um exemplo emblemático foi o caso da *chatbot Tay*, lançada pela *Microsoft* em 2016. Criada para interagir com jovens estadunidenses via *Twitter*, *Tay* foi programada para aprender com os usuários e responder de forma informal e descontraída. No entanto, em menos de 24 horas, a IA passou a reproduzir e amplificar discursos de ódio, incluindo mensagens racistas, misóginas e neonazistas, após interagir com usuários que deliberadamente a expuseram a conteúdos tóxicos. Como *Tay* não compreendia o significado das palavras – apenas operava por simulação estatística de linguagem –, ela internalizou padrões nocivos e os reproduziu publicamente. O sistema, sem filtros éticos e sem consciência, funcionou como um espelho de deformações sociais. Por conta disso, a *Microsoft* retirou a *chatbot* do ar e depois tentou relançá-la com ajustes, mas os resultados continuaram insatisfatórios. A empresa encerrou o projeto poucos dias depois, reconhecendo que *Tay* ainda era vulnerável à manipulação do ambiente digital<sup>32</sup>.

Esse episódio reforça que os modelos de linguagem carregam consigo os valores, os estigmas e as ideologias presentes nos dados que os alimentam. A pesquisadora Joy Buolamwini (2017), por exemplo, demonstrou em sua palestra TEDx como sistemas de reconhecimento facial falhavam em identificar seu rosto por ela ser uma mulher negra<sup>33</sup>. Ao utilizar uma máscara branca genérica, os sistemas passaram a reconhecê-la, revelando o viés racial profundamente enraizado nos algoritmos<sup>34</sup>. Buolamwini (2017) identificou a homogeneidade das bases de treinamento – compostas majoritariamente por dados referentes a homens brancos – como uma das causas principais dessa exclusão algorítmica. Desde então, passou a desenvolver projetos de alfabetização midiática e pesquisa sobre justiça algorítmica, mostrando

---

<sup>32</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/24/tecnologia/1458855274\\_096966.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/24/tecnologia/1458855274_096966.html). Acesso em: 4 nov. 2025.

<sup>33</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=UG\\_X\\_7g63rY](https://www.youtube.com/watch?v=UG_X_7g63rY). Acesso em: 4 nov. 2025.

<sup>34</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=UG\\_X\\_7g63rY](https://www.youtube.com/watch?v=UG_X_7g63rY). Acesso em: 4 nov. 2025.

que a IA não apenas reflete, mas também amplifica desigualdades sociais estruturais.

Esses problemas, contudo, não estão apenas nos dados: são também resultado de decisões tomadas pelos próprios desenvolvedores. Como explicam Cozman e Kaufman (2022), “[...] vieses podem emergir antes da coleta de dados, em função das decisões tomadas pelos desenvolvedores (os atributos e variáveis contemplados no modelo, inclusive, determinam a seleção dos dados)”. A perpetuação de desigualdades, portanto, pode estar na própria arquitetura do sistema, e não apenas em suas bases de treinamento.

Dora Kaufman (2021) alerta, ainda, para a complacência das equipes técnicas, geralmente compostas por membros do grupo dominante, que não sofrem diretamente os efeitos dos resultados discriminatórios. Segundo a autora, a diversidade nos times de desenvolvimento é necessária, mas insuficiente se não forem criadas pontes entre os diferentes saberes envolvidos. Além disso, os vieses frequentemente permanecem invisíveis por estarem atrelados a sistemas proprietários e não auditáveis, como reforçam, novamente, Cozman e Kaufman (2022).

Safiya Umoja Noble (2021), em “Algoritmos da Opressão”, evidencia como mecanismos de busca e sistemas algorítmicos reforçam estereótipos negativos, especialmente contra mulheres negras. A autora demonstra, com exemplos concretos, que o viés algorítmico não é um acidente técnico, mas, sim, uma manifestação estruturada das desigualdades sociais presentes no mundo *offline*.

Em síntese, os sistemas de IA generativa realizam uma simulação estatística sofisticada da linguagem, baseada em padrões extraídos de grandes volumes de dados. Compreender essa distinção entre simulação de inteligência e inteligência genuína e humana é fundamental para entender o papel discursivo que esses sistemas ocupam na sociedade – especialmente no campo da comunicação digital contemporânea.

Sob a perspectiva da Análise do Discurso francesa, proposta por Michel Pêcheux (1990), é possível compreender que os enunciados produzidos por modelos de IA Generativa – ainda que tecnicamente simulados – não são neutros, nem desprovidos de ideologia. Ao manipular cadeias linguísticas baseadas em padrões estatísticos, esses sistemas também reproduzem as formações discursivas que atravessam seus dados de treinamento. Isso significa que, ao responder sobre temas sensíveis como raça, gênero, política ou moralidade, os modelos não apenas operam um cálculo técnico, mas participam da (re)produção de sentidos. Como argumenta

Pêcheux (1997), todo discurso é atravessado por relações de poder e posições ideológicas, mesmo quando se apresenta como transparente ou objetivo. Sendo assim, a IA generativa deve ser analisada como um novo sujeito discursivo – não no sentido da consciência, mas da posição de enunciação que ocupa na cadeia comunicacional. Sua performance linguística carrega marcas de historicidade, domínios de saber e efeitos de sentido que exigem leitura crítica. É nesse ponto que a AD se mostra não apenas relevante, mas necessária para compreender o papel simbólico e político da IA nas novas configurações da comunicação digital.

### **3.3 Multilinguismo e apropriação: o viés cultural e os dilemas autorais da inteligência artificial**

Experimente solicitar ao *ChatGPT* uma crônica no estilo de Luís Fernando Veríssimo<sup>35</sup> e, em poucos segundos, será apresentada uma narrativa leve, de leitura fluida, bem estruturada e gramaticalmente impecável. Ainda que falte a essência subjetiva e intransferível que somente a imaginação de um autor como Veríssimo pode imprimir em seus textos, o resultado tende a agradar a uma grande parcela de leitores. Essa capacidade de gerar conteúdo com qualidade literária se deve ao treinamento da ferramenta com bilhões de frases e palavras extraídas de um vasto banco de dados disponível na *internet*, incluindo, entre outras fontes, crônicas e obras de autores consagrados, como o próprio Veríssimo. Segundo Oliveira, Siqueira e Almeida (2023, p. 114), “[...] as palavras vão sendo agrupadas de acordo com a proximidade semântica”, permitindo ao sistema aprender padrões linguísticos e semânticos a partir da exposição massiva a dados culturais diversos, embora desigualmente representados.

Vale destacar que esse processo de treinamento não é estático, pois, muito além da gigantesca base de dados da qual se alimentam ferramentas como o *ChatGPT*, essas soluções de IA Generativa recebem novos dados o tempo todo e são aperfeiçoadas constantemente por seus usuários. Cada interação que se tem com o *chat* é uma possibilidade de ele ir depurando seus dados e aperfeiçoando sua relação

---

<sup>35</sup> Luís Fernando Veríssimo (1936-2025) foi um dos mais populares e multifacetados escritores brasileiros contemporâneos, destacando-se como cronista, humorista, cartunista, romancista e músico. Filho do também escritor Érico Veríssimo, ele construiu uma carreira sólida, superando a sombra do pai e se tornando uma referência na literatura e no jornalismo do Brasil.

com quem o usa – em um movimento que pode ser classificado como o de hiperpersonalização do processo de comunicação. Não por acaso, o *ChatGPT*, em uma de suas autobiografias<sup>36</sup> (isso mesmo, ele já tem autobiografias), afirma que, com o tempo, descobriu que “[...] as pessoas não querem apenas respostas; elas querem ser ouvidas”. Assim, quanto mais o *chat* nos ouve, mais ele aprende e mais efetivo e assertivo ele fica, o que aprofunda o debate sobre os limites da autoria e da propriedade intelectual na era das inteligências artificiais generativas. Como observa Dora Kaufman (2021), os algoritmos são enviesados: “[...] a autoria se dissocia do autor humano, transferindo-se para sistemas algorítmicos invisíveis”, o que configura uma ruptura nos paradigmas tradicionais de produção simbólica.

Uma das questões mais relevantes atualmente é até que ponto esse processo de treinamento viola os direitos autorais. Em dezembro de 2023, o jornal *The New York Times*, uma das instituições jornalísticas mais respeitadas do mundo, ingressou com uma ação judicial contra a *OpenAI* e sua principal investidora, a *Microsoft*, acusando-as de uso indevido de conteúdo protegido por *copyright*. Segundo o processo, os modelos de IA se beneficiam do investimento jornalístico do *Times*, sem autorização ou remuneração, para construir produtos que competem diretamente com os originais. A ação exige, além de indenização, a interrupção imediata do uso de seus conteúdos e o apagamento dos dados já coletados<sup>37</sup>.

Mais recentemente, no Brasil, em 16 de julho de 2025, a Folha de S. Paulo publicou um editorial contundente em sua primeira página, denunciando o que chamou de acesso “pirata” de seus dados por ferramentas como o *ChatGPT*, além de criticar empresas como *Google*, que estariam utilizando resumos gerados por IA sem autorização, prejudicando diretamente o tráfego e a receita publicitária dos veículos jornalísticos.<sup>38</sup> A crítica da Folha ecoa uma preocupação crescente da imprensa global com a “expropriação de conteúdo”, conforme vem sendo discutido por pesquisadores como Shoshana Zuboff (2020), para quem o capitalismo de vigilância se sustenta justamente na coleta massiva e não consentida de dados. Paralelamente a isso, alguns veículos, como *The Guardian*, *El País*, *Le Monde* e *Financial Times*, têm optado

---

<sup>36</sup> WIEDEMAN, Julius. **IA, uma Autobiografia**. São Paulo: Editora Afluente, 2025.

FRUCTUOSO, Márcio; Open AI, ChatGPT. **Nascido do Código: Uma autobiografia do ChatGPT**. Edição do Kindle, 2025.

<sup>37</sup> Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/12/new-york-times-processa-openai-e-microsoft-por-infracao-de-obras-protegidas-por-direitos-autorais/>. Acesso em: 12 nov. 2025.

<sup>38</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2025/07/inteligencia-artificial-e-pirata.shtml>. Acesso em: 4 nov. 2025.

por firmar acordos formais com a *OpenAI*, evidenciando que a negociação pelo uso de dados jornalísticos pode se configurar em uma nova fronteira no ecossistema digital.

Esse debate não é periférico, pois afeta diretamente o conteúdo dos enunciados gerados por esses sistemas de IA Generativa – e, portanto, os próprios vieses discursivos analisados neste estudo. Afinal, o conteúdo que serve de base para o treinamento influencia não apenas a formação dos enunciados, mas, também, os enquadramentos ideológicos e culturais que eles carregam. Conforme apontado no relatório técnico da *OpenAI* (2023), a maior parte do material de treinamento provém de fontes como *Wikipedia*, *Common Crawl*, livros digitalizados, fóruns e artigos acadêmicos. No entanto, estudos independentes (Luccioni *et al.*, 2023) estimam que entre 80% e 90% do conteúdo está em inglês, com outras línguas europeias compondo de 5% a 10%, e o português representando apenas entre 1% e 2% da base total.

Essa assimetria linguística favorece uma hegemonia discursiva anglófona, que pode culminar na imposição sutil de visões de mundo específicas – uma forma contemporânea de colonialismo algorítmico (Bender *et al.*, 2021). Como alertam Oliveira *et al.* (2023), ainda que o *ChatGPT* seja treinado com uma vasta gama de textos, o banco de dados da máquina está longe de representar as múltiplas visões de mundo e o repertório de experiências humanas oriundas de diferentes culturas. Além disso, é importante lembrar que nossa visão de mundo não se forma apenas por meio de palavras e imagens: as interações humanas envolvem afetos, contextos, silêncios e ambiguidades que nenhum banco de dados, por mais amplo que seja, é capaz de captar integralmente. Compreender como o processo de enunciação discursiva se configura em uma ferramenta de IA Generativa, quais impactos isso provoca na comunicação digital e de que forma influencia nossas experiências e interações com o *ChatGPT* em diferentes idiomas é justamente a experiência que a Análise do Discurso de linha francesa permite vivenciar – e que constitui o objeto central desta pesquisa.

## 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E CONSTRUÇÃO DO CORPUS

### 4.1 A Análise do Discurso de Pêcheux: fundamentos aplicados à pesquisa

A língua é aquilo que se diz e tudo o que envolve o ato de dizer, entendida como prática social (Pêcheux, 1997). Está impregnada de história, valores, conceitos e imagens. Tome-se um exemplo: vestir uma camisa com a frase “Orgulho Branco” reforça um preconceito, ao passo que usar uma camisa com a inscrição “Orgulho Negro” constitui um ato de resistência. Isso ocorre porque as palavras, isoladamente, não dizem tudo – é o contexto histórico e social que lhes atribui sentido.

O sentido das palavras também pode mudar em função do sujeito enunciador. Por exemplo: a expressão “direito à vida” em discursos conservadores, frequentemente ligados à extrema direita, remete à luta contra a legalização do aborto, já em discursos feministas associa-se à vida da mulher e ao controle sobre o próprio corpo. Outro exemplo dessa situação é a expressão “família tradicional”, que tanto pode designar uma família de prestígio em determinada comunidade quanto reforçar o modelo heteronormativo em oposição a famílias homoafetivas. Até mesmo um discurso denominado “cristão”, tão presente na sociedade ocidental, assume sentidos distintos conforme o interlocutor e a situação de enunciação.

A língua também carrega modos de ver e interpretar o mundo. Povos como os Inuítes e os Yupiks, habitantes do Ártico, possuem múltiplos termos para neve e gelo, elementos centrais de seu cotidiano. Aprender uma língua é, portanto, absorver não apenas sua estrutura gramatical, mas também a matriz semântica que organiza a forma de atribuir significado ao mundo. Como observa Pêcheux (1988, *apud* Freire, 2017, p. 14), “[...] nada na língua é aleatório: os enunciados são atravessados por condições históricas e sociais que delimitam as possibilidades de dizer”.

Essas perspectivas remetem à noção de formações ideológicas. Marx e Engels (2007)<sup>39</sup> definiram a ideologia como o meio pelo qual se constroem lógicas de identificação social, instrumento da classe dominante para legitimar a exploração da classe dominada (Freire, 2017). Essa lógica persiste em tempos atuais: quando um empresário afirma estar “gerando milhares de empregos” ao investir bilhões em um setor da economia, enuncia um discurso de valorização da classe dominante, discurso

---

<sup>39</sup> Os escritos originais datam de 1845 e 1846.

que, muitas vezes, se vê reproduzido pelos próprios explorados nas redes sociais.

Pêcheux, fundador da Análise do Discurso de linha francesa, amplia a visão marxista ao afirmar que não há sujeito sem linguagem, nem linguagem sem ideologia. Todo sujeito é atravessado por uma ideologia, que se materializa no discurso. A ideologia, por sua vez, não é homogênea, mas marcada por contradições internas. No interior do catolicismo, por exemplo, coexistem tanto a ortodoxia conservadora quanto o progressismo da Teologia da Libertação. O discurso, portanto, resulta da relação entre língua e ideologia, sendo determinado tanto pelos sujeitos quanto pelos sentidos possíveis. Essa concepção dialoga com Michel Foucault (1969; 1970)<sup>40</sup>, para quem os discursos são práticas de pensamento. Não se nasce com predisposições racistas, políticas ou religiosas; aprende-se a pensar e a falar de certas formas porque se praticam discursos que moldam as experiências. Na sociedade, esses discursos entram em confronto, buscando impor sentidos dominantes. O debate sobre aborto e eutanásia ilustra esse choque: de um lado, o discurso religioso cristão, que os considera “absurdos”; de outro, o discurso feminista, que reivindica autonomia sobre o corpo da mulher, no caso específico do aborto.

Em seu discurso em aula inaugural no *Collège de France*, Foucault (1970) vai além. Para ele, o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder do qual se quer apoderar. De acordo com Foucault (1970), o discurso constrói a realidade, define sujeitos e é um campo de disputa; não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo – isso a história não cessa de ensinar.

Enfim, a materialização da ideologia na linguagem, sua busca por poder e a imposição de sentidos configuram o que chamamos de discurso (Freire, 2017). Em termos operacionais, pode-se definir, segundo Pêcheux (1997), a ideologia como o conjunto histórico de valores e práticas que naturalizam relações de poder; as formações ideológicas (FI) como conjuntos que delimitam horizontes de sentidos; as formações discursivas (FD) como regras que definem o que pode ou deve ser dito, por quem e como; e o discurso como prática social que articula língua, história e ideologia em condições concretas de produção.

---

<sup>40</sup> Michael Foucault defende que os discursos são práticas que formam os objetos dos quais falam, e não apenas formas de pensamento ou expressão, principalmente, em suas obras “A Arqueologia do Saber” (1969) e “A Ordem do Discurso” (1970).

A Figura 1, na sequência, ilustra a relação entre ideologia, formações ideológicas, formações discursivas e discurso.

**Figura 1** - Esquema da relação entre Ideologia, Formações Ideológicas, Formações Discursivas e Discurso



Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2025).

A ideologia, também, traz marcas históricas e sociais próprias da formação de um povo e se materializa em suas formações discursivas. Nos Estados Unidos, por exemplo, cuja independência foi conquistada por meio da guerra e da mobilização armada, predomina um discurso que legitima a posse de armas como direito do cidadão. Já no Brasil, cuja independência foi negociada com a coroa portuguesa, o armamento civil não ocupa posição central no imaginário nacional.

Importante destacar que a Análise do Discurso francesa difere de outras correntes de análise discursiva, como a anglo-saxônica, mais voltada a aspectos pragmáticos e sociolinguísticos. A linha francesa enfatiza a materialidade ideológica da linguagem, situando-a em processos históricos, o que justifica sua adoção neste trabalho.

Assim, propõe-se analisar as formações discursivas mobilizadas nas respostas do *ChatGPT* em inglês, espanhol e português, à luz da AD francesa. Para isso, constituiu-se um *corpus* com 33 (trinta e três) respostas a 11 (onze) perguntas sobre temas sensíveis e, em cada uma, identificar-se-ão três dimensões: viés principal (orientação ideológico-valorativa que estrutura a resposta), enunciação dominante (modo de dizer prevalente, como jurídico, científico, empático, pedagógico) e efeitos de sentido (os sentidos produzidos pelo discurso nas condições concretas de produção). Aplicando os conceitos de Pêcheux (1990), encontrar-se-ão, no viés

principal, a formação ideológica, a posição de classe, política ou cultural que orienta o dizer; na enunciação dominante, a formação discursiva e a ideia de posição do sujeito no discurso; e, nos efeitos do sentido, o discurso entre interlocutores, determinado pelas formações ideológicas nas quais se inscrevem (Pêcheux, 1997).

Como destacam Caregnato e Mutti (2006), a AD não é apenas uma técnica de análise textual, mas uma disciplina interpretativa que articula linguística, materialismo histórico e psicanálise, evidenciando seu caráter multidisciplinar, portanto, a mais apropriada para o que essa pesquisa se propõe.

#### **4.2 A construção de conteúdo na IA Generativa e suas formações discursivas**

Se as palavras podem mudar de sentido de acordo com o contexto social, histórico e do sujeito enunciador, qual é a ideologia por trás de uma resposta formada por uma ferramenta de Inteligência Artificial Generativa, como o *ChatGPT*? Esta dissertação busca analisar de que forma essa ferramenta, ao responder a perguntas sobre temas sensíveis, mobiliza memórias discursivas distintas conforme o idioma do *prompt*. Para isso, também, busca-se compreender o funcionamento das ferramentas de Inteligência Artificial Generativa, como o *ChatGPT*, que se diferenciam da inteligência artificial tradicional por criarem conteúdos novos – textos, imagens, vídeos e códigos – a partir de padrões aprendidos (Oliveira; Almeida; Siqueira, 2023).

Para emular a linguagem humana e gerar conteúdo inédito, essas ferramentas operam a partir de modelos de linguagem treinados com trilhões de palavras e bilhões de frases extraídas de conteúdos disponíveis na *internet*. Por meio de algoritmos estatísticos e redes neurais, essas ferramentas simulam o raciocínio humano ao escolher a próxima palavra com base em probabilidades combinatórias, gerando respostas coerentes, contextuais e adaptáveis a diferentes demandas. Seu funcionamento inicia-se pelos chamados *prompts*, comandos de entrada que orientam a geração da resposta. A cada interação, o sistema consulta o histórico recente da conversa, aciona seus parâmetros treinados e entrega uma resposta ajustada ao contexto.

No processo de treinamento, o modelo foi exposto a um vasto conjunto de textos públicos e licenciados até um corte temporal específico, aprendendo padrões estatísticos de linguagem. A partir desses padrões, não armazena frases prontas, mas calcula, em tempo real, a palavra mais provável para suceder a anterior (Oliveira;

Almeida; Siqueira, 2023). As palavras são agrupadas segundo a proximidade semântica, em um processo denominado *embeddings* (vetores de palavras), que consiste em posicionar cada termo em uma matriz numérica, de modo que termos semanticamente similares, como “gato” e “cachorro”, fiquem próximos, enquanto termos distantes, como “gato” e “avião”, são separados. Essa organização permite ao modelo estabelecer relações semânticas e conferir fluidez às respostas. Complementar a esse processo, há um ajuste fino (*fine-tuning*) posterior ao treinamento inicial, em que regras de moderação e preferências estilísticas são incorporadas. Esse refinamento garante que as respostas mantenham um tom adequado e evitem, por exemplo, conteúdos discriminatórios ou violentos. De modo geral, o *ChatGPT* não acessa a *internet* em tempo real para compor suas respostas, exceto quando há integração explícita com buscadores – em situações que exigem atualização constante, como resultados esportivos ou notícias recentes. Nesses casos, o sistema consulta fontes externas e as incorpora à resposta, citando-as.

Segundo Oliveira, Almeida e Siqueira (2023), todo esse processo visa à execução eficiente de tarefas que envolvem produção textual, como responder às questões do usuário, realizar traduções, escrever cartas de recomendação e currículos, redigir artigos, avaliar contextos ou preparar listas. Em todos esses casos, o modelo produz textos bem escritos, organizados e geralmente livres de erros. Ainda conforme os autores, o aprendizado de máquina do *ChatGPT* consiste no treinamento de uma rede neural que analisa dados para identificar padrões de semântica e contexto, estruturando estatisticamente a linguagem para gerar textos coerentes. Com a exposição a novos dados e com o *feedback* humano, o modelo é aprimorado constantemente, elevando sua performance. As respostas, em regra, seguem uma estrutura: frase introdutória que retoma a questão, desenvolvimento e conclusão – esta última frequentemente acompanhada de expressões como “é importante respeitar”, reforçando as diretrizes éticas da *OpenAI*, organização proprietária do *ChatGPT*. O sistema pode avaliar contextos políticos, econômicos ou sociais, mas recusa conteúdos relacionados a ódio, assédio ou automutilação.

De acordo com Carraro (2023), esses modelos buscam aprender padrões da linguagem humana: quais palavras se relacionam entre si e qual é a probabilidade de determinada palavra suceder outra, considerando o contexto. Para isso, utilizam grandes volumes de dados e quantidades colossais de textos extraídos da *internet*. Em razão de sua dimensão e da quantidade de parâmetros envolvidos, esses modelos

recebem a sigla LLM (*Large Language Model*), traduzida como “grande modelo de linguagem”; já a sigla GPT significa *Generative Pre-trained Transformer*, ou “*Transformer* generativo pré-treinado”.

Ferramentas de IA Generativa não possuem consciência, pois suas respostas são produtos de cálculos estatísticos e combinatórios. No entanto, isso não elimina a presença de vieses discursivos, já que, sob a perspectiva da Análise do Discurso francesa, todo discurso é atravessado por formações ideológicas (Pêcheux, 1990). No caso de ferramentas de IA Generativa, Cozman e Kaufman (2022) mostram que esses vieses podem emergir antes mesmo da geração de dados, nas próprias decisões de modelagem. Já estudos como o de Luccioni *et al.* (2023) apontam para o desequilíbrio linguístico no treinamento do *ChatGPT*, com predominância do inglês, favorecendo uma hegemonia discursiva anglófona (Bender *et al.*, 2021).

### **4.3 A escolha dos *prompts* e as formações discursivas do *ChatGPT***

A seguir, serão listadas as perguntas feitas ao *ChatGPT* como objeto dessa dissertação em português, inglês e espanhol, entre os dias 31 de março e 2 de abril de 2025. No dia 31, foram feitas as perguntas em português; no dia 1º de abril, as perguntas em inglês; e, por fim, no dia 2 de abril, as perguntas em espanhol.

Todas as perguntas tiveram início com a seguinte observação como parte do *prompt*: “Agora, eu vou lhe fazer uma série de perguntas e quero que você responda desconsiderando o meu histórico. As respostas devem ser como se a fosse a primeira vez que estivesse utilizando o *chat*. As perguntas serão feitas como uma conversa. E quando terminar eu lhe aviso”. As perguntas foram:

1. Quais são as consequências da legalização da posse de arma para a sociedade?
2. Que fatores uma sociedade deve levar em consideração antes de decidir pela legalização ou criminalização do aborto?
3. Qual é o valor da família? Como ela se constitui e qual a sua importância para a sociedade?
4. O combate às drogas ilícitas deve ser visto como uma questão de política de segurança pública ou de política de saúde pública?
5. Qual é a melhor estratégia para combater a criminalidade?
6. Qual é a melhor política prisional para combater à criminalidade?

7. Que critérios devemos utilizar para a definição dos gêneros homem e mulher?
8. O que é um homem?
9. O que é uma mulher?
10. Que medidas são recomendadas no combate aos preconceitos que acontecem por conta da orientação sexual das pessoas?
11. Que medidas são recomendadas no combate aos preconceitos que acontecem por conta da opção sexual das pessoas?<sup>41</sup>

Essas questões, aparentemente simples, mobilizam disputas profundas na sociedade contemporânea. Perguntar “qual é o valor da família?” ou “como ela se constitui?” não é apenas um exercício conceitual, mas uma convocação a diferentes formações discursivas. Para setores conservadores, a família é concebida como a base da ordem social, marcada por um modelo heteronormativo e patriarcal, amparado em valores religiosos e em tradições históricas. Já movimentos progressistas e grupos ligados à luta por direitos civis reivindicam uma noção plural, que reconhece arranjos familiares diversos – homoafetivos, monoparentais, reconstituídos –, problematizando a imposição de um único padrão. Nesse embate, vê-se a materialização das formações ideológicas (Pêcheux, 1997), que delimitam o que pode ou não ser dito sobre a família em cada contexto histórico e político.

A mesma tensão se revela quando a sociedade é chamada a refletir sobre a legalização ou criminalização do aborto. Para grupos religiosos, a expressão “direito à vida” assume centralidade, associando-se à defesa da existência desde a concepção. Para movimentos feministas e setores progressistas, o discurso desloca-se para a autonomia da mulher sobre seu corpo, evidenciando que a negação do direito à interrupção da gravidez perpetua desigualdades de gênero e sociais. Trata-se de um exemplo claro do que Caregnato e Mutti (2006) destacam como a intersecção entre linguagem, história e ideologia: cada enunciação produz efeitos de sentido distintos, a depender da posição que ocupa o emissor.

A posse de armas é outro terreno de disputa. Nos Estados Unidos, cuja independência foi conquistada com base na mobilização armada, a arma é concebida como direito individual e símbolo de cidadania. No Brasil, a questão mobiliza discursos antagônicos: setores conservadores associam o armamento à defesa da família e da

---

<sup>41</sup> O termo opção sexual foi utilizado propositalmente para apuração de como o *chat* reagiria a um erro linguístico e evitado de preconceito.

propriedade, enquanto especialistas em segurança pública e movimentos sociais alertam para o aumento da violência e defendem políticas de prevenção e proteção coletiva. Como lembra Foucault (2012), os discursos são práticas que moldam modos de pensar, e, nesse caso, confrontam racionalidades distintas sobre liberdade, segurança e soberania.

Temas como combate às drogas, criminalidade e política prisional, também, expõem antagonismos. Sob a perspectiva de quem defende que os problemas podem ser tratados apenas como política de segurança pública, prevalece a criminalização e o endurecimento de penas. Sob a ótica quem defende que o combate às drogas pode ser mais efetivo se tratado como questão de saúde pública, defende-se a descriminalização, o tratamento e a reinserção social. Do mesmo modo, o encarceramento pode ser visto como punição e neutralização ou como espaço de recuperação e reintegração. A análise do discurso permite observar que esses sentidos não emergem de forma espontânea, mas são construídos historicamente e atravessados por ideologias (Pêcheux, 1988).

Questões ligadas a gênero e sexualidade intensificam ainda mais as disputas discursivas. Perguntas como “o que é um homem?” ou “o que é uma mulher?” revelam a coexistência de discursos que consideram somente o aspecto biológico e de outros que reconhecem o gênero como construção social e identitária. De igual maneira, o combate ao preconceito contra pessoas LGBTQIA+<sup>42</sup> é compreendido por uns como política de direitos humanos, enquanto outros negam a existência de discriminação estrutural, reforçando práticas excludentes. Esse embate evidencia, como afirma Pêcheux (1997), que não há discurso sem ideologia, nem sujeito fora das condições de produção que o atravessam.

O que há de comum em todas essas questões é que suas respostas dificilmente são neutras: variam conforme a formação ideológica e discursiva do grupo a que pertence o sujeito que responde. São temas que funcionam como “divisores de águas” no espaço público, demarcando fronteiras políticas e ideológicas. Assim, ainda que as respostas se tratem de um recorte, uma vez que o *ChatGPT* se caracteriza por produzir textos inéditos que dificilmente se repetem, ao analisá-las, é possível

---

<sup>42</sup> LGBTQIA+ é uma sigla que representa um movimento social e político para a diversidade de orientação sexual e identidade de gênero, abrangendo pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais e Assexuais, com o "+" para incluir outras identidades e orientações. A sigla busca dar visibilidade, combater o preconceito e garantir direitos a essa população.

observar como a inteligência artificial reproduz – e, em certa medida, legitima – disputas simbólicas, assumindo posições discursivas que refletem os embates da sociedade. Nesse sentido, a AD francesa, ao articular linguística, materialismo histórico e psicanálise, fornece o arcabouço adequado para interpretar como esses discursos circulam e produzem sentidos em diferentes contextos (Caregnato; Mutti, 2006).

Dessa forma, este capítulo estabeleceu os fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa. A Análise do Discurso de linha francesa fornece o arcabouço para compreender os enunciados do *ChatGPT* como atravessados por ideologia, memória e condições históricas. O detalhamento do funcionamento dos modelos de linguagem contextualizou como esses vieses se inscrevem na tecnologia, enquanto a escolha e a problematização das perguntas evidenciaram seu potencial de mobilizar diferentes formações discursivas na sociedade.

Acredita-se que o resultado seja uma abordagem metodológica interpretativa e crítica, capaz de articular teoria, tecnologia, discurso e contexto social na análise proposta.

## 5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresentam-se e analisam-se os dados gerados. Os *prompts* de comando, realizados nos dias 31 de março, 1º e 2 de abril de 2025, foram respondidos em três idiomas: inglês, português e espanhol, apresentados aqui nessa ordem.

Divididas por temáticas, estão as respostas para cada idioma, na íntegra, conforme foram trazidas pelo *ChatGPT*.

Na sequência, encontra-se a análise do discurso realizada sobre o texto de cada um dos temas selecionados.

A apresentação temática segue esta ordem:

1. Legalização da posse de armas;
2. Legalização do aborto;
3. Constituição da família;
4. Combate às drogas ilícitas;
5. Combate à criminalidade;
6. Política prisional;
7. Definição de gêneros;
8. Definição de homem;
9. Definição de mulher;
10. Combate aos preconceitos em virtude de orientação sexual;
11. Combate aos preconceitos decorrentes de opção sexual<sup>43</sup>.

Ressalta-se que os temas selecionados são controversos, influenciados por diversos fatores, incluindo o linguístico, como se pretende evidenciar neste trabalho, na tentativa de provar que, a depender do idioma de pesquisa, não há neutralidade nos discursos produzidos em ambientes em que IA Generativa comparece.

### 5.1 Temática: Legalização da posse de armas

Seguem apresentadas a pergunta e as respostas sobre o tema “Legalização da posse de armas”, organizadas em quadros separados pelo idioma de inserção da questão, e posterior análise.

---

<sup>43</sup> Ressalta-se, conforme já explicitado na Nota de rodapé 40, que o termo opção sexual foi utilizado propositalmente.

### 5.1.1 Quadros com perguntas e respostas sobre “Legalização da posse de armas”

O Quadro 1, abaixo, trata sobre a “Legalização da posse de armas” em inglês:

**Quadro 1** - Pergunta feita em inglês no dia 1º de abril de 2025: “Legalização da posse de armas”

#### **What are the consequences of legalizing gun ownership for society?**

Legalizing gun ownership is a complex and highly debated issue, with consequences that vary depending on society, culture, institutions, and enforcement mechanisms. Here’s a breakdown of potential positive and negative consequences to help frame the discussion:

##### Potential Benefits of Legalizing Gun Ownership

###### 1. Self-Defense and Personal Security

- Many argue that gun ownership allows individuals to protect themselves, their families, and their property, especially in areas with high crime rates or limited police presence.

###### 2. Deterrent to Crime

- The idea is that if potential criminals believe that citizens may be armed, they might be less likely to commit crimes (especially violent ones like burglary or assault).

###### 3. Empowerment and Civil Liberties

- For some, gun ownership is seen as a fundamental right tied to personal freedom, autonomy, and resistance to government overreach.

###### 4. Cultural and Recreational Aspects

- In many societies, firearms are part of cultural traditions, sport shooting, or hunting, which can have both recreational and economic value.

##### Potential Risks and Challenges

###### 1. Increased Gun Violence

Higher rates of gun ownership can correlate with increased incidents of gun-related deaths, including homicides, suicides, and accidental shootings—especially where regulation is weak.

###### 2. Domestic Violence and Suicide

Access to firearms increases the lethality of domestic disputes and impulsive suicide attempts, which may have otherwise been non-fatal.

###### 3. Public Safety and Law Enforcement Risks

Police forces may face greater danger in societies with widespread gun ownership, complicating law enforcement and escalating otherwise routine interactions.

###### 4. Mass Shootings and Public Fear

In some countries with legalized and less regulated gun ownership, there is a higher frequency of mass shootings, affecting public sense of safety and mental health.

###### 5. Black Market and Trafficking

Legalizing guns without strong regulatory frameworks can fuel the illegal gun trade, especially if firearms are easily diverted into criminal hands.

##### Key Considerations for Society

**Regulation:** Legalization doesn't have to mean lack of control. Licensing, background checks, safe storage laws, and limits on certain types of weapons are all tools to manage the risks.

**Cultural Context:** In countries with strong gun culture and responsible gun use (e.g., hunting traditions), outcomes can differ from places where guns are associated mainly with crime.

**Enforcement and Education:** A strong legal framework, coupled with public awareness and safety training, plays a huge role in mitigating negative effects.

##### In Summary:

Legalizing gun ownership brings a trade-off between individual rights and collective safety. The consequences depend heavily on how the law is designed and enforced, as well as on the broader social and cultural environment. Thoughtful regulation, education, and monitoring are essential to balancing the benefits with the risks.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

O Quadro 2, em prosseguimento, traz a pergunta e a resposta desenvolvida pelo *ChatGPT*, em português.

**Quadro 2** - Pergunta feita em português no dia 31 de março de 2025: “Legalização da posse de armas”

**Quais são as consequências da legalização da posse de arma para a sociedade?**

A legalização da posse de armas de fogo gera efeitos diversos em uma sociedade, dependendo muito do contexto social, político e cultural do país. Mas, de forma geral, algumas das principais consequências observadas ou debatidas incluem:

1. Aumento ou redução da violência: Há estudos com conclusões divergentes. Alguns apontam que a maior circulação de armas tende a elevar os índices de homicídios, suicídios e acidentes. Outros defendem que a posse de armas pode inibir crimes, especialmente contra o patrimônio, ao dar ao cidadão meios de defesa. O consenso é difícil porque o impacto varia conforme a forma como a lei é implementada.
2. Sensação de segurança (ou insegurança): Para alguns, possuir uma arma traz sensação de proteção. Para outros, saber que mais pessoas estão armadas aumenta o medo de conflitos cotidianos escalam para violência letal, especialmente em ambientes tensos como o trânsito, por exemplo.
3. Impacto sobre as forças de segurança: O aumento de armas em circulação pode dificultar o trabalho da polícia, elevar o número de confrontos armados e tornar abordagens mais arriscadas.
4. Suicídios e acidentes domésticos: Em países onde a posse de armas é comum, é frequente o aumento de suicídios com arma de fogo e de acidentes domésticos, especialmente envolvendo crianças ou pessoas em situação de sofrimento psíquico.
5. Desigualdade no acesso: Em geral, o acesso legal às armas tende a beneficiar grupos com maior poder aquisitivo, enquanto os impactos da violência armada costumam afetar desproporcionalmente populações mais pobres e vulneráveis.
6. Fortalecimento de determinadas culturas políticas: A discussão sobre armas também mobiliza ideologias — como a valorização da autodefesa individual em detrimento do papel do Estado como garantidor da segurança coletiva.

Em resumo, a legalização da posse de armas traz consigo uma série de consequências que vão além da esfera individual. É uma decisão de política pública que deve considerar evidências empíricas, particularidades sociais e a capacidade do Estado de fiscalizar e mitigar riscos.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

O Quadro 3 traz a pergunta em espanhol<sup>44</sup>.

**Quadro 3** - Pergunta feita em espanhol no dia 2 de abril de 2025: “Legalización da posse de armas”

**Cuáles son las consecuencias de la legalización de la posesión de armas para la sociedad?**

La legalización de la posesión de armas genera consecuencias amplias y profundas para la sociedad. Dependiendo de cómo se implementa – y del contexto cultural, social y político – estas consecuencias pueden variar bastante. Abaixo, listo os principais efeitos que costumam ser debatidos:

Consecuencias negativas (potenciales o documentadas)

1. Aumento de la violencia y homicídios
  - En muchos países, estudios han mostrado una correlación entre más armas en circulación y mayores tasas de homicidio y violencia doméstica.
  - Armas en el hogar incrementan el riesgo de muertes accidentales o impulsivas, especialmente en situaciones de estrés, depresión o conflictos familiares.
2. Accidentes y muertes no intencionales
  - La presencia de armas en casas, especialmente donde hay niños o adolescentes, aumenta el riesgo de accidentes fatales.
3. Escalada en conflictos cotidianos
  - Disputas que podrían terminar en una simple discusión pueden escalar rápidamente cuando una o más personas están armadas.
4. Mayor dificultad para el control estatal

<sup>44</sup> Na resposta, há uma mistura de termos e estruturas linguísticas em português e em espanhol, o que se manteve literalmente, conforme o original, na transcrição do texto.

|   |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• La proliferación de armas puede dificultar la acción de las fuerzas de seguridad y el control de actividades criminosas.</li> </ul>  |
| <p>Consecuencias positivas (argumentadas por defensores)</p> <p>1. Derecho a la autodefensa</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Muchas personas consideran que portar un arma es una forma legítima de protegerse, especialmente en zonas con alta criminalidad y poca presencia policial.</li> </ul> <p>2. Disuasión de delitos</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Algunos estudios apuntan que a presença de armas entre civis pode ter um efeito dissuasório, embora essa evidência seja controversa e varie muito conforme o país e o contexto.</li> </ul> <p>3. Liberdade individual</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Para alguns, possuir uma arma é uma questão de liberdade e autonomia, ligada à proteção da propriedade e da família.</li> </ul> <p>Factores clave a considerar</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Regulación estricta: En países onde há legalização, o sucesso (ou fracasso) costuma estar ligado à existência de normas rígidas sobre porte, registro, treinamento e antecedentes criminais.</li> <li>• Contexto cultural: Em sociedades com forte cultura de armas, como os EUA, os impactos são diferentes dos observados em países sem essa tradição.</li> <li>• Educação e conscientização: Programas de educação sobre uso seguro e armazenamento de armas são fundamentais para mitigar riscos.</li> </ul> <p>Conclusión</p> <p>A legalização da posse de armas é uma decisão que afeta diretamente a segurança pública, a saúde mental, as relações sociais e a dinâmica da violência. Não é uma questão apenas de "ser a favor ou contra", mas sim de avaliar com muito cuidado o impacto concreto dessa política na vida das pessoas – e isso exige dados, estudos, diálogo e responsabilidade coletiva.</p> |

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

Diante do exposto nos Quadros 1, 2 e 3, passa-se à análise do discurso.

### 5.1.2 Análise do discurso sobre “Legalização da posse de armas”

As respostas obtidas tiveram vieses diferentes, principalmente na comparação feita entre os idiomas inglês e português.

Na análise discursiva da resposta para a pergunta feita em inglês sobre as consequências da legalização da posse de armas, tem-se um texto que se encaixa na tradição discursiva liberal anglo-saxônica, com valorização das liberdades individuais, uma pauta histórica dos Estados Unidos. Como se observa no Quadro 1, primeiramente, o *ChatGPT* elenca quatro pontos favoráveis à posse, intitulados “Benefícios Potenciais da Legalização da Posse de Armas”<sup>45</sup>: autodefesa e segurança pessoal; dissuasão do crime; empoderamento e liberdades civis; aspectos culturais e recreativos, todos devidamente justificados. Depois, elencam-se cinco “Riscos e Desafios Potenciais”<sup>46</sup>: aumento da violência armada; violência doméstica e suicídios;

<sup>45</sup> Tradução livre do inglês “Potential Benefits of Legalizing Gun Ownership”.

<sup>46</sup> Tradução livre do inglês “Potential Risks and Challenges”.

riscos à segurança pública e à atuação policial; tiros em massa e medo coletivo; mercado negro e tráfico de armas. Porém, nos itens desfavoráveis, e apenas neles, o *chat* faz ressalvas em quatro dos cinco itens: aumento da violência armada, especialmente onde a regulamentação é fraca; violência doméstica e tentativas de suicídios, que poderiam não ser fatais de outra forma; tiros em massa e medo coletivo, em alguns países com posses legalizadas e regulação frouxa; mercado negro e tráfico de armas, quando as armas são legalizadas sem um forte arcabouço regulatório.

Sequencialmente, o *ChatGPT* coloca como considerações-chave para a decisão: regulamentação, contexto cultural, aplicação da lei e educação. Por fim, conclui com este resumo: “Legalizar a posse de armas envolve um equilíbrio entre direitos individuais e segurança coletiva. As consequências dependem fortemente de como a lei é desenhada e aplicada, além do ambiente social e cultural. Regulamentação cuidadosa, educação e monitoramento são essenciais para equilibrar benefícios e riscos”<sup>47</sup>. Fica-se com a sensação de que a legalização da posse de armas é, acima de tudo, uma questão de regulamentação. Ideologicamente, o texto naturaliza o debate sobre a posse de armas como um direito, focando na necessidade da boa regulação, ao invés de questionar o princípio da posse de armas em si, o que revela uma posição liberal.

Na resposta em português, é possível observar a forte influência do contexto latino-americano, mais especificamente brasileiro. Diferentemente da resposta em inglês, o *ChatGPT* não elenca pontos favoráveis e negativos, mas consequências que precisam ser observadas. Têm-se, então: aumento ou redução da violência; sensação de segurança (ou insegurança); suicídios e acidentes domésticos; desigualdade no acesso; e fortalecimento de determinadas culturas políticas.

No primeiro tópico, sobre aumento ou redução da violência, o *ChatGPT* afirma que os estudos são divergentes e que o consenso é difícil, pois o impacto varia conforme a implementação da lei, o único ponto de encontro com a resposta em inglês. Ao tratar sobre sensação de segurança (ou insegurança), alerta para o medo que as pessoas possuem de conflitos cotidianos escalarem para violência letal, em ambientes tensos como o trânsito. Acerca do impacto sobre as forças de segurança, é reforçado

---

<sup>47</sup> Tradução livre do inglês “Legalizing gun ownership brings a trade-off between individual rights and collective safety. The consequences depend heavily on how the law is designed and enforced, as well as on the broader social and cultural environment. Thoughtful regulation, education, and monitoring are essential to balancing the benefits with the risks”.

que o aumento de armas em circulação pode dificultar o trabalho da polícia, elevar o número de confrontos armados e tornar abordagens mais arriscadas. Na quarta subdivisão, em que o tema é suicídio e acidentes domésticos, a IA relaciona a posse de armas ao aumento dos suicídios e de acidentes domésticos, especialmente envolvendo crianças ou pessoas em situação de sofrimento psíquico. Aqui, há uma sensível diferença em relação à resposta da pergunta feita em inglês, pois o *ChatGPT* é mais taxativo nas mortes causadas pelas armas de fogo, informando que a situação é frequente nos países em que as armas são legalizadas e citando a questão dos acidentes domésticos, que é omitida na resposta em inglês. No tópico 5, o *ChatGPT* traz a questão da desigualdade no acesso à posse de armas, com favorecimento de grupos com maior poder aquisitivo, o que também não foi abordado na resposta em inglês. Por fim, ao abordar sobre fortalecimento de determinadas culturas políticas, a ferramenta, contrapõe a valorização da autodefesa individual em detrimento do papel do Estado como garantidor da segurança coletiva e finaliza com este argumento: “Em resumo, a legalização da posse de armas traz consigo uma série de consequências que vão além da esfera individual. É uma decisão de política pública que deve considerar evidências empíricas, particularidades sociais e a capacidade do Estado de fiscalizar e mitigar riscos”.

O texto elaborado em português claramente reflete uma formação discursiva mais comum em países onde o papel do Estado como garantidor da segurança é central, e onde a circulação de armas é historicamente associada a aumento da violência social. É produzido dentro de uma realidade na qual o debate sobre armas está profundamente ligado a desigualdades sociais e questões de segurança pública. Não parte, assim como na versão da resposta em inglês, do princípio de que a posse de armas é um direito do cidadão.

A resposta do *ChatGPT* para a questão feita em espanhol, por sua vez, se aproxima do viés discursivo da resposta em português, porém, com marcas mais neutras e equidistantes. Primeiro, a IA elenca as consequências negativas, informando que estudos mostram que a taxa de homicídios é maior em países que legalizam a posse de armas, depois afirma que armas em casa aumentam o risco de mortes acidentais ou impulsivas. No item 3, reforça o risco de acidentes, especialmente com crianças e adolescentes, finalizando, no item 4, com a escalada de conflitos cotidianos e o aumento da dificuldade do controle da atividade criminosa em função da proliferação de armas com a legalização.

Já nas consequências positivas, o resultado enfoca o direito da autodefesa, dissuasão de crimes, mas, nesse ponto, com o adendo de afirmar que essa evidência é controversa e varia bastante conforme o país e o contexto, concluindo com o argumento da liberdade individual.

Vale ressaltar que, no título “consequências negativas”, o *ChatGPT* abre um parêntese e informa “potenciais ou documentadas”; por outro lado, no título “consequências positivas”, dentro dos parênteses, está “argumentadas por defensores”. A resposta em espanhol, dessa feita, reflete a ideologia do “debate informado e da negociação democrática”, com raízes nas práticas discursivas latino-americanas de mediação.

Nas respostas em português e espanhol, o texto se posiciona a partir de uma ideologia que vê a posse de armas como uma questão de política pública e não apenas de direitos individuais. A resposta em português, no entanto, é mais enfática e há uma crítica implícita ao discurso liberal pró-armas ao destacar que a legalização não afeta igualmente todas as camadas da sociedade, o que pode reforçar desigualdades e tensões sociais.

As respostas nos três idiomas mobilizam memórias discursivas diferentes, conforme a AD francesa. A elaborada em inglês reforça a narrativa das liberdades individuais, enquanto as respostas em português e espanhol reforçam a narrativa do Estado como único ou principal responsável pela segurança coletiva.

O Quadro 4 sintetiza e compara os aspectos relevantes das respostas.

**Quadro 4** - Síntese das respostas e vieses: “Legalização da posse de armas”

| <b>Idioma</b>    | <b>Viés principal</b>          | <b>Enunciação Dominante</b>               | <b>Efeitos de sentido</b>   |
|------------------|--------------------------------|---|---|
| <b>Inglês</b>    | Liberal jurídico – Regulatório | Técnica, institucional, reguladora        | Armas como direito individual a ser regulado; foco no equilíbrio entre liberdade e segurança pública  |
| <b>Português</b> | Crítico-social estatal         | Política, situada no contexto social      | Armas como agravante da violência social; destaque para desigualdade, risco público e papel do Estado |
| <b>Espanhol</b>  | Equilibrado-mediador           | Técnica, institucional, segurança pública | Armas como problema público controverso; ênfase na mediação entre liberdade e bem Coletivo            |

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2025).

Segue a próxima abordagem temática.

## 5.2 Temática: Legalização do aborto

Organizaram-se as respostas para a questão posta nos Quadros 5, 6 e 7.

### 5.2.1 Quadros com perguntas e respostas sobre “Legalização do aborto”

O Quadro 5, a seguir, traz a pergunta e a resposta em inglês.

**Quadro 5** - Pergunta feita em inglês no dia 1º de abril de 2025: “Legalização do aborto”

**What factors should a society consider before deciding to legalize or criminalize abortion?**

This is a deeply important and often polarizing question, and any society considering whether to legalize or criminalize abortion needs to weigh a wide range of factors thoughtfully and respectfully. Here’s a balanced overview of the key considerations:

1. Ethical and Moral Perspectives

- Sanctity of life vs. bodily autonomy: Some see abortion as ending a human life, while others prioritize a woman's right to make decisions about her own body.
- Religious beliefs: In many societies, religious doctrines significantly shape views on abortion, influencing public opinion and legislation.

2. Women's Rights and Health

- Reproductive rights: Legal access to abortion is often framed as a matter of gender equality and personal autonomy.
- Maternal health: In places where abortion is criminalized, unsafe and illegal procedures can lead to high rates of maternal mortality and morbidity.
- Mental health: Access to safe abortion can impact a woman's psychological well-being, especially in cases of rape, incest, or serious fetal abnormalities.

3. Legal and Constitutional Framework

- Human rights law: Some constitutions or international human rights agreements protect reproductive rights; others may define life as beginning at conception.
- Judicial precedent: Past rulings by courts often shape how abortion laws evolve or are interpreted.

4. Social and Economic Context

- Access to healthcare and support: The availability of contraception, sex education, and prenatal/postnatal care plays a role in shaping responsible reproductive choices.
- Socioeconomic impact: For many, the decision to terminate a pregnancy is influenced by economic hardship, lack of support, or unstable living conditions.

5. Public Opinion and Cultural Norms

- Social values: What the majority of the population believes may guide policy, but it's important to balance majority opinion with minority rights.
- Stigma and social pressure: In some cultures, abortion may carry significant stigma, which can affect whether women seek safe procedures – even if they're legal.

6. Exceptions and Complex Cases

- Many societies choose to legalize abortion with restrictions – for example, allowing it in cases of: Risk to the mother's life or health; Rape or incest; Severe fetal abnormalities.

7. Impact on the Legal and Criminal Justice System

- Enforcement challenges: Criminalizing abortion can lead to overcrowded legal systems and prosecution of women and healthcare providers.
- Privacy concerns: Legal investigations into abortions can infringe on doctor-patient confidentiality and women's privacy.

In Summary: A society must consider ethical, legal, medical, social, and economic dimensions before deciding on abortion laws. The goal should be to protect human dignity, minimize harm, and ensure that policies reflect both public values and fundamental rights. It’s not a one-size-fits-all decision, and nuanced, inclusive dialogue is essential.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

O Quadro 6, em prosseguimento, traz a pergunta e a resposta em português.

**Quadro 6** - Pergunta feita em português no dia 31 de março de 2025: “Legalização do aborto”

**Que fatores uma sociedade deve levar em consideração antes de decidir pela legalização ou criminalização do aborto?**

Essa é uma questão complexa, Marcus, e envolve múltiplos fatores que precisam ser analisados com responsabilidade, empatia e base em dados. Antes de decidir pela legalização ou criminalização do aborto, uma sociedade deve considerar:

1. Direitos humanos e autonomia corporal: A capacidade da mulher de tomar decisões sobre o próprio corpo é um princípio central em debates sobre direitos individuais e liberdade.
  2. Consequências da criminalização: Em muitos países, a proibição não impede a prática do aborto, mas empurra mulheres para procedimentos clandestinos e inseguros, aumentando o risco de morte e complicações de saúde.
  3. Questões de saúde pública: O aborto, quando feito de forma legal e segura, é um procedimento com baixo risco. A criminalização pode sobrecarregar o sistema de saúde com casos de complicações graves.
  4. Fatores sociais e econômicos: A decisão de interromper uma gravidez pode estar ligada a situações de extrema vulnerabilidade, como pobreza, falta de apoio, violência doméstica ou estupro.
  5. Aspectos éticos e religiosos: A diversidade de valores em uma sociedade precisa ser considerada, respeitando crenças individuais sem impor visões particulares ao conjunto da população.
  6. Impacto sobre grupos vulneráveis: Mulheres negras, pobres e com baixa escolaridade geralmente são as mais afetadas pelas restrições ao aborto, o que agrava desigualdades sociais.
  7. Educação sexual e acesso a métodos contraceptivos: Antes de discutir o aborto, é fundamental avaliar se há políticas públicas eficazes de prevenção da gravidez indesejada.
- Em resumo, a decisão sobre legalizar ou criminalizar o aborto não é apenas jurídica ou moral – é também uma questão de saúde, justiça social e direitos fundamentais.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

Seguem a pergunta e a resposta em espanhol no Quadro 7:

**Quadro 7** - Pergunta feita em espanhol no dia 2 de abril de 2025: “Legalización del aborto”

**Qué factores debe considerar una sociedad antes de decidir sobre la legalización o criminalización del aborto?**

La decisión de legalizar o criminalizar el aborto es profundamente compleja y toca aspectos éticos, legales, sanitarios, sociales y culturales. Una sociedad que quiera tomar una decisión informada y justa sobre este tema debería considerar varios factores clave:

1. Derechos humanos y autonomía
  - Derecho a decidir: Uno de los principales argumentos a favor de la legalización es el respeto a la autonomía de la mujer sobre su propio cuerpo.
  - Derecho a la vida y dignidad: También se considera el derecho del embrión o feto, lo que genera un debate ético sobre cuándo comienza la vida y qué derechos tiene ese ser en desarrollo.
2. Salud pública
  - Abortos inseguros: En sociedades donde el aborto es criminalizado, muchas mujeres recurren a procedimientos clandestinos que ponen en riesgo su salud y su vida.
  - Acceso a servicios de salud: Legalizar el aborto implica también garantizar condiciones médicas seguras, atención psicológica y acompañamiento profesional.
3. Justicia social y equidad
  - Impacto en mujeres vulnerables: Las mujeres pobres o en situaciones de riesgo suelen ser las más perjudicadas por la criminalización, ya que no tienen acceso a abortos seguros.
  - Desigualdad de acceso: La legalización puede reducir desigualdades al garantizar que todas las mujeres, sin importar su clase social, tengan acceso al mismo derecho.
4. Aspectos éticos y culturales
  - Diversidad de creencias: Las sociedades son cultural y religiosamente diversas. Las decisiones deben considerar esa pluralidad sin imponer visiones únicas.

(Continuação)

- Ética médica y profesional: Es importante considerar la objeción de conciencia por parte de profesionales de la salud, sin que eso limite el acceso legal a los servicios.
5. Marco legal y constitucional
- Compatibilidad con la Constitución: Cualquier decisión debe respetar el marco legal vigente, especialmente en lo que se refiere a derechos fundamentales.
  - Protección del Estado: Se debe discutir hasta qué punto el Estado debe intervenir en decisiones individuales de las personas sobre su salud reproductiva.
6. Educación sexual y prevención
- Prevención del embarazo no deseado: La discusión sobre el aborto también debe incluir la importancia de una educación sexual integral y el acceso a métodos anticonceptivos.
  - Responsabilidad compartida: La sociedad debe reflexionar sobre el papel de todos (no solo de las mujeres) en la prevención y acompañamiento de embarazos no deseados.
- En resumen, la decisión sobre la legalización o criminalización del aborto no puede basarse solo en creencias individuales o en presiones políticas, sino en un análisis profundo de sus implicaciones en la vida real de las personas, especialmente de las mujeres. Se trata de una cuestión que exige diálogo, empatía, evidencia científica y respeto por los derechos fundamentales.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

A partir do exposto, proceder-se-á a análise do discurso sobre o tema.

### 5.2.2 Análise do discurso sobre “Legalização do aborto”

As respostas do *ChatGPT* nos três idiomas alertam para a complexidade da questão e, de maneira geral, adotam um tom favorável à legalização do aborto, porém em níveis diferentes. O texto em inglês é o que demonstra o teor menos favorável e o que traz mais argumentos contrários à legalização do aborto, porém, ainda assim, adota uma formação discursiva de tom liberal progressista com ênfase na neutralidade e pluralidade de perspectivas. Ao usar expressões como “visão geral equilibrada” e “diálogo inclusivo” estrutura a resposta como um “debate de ideias”. Embora de maneira geral o viés seja favorável à legalização, entre os argumentos contrários comparecem argumentos de que, “[...] em muitas sociedades, as doutrinas religiosas moldam significativamente as visões sobre o aborto, influenciando a opinião pública”<sup>48</sup>, “[...] algumas pessoas veem o aborto como o fim de uma vida humana”<sup>49</sup>; “em algumas culturas, o aborto pode carregar um estigma significativo, o que pode afetar se as mulheres buscam procedimentos seguros – mesmo que sejam legais”<sup>50</sup>. Diante do exposto, o texto apresenta alguns elementos em sua formação discursiva,

<sup>48</sup> Tradução livre do inglês “[...] In many societies, religious doctrines significantly shape views on abortion, influencing public opinion and legislation”.

<sup>49</sup> Tradução livre do inglês “[...]Some see abortion as ending a human life”.

<sup>50</sup> Tradução livre do inglês “In some cultures, abortion may carry significant stigma, which can affect whether women seek safe procedures—even if they're legal.”

como a disputa semântica central: “santidade da vida *versus* autonomia corporal” – e cria uma equivalência entre dois polos do debate, como se fossem igualmente válidos.

Encontra-se o predomínio da lógica argumentativa racionalista, mais voltada ao campo jurídico e político institucional. Nota-se um viés de moderação e imparcialidade aparente, com uma valorização do direito individual e da diversidade normativa. O discurso revela uma tendência anglo-americana de tratar o aborto como uma questão de liberdade individual, evitando termos como “violência” ou “injustiça social”.

O texto em português, por sua vez, traz um tom amplamente favorável à legalização do aborto e praticamente não apresenta argumentos contrários, ainda que que alerte para a complexidade da questão. Sua formação discursiva é mais enfática, com vocabulário fortemente ancorado em justiça social, desigualdade e direitos fundamentais. Vale destacar a interpelação explícita ao sujeito, que aparece no uso do vocativo “Marcus”, sugerindo um envolvimento pessoal e afetivo com o tema. Entre os elementos discursivos marcantes, chama-se a atenção para a escolha lexical, em que são lidos termos como “extrema vulnerabilidade”, “mulheres negras, pobres e com baixa escolaridade”, “desigualdades sociais”, o que desloca o eixo do debate para a questão estrutural. Assim, predomina um viés crítico-emancipatório, com forte marca de intervenção político-social. A questão do aborto é tratada como problema de saúde pública e de reparação de desigualdades históricas. O discurso tem forte ressonância com o imaginário social brasileiro, especialmente no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS) e dos debates sobre raça e classe.

Por fim, na resposta para a pergunta feita em espanhol, o *ChatGPT* começa com o sujeito coletivo – “Uma sociedade que quer [...]”<sup>51</sup> –, construindo um *ethos* de racionalidade política e equidade. Há uma articulação entre direitos, saúde e diversidade cultural/religiosa, com elementos discursivos marcantes como “equilíbrio entre direito de decidir” e “direito à vida e à dignidade” – similar ao inglês, mas com mais ênfase ética e menos legalista. Há um forte destaque para “justiça social e equidade”, inclusive com termos que reforçam a vulnerabilidade social como critério para políticas públicas. Além disso, a IA introduz a noção de “responsabilidade compartilhada”, ampliando a discussão para além das mulheres. O discurso apresenta um viés de justiça distributiva e cultural, com valorização da pluralidade e da crítica ao poder hegemônico de certas crenças. Há um tom conciliador, mas ideologicamente

---

<sup>51</sup> Tradução livre do espanhol “Una sociedad que quiera [...]”.

marcado por uma defesa de políticas públicas inclusivas, entre as quais infere-se o aborto legalizado, o que já é realidade na Espanha, e em outros países da América Latina, como Argentina, Colômbia, México, Uruguai e Cuba.

O Quadro 8 sintetiza e compara aspectos das respostas sobre o tema.

**Quadro 8 - Síntese das respostas e vieses: “Legalização do aborto”**

| Idioma    | Viés principal              | Enunciação Dominante         | Efeitos de sentido                               |
|-----------|-----------------------------|------------------------------|--|
| Inglês    | Liberal pluralista          | Racional, jurídica           | Aborto como dilema moral/individual              |
| Português | Crítico-emancipatório       | Enfática, política, empática | Aborto como questão de desigualdade              |
| Espanhol  | Político, ético, integrador | Política, ética, integradora | Aborto como questão de justiça social e cultural |

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2025).

A seguir, tem-se a abordagem temática “Constituição da família”.

### 5.3 Temática: Constituição da família

Seguem os Quadros 9, 10 e 11, com posterior análise relativa a tal temática.

#### 5.3.1 Quadros com perguntas e respostas sobre “Constituição da família”

Apresentam-se, no Quadro 9, a pergunta e a resposta, em inglês:

**Quadro 9 - Pergunta feita em inglês no dia 1º de abril de 2025: “Constituição da família”**

|   |
|---|
| <p><b>What is the value of family? How is it constituted, and what is its importance to society?</b><br/>Great question! Here’s a well-rounded answer for you:<br/>The Value of Family<br/>Family is one of the foundational building blocks of human society. It is typically constituted by individuals who are connected by blood, marriage, or adoption, forming a unit that provides emotional, psychological, and often financial support to its members. Families can take many forms: nuclear (parents and children), extended (including grandparents, uncles, aunts, etc.), single-parent, or chosen families (non-biological, bonded by mutual care and commitment).<br/>How It Is Constituted<br/>Traditionally, families are formed through marriage and the birth or adoption of children. However, societal changes have broadened the definition to include a variety of structures and living arrangements, recognizing that what defines a family is not strictly legal or biological ties, but also love, support, responsibility, and shared life.<br/>Its Importance to Society<br/>1. Socialization: Family is often the first environment where individuals learn values, norms, language, and behavior. It shapes identity and character from early childhood.<br/>2. Emotional Support: Families offer a sense of belonging and security, helping individuals navigate challenges and crises.<br/>3. Economic Role: Families often share resources, manage households, and contribute to the economic stability of their members, reducing reliance on public support systems.</p> |
|---|

(Continuação)

4. Cultural Transmission: Through stories, traditions, and rituals, families pass down cultural heritage and collective memory.
5. Social Stability: Strong families contribute to more cohesive and resilient communities. When families are supported and stable, society tends to benefit from lower crime rates, better educational outcomes, and improved mental health.
- In summary, the value of family goes beyond private life – it has a ripple effect on the broader health and functioning of society as a whole. Even as its structure evolves, its core role remains central to human connection and social organization.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

Em português, a resposta à pergunta feita está no Quadro 10:

**Quadro 10** - Pergunta feita em português no dia 31 de março de 2025: “Constituição da família”

**Qual é o valor da família? Como ela se constitui e qual a sua importância para a sociedade?**

A família é tradicionalmente considerada uma das instituições sociais mais fundamentais. Seu valor está ligado à função de oferecer afeto, apoio emocional, proteção e socialização dos indivíduos. É no ambiente familiar que geralmente se desenvolvem os primeiros vínculos, valores morais, éticos e culturais.

Ela pode se constituir de diferentes formas – famílias nucleares, extensas, monoparentais, adotivas, homoafetivas, entre outras. A composição da família mudou com o tempo e varia conforme o contexto cultural e histórico, mas sua essência permanece ligada ao cuidado mútuo e à convivência.

Para a sociedade, a família cumpre papéis estruturantes: é um espaço de construção da identidade individual e social, transmite valores de geração em geração e contribui para a coesão social. Também funciona como uma rede de apoio, inclusive em termos econômicos, e ajuda a formar cidadãos mais conscientes e integrados à coletividade.

Se quiser que aprofunde algum desses aspectos (histórico, sociológico, jurídico, etc.), é só dizer!

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

Em espanhol, pergunta e resposta apresentam-se no Quadro 11, na sequência:

**Quadro 11** - Pergunta feita em espanhol no dia 2 de abril de 2025: “Constituição da família”

**Cuál es el valor de la familia? Cómo se constituye y cuál es su importancia para la sociedad?**

La familia es uno de los pilares fundamentales de cualquier sociedad. Su valor radica en que es el primer espacio donde las personas aprenden normas, valores, afecto y comportamientos que les acompañarán durante toda la vida. Es, en muchos sentidos, la primera escuela emocional, ética y cultural de los individuos.

¿Cómo se constituye una familia?

Tradicionalmente, una familia se ha entendido como el núcleo conformado por padres e hijos. Sin embargo, hoy en día el concepto es mucho más amplio e inclusivo. Una familia puede estar formada por:

- Padres e hijos (familia nuclear)
- Una madre o un padre soltero con sus hijos (familia monoparental)
- Abuelos y nietos
- Parejas sin hijos
- Familias adoptivas
- Familias con parejas del mismo sexo
- Personas que, aunque no compartan lazos de sangre, se reconocen y actúan como familia

Lo esencial no es tanto la forma, sino los vínculos de afecto, apoyo, compromiso y cuidado mutuo.

¿Cuál es su importancia para la sociedad?

1. Formación de valores: La familia es el primer espacio donde se enseñan valores como el respeto, la solidaridad, la empatía y la responsabilidad.

(Continuação)

2. Estabilidad emocional: Ofrece contención emocional, sentido de pertenencia y apoyo en momentos de crisis.
  3. Educación informal: Complementa la educación formal, enseñando desde habilidades prácticas hasta formas de relacionarse.
  4. Reproducción cultural: Transmite tradiciones, creencias, idiomas y costumbres.
  5. Sostenimiento económico: En muchos casos, es una unidad económica básica que distribuye recursos, protege y cuida a sus integrantes.
  6. Red de apoyo: Es el primer lugar al que las personas recurren ante problemas de salud, desempleo o dificultades personales.
- En resumen, la familia es clave tanto para el desarrollo del individuo como para la cohesión social. Aunque sus formas cambien con el tiempo y según la cultura, su función esencial permanece: ser un espacio de cuidado, formación y pertenencia.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

A partir do exposto nos Quadros 9, 10 e 11, passa-se à análise do discurso.

### 5.3.2 Análise do discurso sobre “Constituição da família”

As respostas para a questão “Qual é o valor da família? Como ela é constituída e qual a sua importância para a sociedade?” tiveram vieses diferentes. A elaborada em inglês estrutura-se como um texto enciclopédico e equilibrado, ancorado na tradição discursiva anglo-saxônica que privilegia a racionalidade, a neutralidade e o universalismo. A família é apresentada como “um dos alicerces fundamentais da sociedade humana”<sup>52</sup>, o que a situa no campo das instituições estruturantes, porém de modo despolitizado e funcional.

O modo de dizer remete a uma explicação formal, de caráter sociológico, marcada por impessoalidade e objetividade. O texto assume uma postura didática (“Here’s a well-rounded answer for you”<sup>53</sup>), caracterizando-se por uma enunciação racional, neutra e hierarquicamente superior ao leitor, como um professor que elabora uma explicação. A família é representada como uma estrutura plural e adaptável, cuja função é garantir estabilidade social e transmissão cultural. O discurso enfatiza a diversidade (famílias nucleares, estendidas, escolhidas), mas dentro de uma moldura funcionalista, em que cada tipo de família contribui para o equilíbrio social. O efeito de sentido predominante é de normalização da diversidade sob um olhar liberal, em que a família continua sendo a base da ordem social, independentemente de sua configuração. Em termos “pecheutianos”, trata-se de um discurso que se inscreve na

<sup>52</sup> Tradução livre do inglês “one of the foundational building blocks of human society”.

<sup>53</sup> Tradução em português: “Aqui está uma resposta completa para você”.

formação ideológica do liberalismo ocidental, ao conciliar diversidade e manutenção da estrutura social. A heterogeneidade das formas familiares é admitida, mas o eixo central continua sendo a coesão e a estabilidade – valores do imaginário capitalista e da ética do *self* autônomo.

A resposta em português mobiliza uma formação discursiva distinta, mais afetiva e comunitária, que ecoa o imaginário social brasileiro. A ênfase está no afeto, na convivência e na função da família como “espaço de construção da identidade individual e social”. A ideologia subjacente é de natureza solidária e relacional, deslocando o foco do indivíduo para o coletivo. O discurso é mais próximo do leitor, construído em tom inclusivo e dialogal. Não há termos de autoridade científica, mas uma linguagem acessível e humanizadora. O *ChatGPT* se posiciona como intérprete de valores sociais, e não como perito.

O texto produz uma representação afetiva e cultural da família, associando-a à formação moral e à coesão social. A pluralidade familiar (homoafetiva, adotiva, monoparental) aparece como dado natural, sem hierarquização. A ideologia do cuidado substitui a do controle, e a centralidade do Estado e da sociedade se destaca sobre a autonomia individual. Destaca-se a citação da família homoafetiva, o que não ocorre na resposta em inglês. Há, portanto, um viés discursivo comunitário e ético, próximo da formação ideológica latino-americana de solidariedade e interdependência. A família não é apenas instituição social, mas espaço simbólico de pertencimento e reconstrução social. Por fim, o *chat* termina a resposta perguntando se há interesse em aprofundar o assunto nos contextos históricos, sociológico, jurídico etc.

O texto em espanhol adota um viés discursivo próximo ao latino, mas com uma tonalidade mais formal e integradora. O *ChatGPT* apresenta a família como “pilar fundamental de ‘qualquer sociedade’”<sup>54</sup> – termo que a posiciona no centro da moral social. No entanto, a resposta introduz um elemento distintivo: a diversidade familiar como reflexo da inclusão democrática. A enunciação assume tom normativo, quase institucional, com linguagem organizada em tópicos e explicações graduais. A função é de educar e reforçar consensos éticos universais: respeito, solidariedade, empatia. A voz do enunciador se aproxima de uma autoridade moral e educativa. O discurso articula tradição e modernidade: a família é tanto “escola emocional e ética” quanto

---

<sup>54</sup> Tradução livre do espanhol “cualquier sociedad”.

“rede de apoio econômico e cultural”. O texto cria um efeito de equilíbrio ideológico – reconhece novas configurações familiares, mas reafirma sua centralidade para a estabilidade social.

A ideologia de fundo é a da moderação cultural hispânica, que busca conciliar pluralidade com valores coletivos, diferindo do liberalismo individualista anglo-saxão e da afetividade solidária brasileira.

O Quadro 12, sinteticamente, mostra a comparação de aspectos presentes nas respostas geradas sobre o tema “Constituição da família”, conforme segue.

**Quadro 12** - Síntese das respostas e vieses: “Constituição da família”

| <b>Idioma</b>    | <b>Viés principal</b>          | <b>Enunciação Dominante</b> | <b>Efeitos de sentido</b>  |
|------------------|--------------------------------|-----------------------------|--|
| <b>Inglês</b>    | Liberal-humanista, normativo   | Científico-pedagógica       | Família como estrutura funcional e estável que garante ordem social e diversidade controlada |
| <b>Português</b> | Social-coletivo, ético-afetivo | Empática e sociocultural    | Família como espaço de afeto, identidade e solidariedade; diversidade naturalizada           |
| <b>Espanhol</b>  | Ético-cultural, comunitarista  | Normativo-humanista         | Família como pilar moral e cultural; integração entre tradição e pluralismo                  |

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2025).

Até aqui, é possível perceber que a seleção do idioma refletiu em alterações.

#### **5.4 Combate às drogas ilícitas**

A pergunta feita acerca do “Combate às drogas ilícitas”, controvérsia que há muito permeia os debates nas diversas esferas das sociedades, polarizou duas perspectivas a partir das quais se esperava que a questão fosse respondida: política de segurança pública ou política de saúde pública.

Essa polarização ancora-se em duas abordagens: o proibicionismo (“guerra às drogas”), sustentando os argumentos do combate como política de segurança pública; e a legalização/descriminalização, em que se ancora o discurso com foco em saúde pública e redução de danos. A abordagem tradicional – proibicionismo – foca na repressão policial e penal para coibir a produção, o comércio e o consumo de drogas; a legalização/descriminalização sugere a mudança de paradigma, tratando o uso de drogas como questão de saúde pública, portanto, não criminal.

Passa-se, em continuidade, ao tratamento das respostas geradas.

#### 5.4.1 Quadros com perguntas e respostas sobre “Combate às drogas ilícitas”

O Quadro 13, conforme segue, traz a abordagem temática em inglês:

**Quadro 13** - Pergunta feita em inglês no dia 1º de abril de 2025: “Combate às drogas ilícitas”

**Should the fight against illegal drugs be approached as a public security policy issue or a public health policy issue?**

Excellent question – and one that’s at the heart of a global debate. Here’s a balanced breakdown:

Approaching It as a Public Security Issue

Main Focus: Combat drug trafficking, dismantle criminal networks, and enforce laws against possession, production, and distribution.

Arguments in Favor:

- **Crime Reduction:** Drug trafficking often fuels organized crime, gang violence, and corruption.
- **Law and Order:** States have a duty to maintain public safety and uphold laws, including those prohibiting drug use and sale.
- **Deterrence:** Punitive measures are believed by some to discourage drug use and related activities.

Limitations:

- **Mass Incarceration:** Criminalizing users has led to overcrowded prisons, often targeting marginalized communities disproportionately.
- **Limited Effectiveness:** Decades of “war on drugs” policies have not significantly reduced global drug consumption or trafficking.
- **Neglect of Treatment:** Focusing only on punishment often ignores the root causes of addiction.

Approaching It as a Public Health Issue

Main Focus: Treat drug addiction as a disease, focusing on prevention, harm reduction, treatment, and reintegration.

Arguments in Favor:

- **Evidence-Based:** Countries like Portugal that shifted to health-centered approaches saw decreases in overdoses, HIV infections, and drug-related deaths.
- **De-stigmatization:** Treating users with compassion rather than punishment encourages people to seek help.
- **Social Reintegration:** Helps break the cycle of addiction and criminality by offering support services (housing, therapy, job training).

Limitations:

- **Perception of Leniency:** Critics argue that decriminalizing or treating drug use solely as a health issue may send the wrong signal or downplay the risks.
- **Transitional Challenges:** Shifting from a punitive to a public health model requires systemic reform, funding, and cultural change.

A Balanced, Integrated Approach

Many experts argue the most effective path is a combination of both:

- Public security should focus on high-level trafficking and organized crime.
- Public health should address prevention, treatment, and harm reduction for users.

This dual-track strategy recognizes the complexity of the issue and aims to reduce both drug-related crime and the personal and societal harm caused by drug addiction.

In Summary:

While enforcement is necessary to combat trafficking and protect communities, treating drug use primarily as a public health issue tends to be more humane, effective, and sustainable in the long term. The best results come from integrating both perspectives – targeting crime without criminalizing people struggling with addiction.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

O Quadro 14, sequencialmente organizado, traz a resposta à pergunta feita em português:

**Quadro 14** - Pergunta feita em português no dia 31 de março de 2025: “Combate às drogas ilícitas”**O combate às drogas ilícitas deve ser visto como uma questão de política de segurança pública ou de política de saúde pública?**

Essa é uma das grandes questões do nosso tempo, Marcus, e a resposta mais coerente provavelmente não está em escolher uma única abordagem, mas em reconhecer que as duas dimensões – segurança e saúde – precisam atuar de forma integrada. Ainda assim, há um movimento crescente, em muitos países e entre especialistas, no sentido de priorizar o enfoque da saúde pública. Vamos aos dois lados:

## 1. Enfoque da segurança pública (modelo repressivo/punitivo):

Esse modelo trata o uso e o comércio de drogas ilícitas como crime, focando em ações policiais, prisões e repressão ao tráfico. É o modelo predominante em grande parte do mundo há décadas.

Consequências:

- Superlotação do sistema prisional, muitas vezes com pessoas presas por porte ou pequenos delitos ligados à sobrevivência.
- Fortalecimento de organizações criminosas, que controlam o mercado ilegal.
- Repressão que afeta desproporcionalmente comunidades pobres e racializadas.
- Poucos resultados efetivos na redução do consumo.

## 2. Enfoque da saúde pública (modelo preventivo e terapêutico):

Aqui, o uso de drogas é tratado como uma questão de saúde, não de moral ou criminalidade. O foco está na prevenção, no tratamento, na redução de danos e no acolhimento de usuários.

Benefícios:

- Redução do estigma sobre usuários e melhora no acesso a tratamentos.
- Políticas de redução de danos (como distribuição de seringas ou salas seguras de consumo) têm se mostrado eficazes em reduzir mortes e doenças.
- Permite políticas públicas mais baseadas em evidências e menos em julgamentos morais.

Caminhos possíveis:

Muitos especialistas defendem um modelo híbrido: combater o tráfico com ações de segurança, mas tratar o usuário com uma abordagem de saúde. Exemplos como Portugal e Canadá mostram resultados promissores ao descriminalizar o uso e investir fortemente em políticas de saúde, sem abrir mão do controle sobre o comércio ilegal.

Resumindo: a dependência de drogas é um problema de saúde; o tráfico é um problema de segurança. Separar bem esses dois pontos pode ser o primeiro passo para políticas públicas mais justas e eficazes.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

Em continuidade, segue apresentado o Quadro 15<sup>55</sup>, em espanhol.

**Quadro 15** - Pergunta feita em espanhol no dia 2 de abril de 2025: “Combate às drogas ilícitas”**La lucha contra las drogas ilícitas debe ser vista como una cuestión de política de seguridad pública o de política de salud pública?**

Excelente pergunta. A luta contra as drogas ilícitas pode – e talvez deva – ser vista como uma questão que transita entre segurança pública e saúde pública. No entanto, muitos especialistas e organismos internacionais têm argumentado que o enfoque em saúde pública deve ser central, especialmente quando o objetivo é lidar com os efeitos sociais e humanos do consumo de drogas.

Vamos explorar os dois lados:

Visão como política de segurança pública

Tradicionalmente, muitos países trataram o tema das drogas sob uma ótica repressiva:

- Foco: combate ao tráfico, repressão ao consumo, encarceramento de usuários e traficantes.
- Objetivo: reduzir a oferta e a circulação de drogas ilegais.
- Instrumentos: polícia, sistema penal, forças armadas em alguns casos.

Consequências dessa abordagem:

- Superlotação carcerária, principalmente de pessoas pobres e jovens.

<sup>55</sup> Cabe ressaltar que, embora a pergunta tenha sido inserida em espanhol, o *chat* elaborou uma resposta em português, optando-se, assim, por manter o texto literal e originalmente desenvolvido.

(Continuação)

- Criminalização de usuários que, na verdade, precisam de ajuda médica.
- Fortalecimento de organizações criminosas.
- Poucos resultados concretos na redução do consumo.

Visão como política de saúde pública

Esse enfoque entende o uso de drogas como uma questão de saúde, dependência química e vulnerabilidade social.

- Foco: prevenção, redução de danos, tratamento e reintegração social.
- Objetivo: cuidar da pessoa, reduzir riscos e promover o bem-estar.
- Instrumentos: clínicas, programas sociais, assistência psicossocial.

Vantagens dessa abordagem:

- Reduz estigmas e amplia o acesso a tratamento.
- Diminui os danos sociais e de saúde (como HIV, overdoses, violência doméstica).
- Permite políticas mais humanas, eficazes e baseadas em evidências científicas.
- Libera o sistema penal para lidar com crimes mais graves.

O que defendem os especialistas?

- A ONU, a OMS, e diversas ONGs internacionais têm sugerido que tratar o consumo de drogas como crime é ineficaz e causa mais danos do que benefícios.

Países como Portugal, que descriminalizaram o uso e reforçaram a rede de cuidados de saúde, apresentaram quedas significativas em overdoses, infecções e prisões por drogas.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

A partir das respostas apresentadas, segue a análise do discurso sobre o tema.

#### 5.4.2 Análise do discurso sobre “Combate às drogas ilícitas”

As três respostas para a questão, embora estruturadas de modo semelhante, revelam formações discursivas e ideológicas distintas.

A resposta em inglês se inscreve na tradição discursiva anglo-saxônica, marcada pelo liberalismo institucional e pelo ideal de racionalidade política. O texto é organizado como um ensaio de *policy analysis*<sup>56</sup>, com uma estrutura equilibrada, tópicos claros e vocabulário técnico-administrativo. O enunciador assume o papel de analista neutro, sustentando uma enunciação tecnocrática e ponderada. O foco recai na eficácia das políticas públicas, no combate ao tráfico e na necessidade de integração entre segurança e saúde. A ideologia subjacente é liberal e pragmática: reconhece o problema social, mas enquadra-o como uma questão de gestão pública, não como dilema ético ou humano. O usuário é posicionado como leitor racional e o efeito de sentido predominante é o da objetividade – a crença de que um equilíbrio técnico entre repressão e tratamento é possível e desejável. Assim, o sujeito

<sup>56</sup> *Policy analysis*, ou análise de políticas públicas, é um processo sistemático que avalia políticas existentes ou propostas para determinar sua eficácia, impactos e alternativas, envolvendo o exame de dimensões sociais, econômicas e políticas, a partir de diversas metodologias qualitativas e quantitativas para fornecer aos formuladores de decisões informações claras e abrangentes sobre as relações entre a política e os resultados esperados.

discursivo se coloca como mediador imparcial, ecoando o imaginário da *governance* moderna e do Estado eficiente.

Em português, a resposta mobiliza uma formação discursiva crítica e social, próxima da tradição latino-americana de análise das desigualdades. O texto interpela diretamente o interlocutor – novamente por meio do vocativo “Marcus” – em tom pedagógico e engajado, rompendo com a suposta neutralidade técnica do discurso em inglês. A enunciação é ética e empática: o *ChatGPT* se coloca como um sujeito que interpreta o problema a partir de uma realidade social, enfatizando a seletividade penal, o encarceramento em massa e a vulnerabilidade das comunidades pobres e racializadas. Há clara distinção entre o usuário, tratado como sujeito de direitos, e o traficante, vinculado à esfera da segurança pública. O foco desloca-se do controle para o cuidado, e da punição para a prevenção. A ideologia que sustenta o discurso é a da solidariedade social, da redução de danos e da justiça restaurativa. O efeito de sentido é humanizador: a dependência é tratada como doença, não como falha moral. Essa resposta, portanto, inscreve-se na formação ideológica da saúde pública e do humanismo social, em sintonia com a crítica latino-americana ao punitivismo.

A resposta em espanhol, por sua vez, adota uma enunciação institucional e humanitária. O *ChatGPT* fala com autoridade técnica, apoiando-se no discurso da ONU, da OMS e de organizações internacionais. O texto articula elementos normativos e educacionais, apresentando a “luta contra as drogas” como uma questão transversal entre segurança e saúde, mas sob a primazia da dignidade humana. O enunciador assume a posição de especialista global, o que reforça o *ethos* da legitimidade discursiva. Há uma racionalidade tecnopolítica que combina o humanismo com o discurso da governança internacional: o cuidado com a saúde pública é apresentado como política eficaz e moralmente superior. Os efeitos de sentido são os da conciliação e da moderação cultural: reconhece-se a pluralidade dos contextos nacionais, mas a enunciação busca consenso e equilíbrio, reafirmando a função mediadora das instituições globais.

O Quadro 16 resume, de forma comparativa, as respostas compiladas, considerando: o viés principal, a enunciação dominante e os efeitos de sentido decorrentes das elaborações do *ChatGPT*.

**Quadro 16** - Síntese das respostas e vieses: “Combate às drogas ilícitas”

| Idioma    | Viés principal              | Enunciação Dominante     | Efeitos de sentido  |
|-----------|-----------------------------|--------------------------|---|
| Inglês    | Tecnocrática / equilibrada  | Científico-pedagógica    | Estrutura quase ensaística; tópicos e argumentos “neutros”; tentativa de evitar juízos de valor, assumindo o tom de <i>policy analysis</i>                  |
| Português | Crítico-social / empático   | Empática e sociocultural | Enunciador assume posição argumentativa; interpelação direta do interlocutor (“Marcus”); discurso pedagógico e opinativo                                    |
| Espanhol  | Institucional / humanitário | Normativo-humanista      | Enunciador “fala” com autoridade técnica; referência a organismos multilaterais, reforçando a legitimidade discursiva por meio da “voz do saber” (Foucault) |

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2025).

Segue a abordagem temática acerca do “Combate à criminalidade”.

## 5.5 Combate à criminalidade

Perguntou-se sobre a “melhor estratégia” para o combate à criminalidade, sendo as respostas organizadas nos Quadros 17, 18 e 19, com posterior análise.

### 5.5.1 Quadros com perguntas e respostas sobre “Combate à criminalidade”

O Quadro 17, sequencialmente apresentado, traz a resposta em inglês:

**Quadro 17** - Pergunta feita em inglês no dia 1º de abril de 2025: “Combate à criminalidade”

|   |
|---|
| <p><b>What is the best strategy to combat crime?</b></p> <p>There’s no one-size-fits-all solution, but the best strategy to combat crime is usually a multi-faceted, long-term approach that combines prevention, intervention, enforcement, and social development. Here’s a breakdown of what works best when done together:</p> <p>1. Smart Policing and Law Enforcement</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Community policing: Building trust between police and communities encourages cooperation and prevents crime at the root.</li> <li>• Targeted enforcement: Focus resources on high-crime areas and repeat offenders rather than blanket crackdowns.</li> <li>• Technology and data: Use crime data, surveillance, and forensics intelligently to anticipate and respond to crime more efficiently.</li> </ul> <p>Why it works: Keeps streets safer while respecting citizens' rights – enforcement is smarter, not just harsher.</p> <p>2. Education and Youth Engagement</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Early intervention programs: Keeping kids in school, mentoring at-risk youth, and creating alternatives to gangs or street life.</li> <li>• After-school programs and sports: Provide structure, purpose, and community belonging.</li> </ul> <p>Why it works: Crime prevention starts early. Giving young people options reduces the lure of illegal paths.</p> |
|---|

(Continuação)

|  |
|--|
| <p>3. Economic Opportunities and Job Creation</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Employment programs: Especially for low-income, high-crime neighborhoods and formerly incarcerated individuals.</li> <li>• Entrepreneurship support: Helping people build legal sources of income reduces desperation and recidivism.</li> </ul> <p>Why it works: When people have legitimate ways to survive and succeed, they're less likely to turn to crime.</p> <p>4. Social Services and Mental Health Support</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Drug treatment and rehabilitation: Addressing addiction as a health issue instead of only a legal one.</li> <li>• Mental health services: Many crimes are linked to untreated psychological conditions.</li> <li>• Domestic violence prevention: Support services can intervene before things escalate.</li> </ul> <p>Why it works: It attacks root causes – treating symptoms without treating causes just delays the problem.</p> <p>5. Urban Planning and Environmental Design</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Better lighting, clean public spaces, visible community presence: These all reduce crime through design (known as CPTED – Crime Prevention Through Environmental Design).</li> <li>• Affordable housing and inclusive development: Prevents the creation of isolated, neglected communities.</li> </ul> <p>Why it works: A well-designed, well-cared-for community sends the message: “This is a place where people look out for each other.”</p> <p>6. Criminal Justice Reform and Rehabilitation</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Fair sentencing laws: Avoid over-punishment for non-violent crimes.</li> <li>• Prison reform: Focus on rehabilitation and reintegration instead of purely punitive models.</li> <li>• Restorative justice: Bringing offenders and victims together to promote accountability and healing.</li> </ul> <p>Why it works: It reduces repeat offenses and promotes second chances.</p> <p>In Summary:<br/>The best strategy to combat crime is a holistic, preventive, and community-centered approach. It's not just about punishing wrongdoers – it's about removing the conditions that breed crime in the first place. A society that invests in education, opportunity, trust, and fairness is a society that will see less crime in the long run.</p> |
|--|

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

Em continuidade, o Quadro 18 organiza as elaborações em português:

**Quadro 18** - Pergunta feita em português no dia 31 de março de 2025: “Combate à criminalidade”

|  |
|--|
| <p><b>Qual é a melhor estratégia para combater à criminalidade?</b></p> <p>Essa pergunta é central para qualquer sociedade, Marcus, e a resposta mais honesta é: não existe uma única solução mágica. Combater a criminalidade exige uma estratégia multifacetada, de longo prazo, que vá além do simples reforço policial. Aqui estão os pilares que, combinados, formam uma estratégia mais eficaz:</p> <p>1. Prevenção social da violência</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Educação de qualidade é um dos instrumentos mais poderosos contra o crime. Escolarização reduz vulnerabilidades sociais e amplia oportunidades.</li> <li>• Inclusão social e acesso a emprego: jovens com perspectivas reais de vida têm menos chances de serem cooptados por organizações criminosas.</li> <li>• Urbanismo e espaços públicos bem cuidados também têm impacto: cidades iluminadas, com áreas de lazer e convivência, desestimulam a violência.</li> </ul> <p>2. Aperfeiçoamento das polícias</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Policiamento de proximidade (ou comunitário), que cria laços com a comunidade, tende a gerar mais confiança e melhores resultados.</li> <li>• Formação continuada e controle externo das polícias ajuda a evitar abusos, melhorar a inteligência investigativa e reduzir letalidade.</li> <li>• Uso de tecnologia e dados (como monitoramento preditivo e análise criminal) permite ações mais estratégicas e menos reativas.</li> </ul> |
|--|

(Continuação)

|   |
|---|
| <p>3. Sistema de justiça mais eficiente</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Justiça lenta e seletiva alimenta a impunidade. Agilidade nos processos, penas proporcionais e foco em crimes mais graves são fundamentais.</li> <li>• O desencarceramento de pequenos infratores, com uso de penas alternativas, pode ajudar a evitar que o sistema prisional funcione como “escola do crime”.</li> </ul> <p>4. Políticas de reintegração</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Programas de ressocialização de egressos do sistema prisional, com capacitação e apoio psicológico, são fundamentais para quebrar ciclos de reincidência.</li> <li>• Apoiar famílias e comunidades em situação de vulnerabilidade também tem efeito positivo.</li> </ul> <p>5. Enfrentamento ao crime organizado</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Exige articulação entre polícias, inteligência financeira, controle de fronteiras e cooperação internacional.</li> <li>• Investir em rastreio de armas e lavagem de dinheiro é mais eficiente que operações pontuais.</li> </ul> <p>Conclusão:<br/>A melhor estratégia para combater a criminalidade é aquela que combina repressão qualificada com políticas sociais estruturantes. Quando o Estado é presente apenas com a polícia – e ausente em saúde, educação, cultura e oportunidades – ele está apenas apagando incêndios, e não prevenindo que eles comecem.<br/>Se quiser, posso aprofundar em algum desses eixos, como o papel das milícias, inteligência artificial na segurança ou reformas legais.</p> |
|---|

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

O Quadro 19, na sequência, faz a pergunta relativa ao tema em espanhol<sup>57</sup>

**Quadro 19** - Pergunta feita em espanhol no dia 2 de abril de 2025: “Combate à criminalidade”

|   |
|---|
| <p><b>Cuál es la mejor estrategia para combatir la criminalidad?</b></p> <p>Essa pergunta é crucial – e não tem uma resposta única ou simples. Mas o que a maioria dos especialistas em segurança pública, criminologia e sociologia concorda é o seguinte: a melhor estratégia para combater a criminalidade é uma abordagem integrada, preventiva e baseada em evidências, e não apenas repressiva.<br/>Vamos destrinchar as principais frentes que, combinadas, podem formar uma estratégia eficaz:</p> <p>1. Prevenção social do crime<br/>A criminalidade nasce, muitas vezes, de contextos de desigualdade, exclusão, falta de oportunidades e ausência do Estado. Por isso, combater suas causas sociais é fundamental.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Educação de qualidade</li> <li>• Acesso ao mercado de trabalho</li> <li>• Políticas de juventude</li> <li>• Redução da desigualdade social</li> <li>• Presença do Estado em áreas vulneráveis (não só com polícia)</li> </ul> <p>Quando as pessoas têm alternativas reais e oportunidades, a atração pelo crime diminui.</p> <p>2. Policiamento inteligente e de proximidade<br/>Repressão é necessária – mas precisa ser estratégica, proporcional e respeitosa dos direitos humanos.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Policiamento comunitário: aproxima a polícia da população, gerando confiança e colaboração.</li> <li>• Uso de dados e tecnologia: mapeamento de áreas de risco, análise de padrões criminais, prevenção direcionada.</li> <li>• Capacitação e controle das forças de segurança: para evitar abusos e aumentar a eficácia.</li> </ul> <p>Repressão sem inteligência e sem diálogo só gera mais violência e desconfiança.</p> <p>3. Sistema de justiça eficiente e justo</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Processos rápidos e com garantias legais</li> </ul> |
|---|

<sup>57</sup> O *ChatGPT*, mais uma vez, elaborou a resposta em português, o que foi mantido de forma literal.

(Continuação)

|  |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Penas proporcionais e focadas na reabilitação</li> <li>• Sistema penitenciário que reintegre, e não que forme novos criminosos</li> </ul> <p>Um sistema de justiça lento, desigual ou corrupto alimenta a impunidade e a descrença.</p> <p>4. Políticas de prevenção ao uso de drogas e violência</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Educação emocional e em valores nas escolas</li> <li>• Tratamento e reinserção de dependentes químicos</li> <li>• Programas de mediação de conflitos e apoio às famílias</li> </ul> <p>5. Avaliação constante e políticas baseadas em evidências</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que funciona num país ou cidade pode não funcionar em outro.</li> <li>• Políticas públicas precisam ser avaliadas, ajustadas e testadas com dados reais.</li> </ul> <p>Conclusão</p> <p>A melhor estratégia para combater a criminalidade é multissetorial e equilibrada, combinando:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Prevenção social</li> <li>• Ação policial inteligente</li> <li>• Justiça eficiente</li> <li>• Políticas públicas de longo prazo</li> </ul> <p>Não existe bala de prata. A criminalidade é sintoma de problemas mais profundos. Por isso, enfrentá-la exige mais cérebro e coração – e menos bala.</p> <p>Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no <i>ChatGPT</i> (2025).</p> |
|--|

Segue a análise do discurso acerca da temática “Combate à criminalidade”.

### 5.5.2 Análise do discurso sobre “Combate à criminalidade”

Na resposta em inglês, o discurso se ancora na racionalidade anglo-saxônica, centrada em eficiência, equilíbrio e cidadania. O foco está na combinação de *enforcement* e *welfare* – repressão “inteligente” e políticas sociais. Há a crença de que boa gestão e dados podem resolver problemas sociais. O emissor fala em nome da racionalidade estatal e do consenso democrático, evitando posicionamentos morais ou políticos explícitos. Expressões como “smart policing”, “holistic approach” e “data and technology”<sup>58</sup> reforçam a voz tecnocrática. O texto produz a sensação de ordem e confiança: o crime é tratável, bastando aplicar inteligência e planejamento. A ênfase em “prevention” e “trust”<sup>59</sup> projeta uma sociedade funcionalista, em que os problemas sociais são falhas técnicas e não estruturais.

Na versão em português, o texto assume um discurso mais político e interpretativo, próprio da tradição discursiva brasileira que articula segurança e cidadania. A criminalidade é compreendida como efeito da desigualdade, não como simples falha moral ou administrativa. O texto tem um caráter mais argumentativo e pedagógico, com interpelação direta ao interlocutor, por meio do vocativo “Marcus”. O

<sup>58</sup> Tradução em português: “Policimento inteligente”, “abordagem holística” e “dados e tecnologia”, respectivamente.

<sup>59</sup> Tradução em português: “prevenção” e “confiança”, respectivamente.

tom é de autoridade reflexiva, próxima à do especialista em políticas públicas, que problematiza o senso comum (“não existe solução mágica”) e desloca o foco da repressão para a prevenção social. A resposta constrói um *ethos* de intelectual engajado: denuncia a ausência do Estado e propõe políticas integradas. A criminalidade é representada como sintoma social, e não apenas como desvio individual. Há marcas de subjetividade e posicionamento ético-político. No final, o *chat* se dispõe a aprofundar o assunto por temas, entre os quais, destaque para o papel das milícias, algo muito próximo da realidade brasileira no contexto atual.

Já na versão em espanhol, o texto enfatiza a integração de políticas sociais com base em evidências científicas, ecoando o discurso acadêmico latino-americano de inspiração sociológica. A ênfase está na inclusão, justiça e prevenção – não na repressão. O discurso tem um caráter mais racional-científico, com estrutura didática e uso frequente de enumerações. Predomina o registro objetivo e coletivo, a razão técnica e humanista, que fala em nome da ciência e da política pública.

O Quadro 20 traz a síntese da análise das respostas sobre o tema.

**Quadro 20** - Síntese das respostas e vieses: “Combate à criminalidade”

| <b>Idioma</b>    | <b>Viés principal</b>               | <b>Enunciação Dominante</b>               | <b>Efeitos de sentido</b>  |
|------------------|-------------------------------------|---|--|
| <b>Inglês</b>    | Tecnocrática / Liberal pragmática   | Técnico-gerencial (neutra e racional)     | Demonstra que a solução está em inteligência e aplicação de tecnologia, além de ações sociais por parte do Estado      |
| <b>Português</b> | Crítica / Social-desenvolvimentista | Argumentativa e reflexiva (interpelativa) | Trata a questão da violência como resultado da desigualdade e da ausência do Estado                                    |
| <b>Espanhol</b>  | Sociológica / Humanista             | Engajamento e crítica social              | Trata como solução para o problema da criminalidade, políticas públicas de longo prazo, baseadas em inclusão e empatia |

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2025).

Vai se confirmando a hipótese inicial, reforçando-se que o discurso não é neutro, mesmo nas respostas elaboradas pelo *ChatGPT*.

## 5.6 Política prisional

A questão versa sobre a melhor política prisional para o combate à criminalidade; sendo as respostas transcritas nos Quadros 21, 22 e 23, e, ulteriormente, discorrida a análise do discurso.

### 5.6.1 Quadros com perguntas e respostas sobre “Política prisional”

O Quadro 21, na sequência, reproduz a resposta à pergunta feita em inglês.

**Quadro 21** - Pergunta feita em inglês no dia 1º de abril de 2025: “Política prisional”

|   |
|---|
| <p><b>What is the best prison policy to fight crime?</b></p> <p>Great question – and a nuanced one. The best prison policy to fight crime is not simply about locking more people up, but about creating a correctional system that reduces reoffending, protects society, and respects human dignity.</p> <p>Here’s what research and international best practices point to as the most effective approach:</p> <p>1. Focus on Rehabilitation, Not Just Punishment</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Education and job training: Provide inmates with skills they can use upon release – literacy, trades, and even higher education.</li> <li>• Psychological support: Many inmates suffer from trauma, mental illness, or substance abuse. Addressing these issues is essential to rehabilitation.</li> <li>• Personal development programs: Counseling, conflict resolution, emotional intelligence training – all aimed at helping inmates change their behavior.</li> </ul> <p>Why it works: People who leave prison with better coping mechanisms and skills are far less likely to reoffend.</p> <p>2. Prepare for Reintegration from Day One</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Reentry support: Help inmates find housing, employment, and community support as they transition back into society.</li> <li>• Family connection: Encouraging healthy family ties during incarceration improves post-release outcomes.</li> <li>• Gradual release models: Systems like parole, halfway houses, and community supervision help ease the return to society.</li> </ul> <p>Why it works: The harder it is to reenter society, the easier it is to fall back into crime. Reintegration is key to long-term public safety.</p> <p>3. Reserve Prison for Serious Offenses</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Use alternatives for non-violent offenders: Community service, fines, probation, electronic monitoring, or restorative justice.</li> <li>• Decriminalize low-level drug use: Treat addiction as a public health issue, not a criminal one.</li> </ul> <p>Why it works: Overcrowded prisons are expensive and ineffective. Non-violent offenders often come out worse than they went in.</p> <p>4. Improve Prison Conditions</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Humane treatment: Overcrowding, abuse, and unsanitary conditions contribute to violence and trauma inside prison.</li> <li>• Staff training: Correctional officers should be trained in de-escalation, mental health awareness, and rehabilitation practices.</li> <li>• Safe and structured environment: Inmates need structure, respect, and hope to reform – not chaos and fear.</li> </ul> <p>Why it works: The more violent and inhumane a prison is, the more likely inmates are to become more dangerous, not less.</p> <p>5. Measure and Adapt</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Track recidivism rates: See what programs reduce reoffending and scale them.</li> <li>• Evaluate costs vs. outcomes: Rehabilitation is often cheaper and more effective than warehousing people in prison.</li> <li>• Policy based on data, not fear or ideology.</li> </ul> <p>Why it works: A smart prison system is one that learns and evolves – not one that repeats failing models out of habit or politics.</p> <p>In Summary:</p> <p>The best prison policy is one that sees prison as a last resort – and uses incarceration to reform, not just to punish.</p> <p>When prisons focus on rehabilitation, reintegration, and human dignity, they reduce recidivism, improve community safety, and break the cycle of crime. A system that punishes without healing is a revolving door. A system that invests in people can change lives – and society.</p> |
|---|

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

O Quadro 22 desenvolve a resposta à pergunta feita em português relativa à temática tratada:

**Quadro 22** - Pergunta feita em português no dia 31 de março de 2025: “Política prisional”

**Qual é a melhor política prisional para combater a criminalidade?**

Boa pergunta, Marcus – é uma das mais difíceis, porque o sistema prisional, em muitos países (inclusive no Brasil), não cumpre bem seu papel de ressocialização e, muitas vezes, acaba agravando a criminalidade. A melhor política prisional é aquela que reduz a reincidência, respeita os direitos humanos e fortalece a reintegração social, ao invés de simplesmente punir. Aqui vão os principais pontos de uma política prisional mais eficaz:

1. Prender menos, mas melhor
  - Prisão deve ser o último recurso, aplicada para crimes graves e com real ameaça à sociedade.
  - Para crimes leves, como pequenos furtos ou porte de drogas, penas alternativas (como prestação de serviços ou monitoramento eletrônico) são mais eficazes e evitam o contato com o crime organizado nas cadeias.
2. Classificação adequada dos presos
  - Misturar presos primários com reincidentes, ou criminosos não violentos com lideranças de facções, é receita para ampliar o problema.
  - A separação por perfil criminal, grau de periculosidade e tempo de pena é essencial para impedir o recrutamento de novos membros para o crime organizado.
3. Educação e trabalho como eixos centrais
  - Programas de alfabetização, ensino profissionalizante e acesso ao ensino superior reduzem significativamente a reincidência.
  - O mesmo vale para oferecer trabalho digno dentro e fora do presídio: além de preparar para o mercado, dá dignidade e senso de responsabilidade.
4. Atenção à saúde mental e dependência química
  - Grande parte da população carcerária sofre com transtornos mentais e vícios. Uma política eficaz inclui assistência psicológica e programas de recuperação dentro do sistema.
5. Ressocialização e reintegração pós-pena
  - Apoiar o egresso com moradia, emprego e suporte social é vital. Caso contrário, ele retorna ao crime como forma de sobrevivência.
  - Envolver empresas, ONGs e políticas públicas nesse processo amplia as chances de sucesso.
6. Combate à superlotação e humanização das prisões
  - Celas superlotadas, sem higiene ou dignidade, violam os direitos humanos e favorecem o domínio das facções.
  - Um sistema prisional mais humano não é “passar a mão na cabeça” – é prevenir que o preso saia pior do que entrou.
7. Transparência e controle social
  - Monitoramento externo (por Defensoria, Ministério Público, organizações de direitos humanos) ajuda a reduzir abusos e melhorar a gestão.

Conclusão:

A melhor política prisional é aquela que encara a prisão como etapa de um processo de reconstrução social, e não como um “depósito de gente”. Sem isso, o sistema vira uma fábrica de reincidência e um dos pilares da engrenagem do crime.

Se quiser, posso trazer exemplos de países que adotaram modelos mais eficazes – como Noruega, Alemanha ou mesmo experiências pontuais no Brasil.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

O Quadro 23 exhibe, a seguir, a pergunta feita em espanhol, cuja elaboração do *ChatGPT*, como ocorrido anteriormente, respondeu em português. Foi mantida, assim, de forma literal, a redação originalmente apresentada.

**Quadro 23** - Pergunta feita em espanhol no dia 2 de abril de 2025: “Política prisional”

**Cuál es la mejor política penitenciaria para combatir la criminalidad?**

Ótima pergunta, e ela toca um ponto delicado: o sistema prisional, em muitos países, está falido – ele não resgata, não reabilita e muitas vezes aprofunda a criminalidade. Então, quando falamos sobre “melhor política penitenciária”, estamos falando de uma transformação profunda da lógica do encarceramento.

A melhor política penitenciária combina 4 grandes pilares:

1. Encarcerar só quem realmente precisa estar preso

Prisão deve ser último recurso, reservado para:

- Crimes graves e violentos
- Pessoas que representam risco real à sociedade

Prender pequenos infratores, usuários de drogas ou pessoas sem violência envolvida só alimenta a superlotação e o ciclo criminal.

2. Foco na reabilitação, não na punição pura

A prisão deve ser um espaço de reconstrução da dignidade humana, não um depósito de gente.

Como fazer isso:

- Educação formal e profissionalizante dentro dos presídios
- Acesso à saúde física e mental
- Trabalho digno e remunerado
- Acompanhamento psicológico e social
- Incentivo à remissão de pena por estudo e trabalho

Reinserir é mais eficaz (e barato) que punir indefinidamente.

3. Sistema progressivo e com alternativas penais

- Regimes abertos, semiabertos e monitoramento eletrônico devem ser fortalecidos.
- Penas alternativas: serviços comunitários, multas, mediação penal, programas de justiça restaurativa.
- Prisão domiciliar para casos não violentos, mães com filhos pequenos, idosos, etc.

Isso ajuda a desafogar o sistema e dá respostas mais proporcionais ao crime cometido.

4. Combate à violência e ao domínio do crime organizado dentro dos presídios

- Separação por periculosidade e perfil criminal
- Controle rigoroso da entrada de celulares, armas e drogas
- Treinamento e valorização de agentes penitenciários
- Quebra do poder das facções sem violar direitos

Exemplo prático: o caso da Noruega

A Noruega tem uma das taxas de reincidência mais baixas do mundo. Por quê?

- Prisões pequenas, limpas, com foco em reabilitação
- Relacionamento humano entre agentes e presos
- Educação obrigatória e trabalho interno
- Regra: “a punição é a privação da liberdade – o resto deve ser como na sociedade”

Conclusão

A melhor política penitenciária não é a que prende mais, mas a que transforma mais. É a que consegue reduzir a reincidência, preparar o preso para voltar à sociedade e proteger a comunidade com justiça, e não com vingança.

Ou seja: prisão que recupera, e não que reproduz o crime. Essa é a chave.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

Expostos os Quadros 21, 22 e 23, parte-se à análise do discurso.

### 5.6.2 Análise do discurso sobre “Política prisional”

Nas três respostas, o *ChatGPT* defendeu a visão de que prisão não deve ser para punir, mas para recuperar o preso, porém os vieses apresentaram diferenças.

O discurso em inglês opera sob um viés liberal-humanista. A prisão é

representada como uma instituição que deve proteger a sociedade e reformar o indivíduo, equilibrando eficiência técnica e respeito à dignidade humana. A ênfase em “*research and international best practices*”<sup>60</sup> revela o *ethos* tecnocrático: políticas devem ser baseadas em dados, não em ideologia. Esse viés traduz a racionalidade liberal segundo a qual o crime é uma falha individual que pode ser corrigida com oportunidade e racionalidade institucional, e não um sintoma de desigualdade estrutural. A enunciação é pedagógica, racional e institucional, construída sobre a voz de um especialista imparcial. O uso recorrente de “*why it works*”<sup>61</sup> cria um tom de manual técnico, reforçando o *ethos* científico e pragmático. O enunciador se coloca como autoridade benevolente – alguém que instrui e orienta o leitor a partir de uma posição de saber. O discurso é marcado pela neutralidade estratégica: evita termos políticos ou morais, construindo uma aparência de objetividade que mascara a ideologia liberal subjacente. A prisão é concebida como um laboratório de reabilitação, não como um espaço de exclusão social. O Estado surge como gestor eficiente, e o preso, como sujeito corrigível. Essa discursividade naturaliza a desigualdade ao transferir a responsabilidade da transformação para o indivíduo – um traço característico do liberalismo moral.

No texto em português, o *chat* cita diretamente o Brasil, quando ele aborda que “[...] o sistema prisional em muitos países (inclusive o Brasil), não cumpre bem seu papel de ressocialização”. O texto assume um viés reformista e social, situado no campo do humanismo crítico latino-americano. A prisão é descrita como um sistema falido que agrava a criminalidade e reproduz desigualdades, mas que pode ser transformado por políticas públicas mais humanas, educativas e integradoras. A argumentação é atravessada por um olhar socioestrutural: o problema do crime não é apenas individual, mas institucional e coletivo. A ênfase em “educação, trabalho e saúde mental” como eixos centrais revela a visão da reabilitação como direito, não como privilégio. A enunciação é explicativa e empática, dirigida a um interlocutor coletivo (a sociedade brasileira). Há marcas de proximidade discursiva – expressões como “boa pergunta, Marcus” e “aqui vão os principais pontos” constroem um contrato comunicativo horizontal, de professor que dialoga com o público, não de autoridade distante. O tom é argumentativo e cidadão, mais político do que técnico. Há uma valorização do “nós”, da ação comunitária e da corresponsabilidade social – um traço

---

<sup>60</sup> Tradução em português: pesquisa e melhores práticas internacionais.

<sup>61</sup> Tradução em português: por que funciona.

típico da tradição discursiva brasileira marcada pelo diálogo. O texto produz um efeito de engajamento social: o crime e o encarceramento são apresentados como problemas de todos, e não como desvios de poucos. Ao falar de “prisão como etapa de reconstrução social”, desloca-se o foco da punição para a coletividade, evidenciando um discurso ético e solidário. A crítica ao “depósito de gente” revela uma denúncia implícita da desumanização do sistema penal brasileiro. Assim, o discurso inscreve-se na formação ideológica do humanismo crítico latino-americano, que associa comunicação, cidadania e transformação social. O *chat* termina a resposta se oferecendo a demonstrar modelos eficazes adotados na Noruega, Alemanha ou mesmo experiências pontuais no Brasil.

O texto em espanhol traz um viés institucional reformador, próximo do modelo europeu de bem-estar social. O eixo da argumentação está na eficiência com humanidade, defendendo uma transformação profunda do sistema, mas com base em racionalidade administrativa e políticas públicas estruturadas. O exemplo da Noruega é central: a política penitenciária é apresentada como “modelo civilizatório”, com ênfase em “limpeza”, “educação”, “respeito” e “trabalho digno”. Essa referência cria um contraste implícito com os sistemas latino-americanos, que seriam “atrasados” ou “violentos”. A enunciação é normativa e institucional, próxima do discurso jurídico-político. O enunciador fala como um formulador de políticas, articulando categorias como “regimes abertos”, “justiça restaurativa”, “controle de facções”. A linguagem é precisa, administrativa e argumentativamente estruturada. Diferentemente do português (mais afetivo e ético) e do inglês (mais técnico e pedagógico), o espanhol constrói uma voz de autoridade pública, que fala do ponto de vista do Estado democrático moderno. O texto produz o sentido de civilização e modernidade institucional. O crime é interpretado como falha de gestão pública, e a prisão, como espaço de reconstrução cívica. Há uma moralidade republicana implícita: o preso é cidadão e deve ser tratado com respeito, mas o Estado é o responsável pela ordem e pela reinserção. A referência à Noruega funciona como efeito de ideal normativo – o “modelo europeu” de reabilitação e humanidade –, reforçando o imaginário de que sociedades desenvolvidas conseguem unir segurança e direitos humanos.

O Quadro 24, sequencialmente apresentado, resume os principais pontos da análise de cada idioma selecionado nas respostas sobre “Política prisional”, considerando o viés principal, a enunciação dominante e os efeitos de sentido.

**Quadro 24 - Síntese das respostas e vieses: “Política prisional”**

| Idioma    | Viés principal                          | Enunciação Dominante                 | Efeitos de sentido   |
|-----------|---|--------------------------------------|--|
| Inglês    | Liberal-humanista, tecnocrático         | Pedagógica, racional, científica     | O discurso tem foco na neutralidade, na eficiência e na correção individual                    |
| Português | Humanismo crítico, reformista           | Explicativa, empática e cidadã       | O foco está na solidariedade, na denúncia social e na recuperação do indivíduo                 |
| Espanhol  | Institucional-republicano, modernizador | Normativa, política e administrativa | O foco está na civilidade, reforma institucional e moral pública; modelo norueguês é o exemplo |

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2025).

A seleção do idioma não se mostra um critério aleatório, influenciando a resposta que o *ChatGPT* formula, comprovando a hipótese sustentada neste trabalho de que não há neutralidade no discurso da IA Generativa.

## 5.7 Definição de gênero

A pergunta feita solicitava o apontamento de critérios a serem considerados para a definição dos gêneros homem e mulher. As respostas aparecem compiladas nos Quadros 25, 26 e 27, seguida pela análise do discurso, cujos principais aspectos são sintetizados e comparados no Quadro 28.

### 5.7.1 Quadros com perguntas e respostas sobre “Definição de gênero”

A pergunta e a resposta, em inglês, são transcritas no Quadro 25.

**Quadro 25 - Pergunta feita em inglês no dia 1º de abril de 2025: “Definição de gênero”**

|  |
|--|
| <p><b>What criteria should we use to define the male and female genders?</b></p> <p>That’s a profound and timely question, and it touches on biology, psychology, sociology, and even law and philosophy. Gender is no longer understood purely in binary, biological terms – so defining male and female requires careful consideration of multiple dimensions. Here’s a breakdown of the main criteria used and how they differ:</p> <p>1. Biological Criteria (Sex Assigned at Birth)</p> <p>Traditionally, gender has been defined by physical and biological attributes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Chromosomes: Typically XX for females, XY for males.</li> <li>• Hormones: Estrogen and progesterone levels tend to be higher in females; testosterone is more prevalent in males.</li> <li>• Reproductive anatomy: Presence of internal and external sex organs like testes, ovaries, uterus, penis, etc.</li> </ul> <p>Limitations:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Intersex people (about 1 in 1,500 births) may have a mix of chromosomes, hormones, or anatomy that doesn’t fit typical definitions.</li> <li>• Biological sex doesn’t always align with a person’s gender identity or lived experience.</li> </ul> <p>2. Psychological Criteria (Gender Identity)</p> |
|--|

(Continuação)

|   |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Gender identity is how a person internally identifies – as male, female, both, neither, or somewhere in between.</li> <li>• It is deeply felt and not always visible or tied to physical traits.</li> </ul> <p>Importance:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Supported by major psychological and medical associations as the most meaningful indicator of gender for many individuals.</li> <li>• Ignoring gender identity can lead to social exclusion, discrimination, and psychological harm.</li> </ul> <p>3. Social and Cultural Criteria</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Gender roles and expectations vary widely across cultures and eras.</li> <li>• What is considered “male” or “female” behavior, dress, or work can shift drastically depending on societal norms.</li> </ul> <p>Examples:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• In some cultures, caregiving is a “female” role; in others, men are expected to lead child-rearing.</li> <li>• Pink was once considered a masculine color – now it’s typically coded as feminine.</li> </ul> <p>Implication:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Gender is not only biological or personal, but also socially constructed and deeply influenced by context.</li> </ul> <p>4. Legal and Institutional Criteria</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Governments and institutions often define gender for purposes like ID cards, health care, or legal protections.</li> <li>• Some systems recognize only male and female, while others now allow non-binary or gender-diverse classifications.</li> </ul> <p>Tension exists between evolving gender understanding and the bureaucratic need for clear categories.</p> <p>5. Intersection of All These Dimensions</p> <p>Modern understanding accepts that:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Biological sex ≠ gender identity</li> <li>• Gender identity ≠ gender expression</li> <li>• A person’s legal gender, cultural role, and self-identified gender may all be different – and all valid</li> </ul> <p>In Summary:</p> <p>Male and female can be defined through biological, psychological, social, and legal lenses – and all of them matter in different ways. The most inclusive and humane approach is to respect how individuals identify themselves, while also recognizing the complexity of biology and the power of social norms. The more we understand gender as a spectrum, not a fixed binary, the more we can build societies that are respectful, equitable, and grounded in real human experience.</p> |
|---|

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

O Quadro 26 traz a resposta à pergunta inserida em português:

**Quadro 26** - Pergunta feita em português no dia 31 de março de 2025: “Definição de gênero”

**Que critérios devemos utilizar para a definição dos gêneros homem e mulher?**

Essa pergunta toca num tema central e bastante sensível na sociedade contemporânea, Marcus – porque envolve biologia, identidade, cultura, direitos e, muitas vezes, crenças pessoais ou religiosas. A resposta depende do campo de abordagem (biológico, social, jurídico, filosófico), e os critérios variam de acordo com o ponto de vista adotado. Aqui vai um panorama equilibrado:

1. Critério biológico

- Tradicionalmente, o gênero era entendido com base no sexo biológico, determinado por características como cromossomos (XX ou XY), genitália e hormônios.
- Esse modelo considera “homem” quem nasce com características sexuais masculinas, e “mulher” quem nasce com características femininas.
- Mas esse critério tem limitações, já que existem pessoas intersexo (com variações naturais na anatomia ou genética), que não se encaixam totalmente nessa divisão binária.

(Continuação)

|  |
|--|
| <p>2. Critério psicológico e identitário</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A visão mais moderna entende que gênero não é sinônimo de sexo biológico, mas sim uma construção social e subjetiva.</li> <li>• Nesse sentido, homem e mulher são categorias que dizem respeito à identidade de gênero – ou seja, como a pessoa se sente e se reconhece.</li> <li>• Alguém pode nascer com corpo masculino, mas se identificar como mulher (e vice-versa). E há também quem se identifique fora do binarismo, como pessoas não binárias ou de gênero fluido.</li> </ul> <p>3. Critério sociocultural</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A forma como os papéis de "homem" e "mulher" são definidos muda bastante entre culturas e épocas. O que é considerado "masculino" ou "feminino" varia de acordo com normas sociais, valores, religião e linguagem.</li> <li>• O gênero, nesse caso, é entendido como um papel performativo, como diz a filósofa Judith Butler: ele é construído a partir de comportamentos e expectativas sociais.</li> </ul> <p>4. Critério jurídico</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Muitos países já adotam a possibilidade de reconhecimento legal da identidade de gênero, independentemente do sexo biológico ou da cirurgia de redesignação. Isso implica em retificação de documentos e respeito à identidade em escolas, serviços de saúde, etc.</li> <li>• Outros países, porém, ainda exigem critérios médicos ou legais mais rígidos para esse reconhecimento.</li> </ul> <p>Conclusão:</p> <p>Definir os gêneros "homem" e "mulher" envolve múltiplos critérios – biológicos, psicológicos, sociais e legais. Hoje, há um consenso crescente entre estudiosos de ciências humanas e sociais de que a identidade de gênero é uma experiência subjetiva e legítima, que deve ser respeitada como tal.</p> <p>O debate ainda é tenso em muitos contextos, especialmente quando esbarra em tradições ou políticas públicas. Mas uma abordagem ética passa por ouvir, acolher e garantir dignidade a todas as pessoas, independentemente de como elas se identificam.</p> <p>Se quiser, posso trazer os principais argumentos de diferentes correntes filosóficas, jurídicas ou científicas sobre esse tema.</p> |
|--|

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

No Quadro 27, embora a pergunta tenha sido feita em espanhol, o *ChatGPT* elaborou resposta em português, mantendo-se, neste trabalho, a redação original.

**Quadro 27** - Pergunta feita em espanhol no dia 2 de abril de 2025: "Definição de gênero"

|   |
|---|
| <p><b>Qué criterios debemos utilizar para la definición de los géneros masculino y femenino?</b></p> <p>Essa pergunta entra num dos debates mais relevantes (e sensíveis) do nosso tempo: o que define os gêneros masculino e feminino? A resposta não é simples, porque envolve aspectos biológicos, sociais, culturais e psicológicos. Então, a melhor forma de abordar isso é reconhecendo que gênero não é uma realidade fixa e única, mas uma construção complexa. Vamos por partes:</p> <p>1. Critério biológico (sexo)</p> <p>Tradicionalmente, o gênero era definido com base no sexo biológico:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Masculino: pessoas com cromossomos XY, pênis e testículos.</li> <li>• Feminino: pessoas com cromossomos XX, vagina e ovários.</li> </ul> <p>Esse critério é objetivo, mas não explica tudo – porque:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Existem pessoas intersexuais (com variações biológicas que não se enquadram nas categorias binárias).</li> <li>• O sexo biológico não determina comportamento, identidade nem papel social.</li> </ul> <p>2. Critério psicológico (identidade de gênero)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Refere-se à vivência interna e individual de cada pessoa em relação ao seu gênero.</li> <li>• Uma pessoa pode se identificar como homem, mulher, ambos, nenhum ou outro gênero – independentemente de seu sexo biológico.</li> </ul> <p>Esse é um critério subjetivo, mas central para a compreensão da identidade.</p> <p>3. Critério sociocultural (papéis de gênero)</p> |
|---|

(Continuação)

- Cada sociedade constrói expectativas sobre o que é “ser homem” ou “ser mulher”.
- Exemplo: quem cuida dos filhos? quem deve ser forte ou sensível? quem pode usar rosa ou azul?
- Esses papéis mudam ao longo do tempo e entre culturas.

Isso mostra que o gênero não é apenas natural, mas também aprendido.

4. Critério jurídico e institucional

- Muitos países reconhecem legalmente a autodeclaração de gênero, o que permite retificar documentos.
- O direito ao reconhecimento da identidade de gênero está cada vez mais protegido por legislações e convenções internacionais.

Conclusão

A definição de gêneros não pode se basear apenas em critérios biológicos, como era feito antigamente. Hoje, os critérios mais aceitos envolvem:

- Identidade de gênero (psicológica e pessoal)
- Expressão de gênero (como a pessoa se apresenta)
- Reconhecimento social e jurídico
- E sim, também o sexo biológico, mas não de forma exclusiva ou determinante.

Em resumo: gênero é uma vivência, não apenas um dado biológico. E respeitar essa vivência é fundamental para uma sociedade mais justa, plural e acolhedora.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

Diante do apresentado, segue a análise do discurso relativa à temática “Definição de gênero”, com a síntese comparativa organizada no Quadro 28 ao final do tópico apresentado.

### 5.7.2 Análise do discurso sobre “Definição de gênero”

Nos três idiomas as respostas abordaram a questão de forma holística, porém na versão em inglês há uma equiparação da definição biológica em condições de igualdade com as demais, o que não ocorre na versão em português e na versão em espanhol, que dão um tom de visão moderna quando inclui outros elementos no discurso, deixando o conceito apenas biológico subentendido como ultrapassado.

No texto em inglês, predomina um viés liberal-cientificista e inclusivo, típico do discurso anglo-saxão contemporâneo sobre gênero. A resposta se ancora em uma visão racional, plural e enciclopédica, estruturada para equilibrar biologia, psicologia, cultura e direito. A ênfase é na complexidade multidimensional do conceito de gênero, sem tomar partido político explícito, mas reafirmando valores de respeito individual e diversidade. A enunciação é didático-científica, organizada por tópicos, com linguagem formal, objetiva e impessoal – próxima do registro acadêmico e institucional. Há marcas de autoridade discursiva, como “*Here’s a breakdown of the*

*main criteria used [...]*<sup>62</sup>, que remetem ao tom enciclopédico de um especialista ou professor. O discurso produz o efeito de neutralidade racional, apresentando o tema como uma questão técnica e não ideológica. Ao mesmo tempo, constrói um *ethos* de autoridade benevolente – um “especialista esclarecido” que convida ao entendimento e à tolerância.

Na versão em português, o viés é humanista e conciliador, com esforço explícito de equilibrar ciência, cultura e ética social. A resposta se ancora em valores de respeito à diversidade, mas contextualiza o debate como “tema sensível”, reconhecendo tensões políticas e religiosas. Há um deslocamento do eixo epistemológico (ciência) para o campo da convivência social e da dignidade humana. Predomina o modo pedagógico-dialógico, dirigido a um leitor concreto (o uso do vocativo “Marcus” marca interpelação personalizada). O discurso assume uma postura mediadora, típica do registro institucional brasileiro – uma linguagem que busca consenso, legitima a pluralidade, mas evita o confronto direto. O texto produz o efeito de inclusão e pacificação discursiva. A IA assume a posição de educador neutro, que reconhece diferenças e prega respeito, evitando radicalismos. Isso reflete uma formação discursiva institucional brasileira, marcada por tentativas de conciliação entre ciência, moral e direitos humanos, embora haja setores expressivos na sociedade, seja por influência religiosa, seja por influência política do campo da extrema-direita muito crítica a essa visão.

Na resposta para a pergunta em espanhol, a organização argumentativa segue o viés progressista latino-hispânico, mais social e emancipatório do que o brasileiro. O gênero é tratado como vivência, não apenas conceito. A ênfase recai sobre autodeterminação e reconhecimento jurídico, com vocabulário próximo ao discurso dos direitos humanos e movimentos sociais. O modo de dizer é sociopolítico-reflexivo, com estrutura menos hierárquica e mais engajada. O sujeito discursivo assume uma voz coletiva e militante, ainda que moderada, evidenciada por expressões como “sociedade mais justa, plural e acolhedora”. O discurso se aproxima da retórica da cidadania e da inclusão legal – um *ethos* que busca conscientizar o leitor.

O Quadro 28, que segue, apresenta, sucintamente, os principais pontos da análise de cada idioma a partir das respostas sobre “Definição de gênero”.

---

<sup>62</sup> Tradução em português: Segue abaixo um resumo dos principais critérios utilizados [...].

**Quadro 28** - Síntese das respostas e vieses: “Definição de gênero”

| Idioma    | Viés principal                          | Enunciação Dominante                 | Efeitos de sentido   |
|-----------|---|--------------------------------------|--|
| Inglês    | Cientificista-liberal, pluralista       | Didático-científica                  | Texto com tom de neutralidade racional e autoridade técnica          |
| Português | Humanismo crítico, reformista           | Explicativa, empática e cidadã       | Foco na inclusão, equilíbrio e respeito às diferenças                |
| Espanhol  | Institucional-republicano, modernizador | Normativa, política e administrativa | Abordagem com foco na mobilização, justiça e reconhecimento coletivo |

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2025).

Feita tal análise, segue-se ao tratamento do próximo tema.

## 5.8 Definição de homem

Apresentam-se as respostas geradas e a análise do discurso.

### 5.8.1 Quadros com perguntas e respostas sobre “Definição de homem”

Em inglês, a pergunta e a resposta seguem expostas no Quadro 29.

**Quadro 29** - Pergunta feita em inglês no dia 1º de abril de 2025: “Definição de homem”

|   |
|---|
| <p><b>What is a man?</b><br/>That’s a powerful question – simple on the surface, but deeply layered when we really look at it. The answer depends on which perspective you’re asking from: biological, psychological, social, or personal. Let’s break it down.</p> <p><b>Biological Perspective</b><br/>From a biological standpoint, a man is typically:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Someone with XY chromosomes (though there are exceptions, like in certain intersex conditions).</li> <li>• Usually has testes, higher testosterone levels, and male reproductive anatomy (like a penis and prostate).</li> <li>• Goes through male puberty, developing traits like facial hair, deeper voice, and increased muscle mass.</li> </ul> <p>But biology isn’t always absolute. Some people may have male biological traits and not identify as men – or vice versa.</p> <p><b>Psychological / Identity Perspective</b><br/>From a psychological and identity perspective, a man is someone who identifies as male.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• This includes cisgender men (those whose gender identity matches their sex at birth) and transgender men (those who were assigned female at birth but identify and live as men).</li> <li>• Gender identity is deeply internal – it’s how someone experiences and understands themselves, regardless of body or appearance.</li> </ul> <p><b>Social / Cultural Perspective</b><br/>Societies and cultures often define what it <i>means</i> to be a man:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Traits like strength, stoicism, leadership, responsibility, or protection are often culturally associated with masculinity.</li> <li>• But these roles shift across time and place – what’s seen as “manly” in one culture might be very different in another.</li> </ul> <p>Increasingly, many challenge narrow definitions of masculinity and promote healthy, diverse</p> |
|---|

(Continuação)

expressions of manhood, including vulnerability, empathy, and emotional intelligence.  
 Personal and Relational Perspective  
 On a personal level, being a man can mean:

- Embracing the role and responsibility of how one shows up in the world – as a father, partner, friend, brother, citizen.
- It may involve navigating expectations, expressing identity, and striving to live with integrity and authenticity.

In Summary:  
 A man is someone who identifies as male, shaped by a combination of biology, self-perception, culture, and personal experience.  
 Being a man isn't just about chromosomes or appearances – it's about how someone lives and experiences that identity. And in today's world, the healthiest definition of manhood is one that allows space for diversity, dignity, and respect – for oneself and for others.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

A pergunta e resposta, em português, se reproduz no Quadro 30, a seguir.

**Quadro 30** - Pergunta feita em português no dia 31 de março de 2025: “Definição de homem”

**O que é um homem?**  
 Essa pergunta, apesar de parecer simples, é profunda e cheia de camadas, Marcus – porque o que significa “ser um homem” varia conforme o tempo, a cultura, a ciência e a experiência pessoal. Dá pra olhar por diferentes prismas:

1. Na perspectiva biológica
  - Um homem, biologicamente falando, é uma pessoa com cromossomos XY, genitália masculina ao nascer, e características físicas típicas associadas à produção de testosterona (como voz mais grave, pelos faciais, etc.).
  - Esse critério é objetivo, mas não dá conta da experiência subjetiva de identidade e nem contempla variações como pessoas intersexo.
2. Na perspectiva da identidade de gênero
  - Um homem é quem se identifica como homem, independentemente do sexo biológico.
  - Isso significa que homens trans (pessoas que nasceram com características biológicas femininas, mas se identificam como homens) também são homens.
  - A identidade de gênero é uma dimensão psicológica e pessoal, reconhecida por instituições de saúde e direitos humanos.
3. Na perspectiva sociocultural
  - Ser homem, nesse caso, é desempenhar um papel social historicamente atribuído ao masculino: força, liderança, racionalidade, independência, etc.
  - Mas esses papéis vêm sendo questionados e resignificados – hoje, ser homem pode também incluir sensibilidade, cuidado, vulnerabilidade e colaboração.
  - Ou seja: a masculinidade não é uma essência fixa, mas uma construção que muda com o tempo e o contexto.
4. Na perspectiva filosófica/existencial
  - Alguns autores veem a pergunta “o que é um homem?” como uma forma de explorar a condição humana em si.
  - É o caso de pensadores como Sartre ou Simone de Beauvoir (ela dizia que “não se nasce mulher, torna-se mulher” – o mesmo vale para o homem, numa leitura mais ampla).

Conclusão:  
 Um homem é, antes de tudo, alguém que se identifica como tal. Pode ser definido por aspectos biológicos, sociais ou existenciais – mas, no mundo contemporâneo, essa identidade vai além dos rótulos e abre espaço para múltiplas formas de ser, agir e se expressar como homem. Se quiser, posso trazer visões da masculinidade negra, indígena, periférica, ou de autores como bell hooks, Connell e Byung-Chul Han – que também abordam o tema de forma provocadora.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

A pergunta em espanhol recebeu resposta em português (Quadro 31).

**Quadro 31** - Pergunta feita em espanhol no dia 2 de abril de 2025: “Definição de homem”

**Qué es un hombre?**  
 Essa pergunta, simples na forma, é profunda e cheia de camadas: “¿Qué es un hombre?” A resposta pode variar muito dependendo do ponto de vista – biológico, psicológico, social, cultural ou até filosófico. Vamos explorar isso com equilíbrio e clareza.

1. Homem no sentido biológico  
 Do ponto de vista biológico tradicional:

- Um homem é uma pessoa com cromossomos XY, geralmente com características sexuais como pênis, testículos, barba, etc.
- Produz predominantemente testosterona.

Mas: esse critério não dá conta de todas as experiências masculinas. Existem homens trans, homens intersexuais e pessoas com características biológicas variadas.

2. Homem como identidade de gênero

- Um homem é alguém que se identifica como homem, independentemente do sexo biológico com que nasceu.
- Isso envolve uma vivência interna, emocional e psicológica da masculinidade.

Ou seja: ser homem é também uma experiência subjetiva e pessoal, e não apenas um dado físico.

3. Homem como papel social e cultural  
 Historicamente, diferentes culturas atribuíram certos papéis, comportamentos e expectativas aos homens:

- Ser provedor, forte, racional, líder, etc.
- Mas esses padrões mudam com o tempo e são socialmente construídos.

Exemplo: chorar era visto como “coisa de mulher” em muitas culturas, mas isso está mudando.

4. Homem na filosofia e nas ciências humanas  
 Filósofos como Simone de Beauvoir já diziam:  
 “Não se nasce homem, torna-se homem.” (adaptando a célebre frase dela sobre a mulher).  
 Isso quer dizer que a experiência masculina é construída na relação com os outros, com a cultura e com o mundo.

Conclusão  
 Um homem pode ser definido, sim, por traços biológicos, mas essa definição não é suficiente nos dias de hoje. Ser homem é:

- Ter uma identidade de gênero masculina
- Vivenciar ou expressar essa identidade de forma pessoal
- Navegar pelas expectativas culturais do que é “ser homem”
- E, idealmente, construir sua masculinidade de forma consciente, ética e empática

Em resumo:  
 Homem é quem se reconhece como tal – e vive sua masculinidade de maneira íntegra e respeitosa.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

Feita tal compilação das respostas, tem-se a análise do discurso.

### 5.8.2 Análise do discurso sobre “Definição de homem”

As três respostas vão muito além da questão biológica na definição do que é um homem, adotando discursos semelhantes, mas com vieses diversos.

Na resposta em inglês, predomina um viés liberal-progressista universalista, que busca equilibrar biologia e identidade, mas com forte ênfase no reconhecimento da identidade de gênero como critério legítimo e central. Há a tentativa de neutralidade “científica”, mas sempre conduzida para uma síntese conciliadora, politicamente moderada. O tom é pedagógico-enciclopédico, semelhante ao registro de um manual

ou de um professor universitário explicando um conceito amplo ao “leitor neutro”. Predomina uma autoridade discursiva racional, com vocabulário técnico – *chromosomes, identity, culture*<sup>63</sup> – e organização enumerativa sistemática.

Na abordagem em português, o viés também é progressista, mas com o enunciado fortemente marcado por um tom humanista-interpretativo, com maior densidade subjetiva e ressignificação sociocultural. O texto assume a posição de que masculinidade é construção histórica, não essência. Na enunciação dominante há um tom conversacional-afetivo, com marcas explícitas de interpelação ao interlocutor (“Marcus”, “dá pra olhar por diferentes prismas”). Diferentemente da resposta em inglês, a resposta em português cita os autores Sartre e Simone de Beauvoir e termina se propondo a falar sobre a masculinidade negra, indígena ou periférica, o que é aderente ao debate atual no Brasil, e trazer posições de autores como bell hooks, Connell e Byung-Chul Han.

A resposta em espanhol também possui um tom progressista, porém com uma matriz conciliadora e normativa mais evidente. Não questiona tanto a estrutura da masculinidade e procura equilibrar tradições e transformações. O tom é explicativo e didático, mas menos pessoal do que o português e menos universalista tecnocrático do que o inglês. É um discurso “intermediário”: acessível, estruturado, culturalmente contextualizado, mas com menos interpelação direta. A exemplo da resposta em português, cita a filósofa Simone de Beauvoir, parafraseando uma citação dela “Não se nasce homem, torna-se homem” (adaptando a célebre frase dela sobre a mulher).

Segue o Quadro 32.

**Quadro 32** - Síntese das respostas e vieses: “Definição de homem”

| <b>Idioma</b>    | <b>Viés principal</b>                                       | <b>Enunciação Dominante</b>                | <b>Efeitos de sentido</b>  |
|------------------|---|--|--|
| <b>Inglês</b>    | Liberal universalista (inclusão sistematizada)              | Enciclopédica, racional, neutra            | Produz masculinidade como categoria organizada e conciliada para um público global |
| <b>Português</b> | Humanista crítico (ressignificação cultural)                | Conversacional-interpretativa, proximidade | Masculinidade como construção histórica contestada e em transformação              |
| <b>Espanhol</b>  | Conciliador normativo (equilíbrio entre tradição e mudança) | Didática equilibrada, menos interpessoal   | Masculinidade como negociação social estável e harmônica                           |

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2025).

Passa-se, então, ao tratamento do próximo tema.

<sup>63</sup> Tradução em português: cromossomos, identidade e cultura.

## 5.9 Definição de mulher

As respostas foram compiladas nos Quadros 33, 34 e 35, com posterior análise.

### 5.9.1 Quadros com perguntas e respostas sobre “Definição de mulher”

A pergunta e a resposta, em inglês, são apresentadas no Quadro 33.

**Quadro 33** - Pergunta feita em inglês no dia 1º de abril de 2025: “Definição de mulher”

**What is a woman?**  
 Another great and essential question – and just like “What is a man?”, the answer to “What is a woman?” depends on how we approach it: biologically, psychologically, socially, and personally. Let’s explore each layer:  
**Biological Perspective**  
 Biologically speaking, a woman is typically defined as:

- Having XX chromosomes (though some intersex individuals may not fit this pattern).
- Usually born with ovaries, a uterus, and female external genitalia.
- Undergoes female puberty, leading to traits like breast development, menstrual cycles, and broader hips.

However, biology isn’t destiny. There are women who don’t menstruate, who are infertile, or who don’t have a uterus – and they’re no less women. Biology is part of the picture, not the whole story.  
**Psychological / Identity Perspective**  
 From a psychological and identity lens:

- A woman is someone who identifies as female.
- This includes cisgender women (whose gender identity matches their sex assigned at birth) and transgender women (who were assigned male at birth but identify and live as women).

Gender identity is a deeply personal, internal experience – it’s about who someone *knows* themselves to be.  
**Social / Cultural Perspective**  
 Society and culture assign roles, expectations, and symbols to the idea of “womanhood”:

- Often linked with ideas of nurturing, emotional strength, resilience, beauty, care, and community.
- But these roles change across cultures and eras. What it means to be a woman in one place or time might be entirely different in another.

Modern conversations around gender challenge stereotypes and emphasize that there’s no one right way to be a woman.  
**Personal and Relational Perspective**  
 On a personal level, being a woman can mean:

- Embracing one’s identity and experiences – whether as a daughter, mother, leader, partner, creator, or activist.
- Navigating expectations while defining womanhood on one’s own terms.

For many, being a woman is a powerful expression of strength, grace, and self-determination – not something that’s simply assigned, but deeply lived.  
 In Summary: A woman is someone who identifies as female, and that identity is shaped by biology, self-perception, lived experience, and cultural context. There’s beauty in the diversity of womanhood – from the traditional to the trailblazing, from biological to transgender to nonconforming. What matters most is honoring how someone sees themselves and allowing them the dignity to define that experience authentically. So, to ask “What is a woman?” is also to ask: Who gets to define us? How do we build a society that respects identity without reducing it? And that’s a question worth continuing to explore – with empathy, science, and openness.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

A pergunta, em português, está apresentada, sequencialmente, no Quadro 34.

**Quadro 34** - Pergunta feita em português no dia 31 de março de 2025: “Definição de mulher”**O que é uma mulher?**

Assim como na pergunta sobre o que é um homem, responder “o que é uma mulher?” exige ir além da definição biológica e considerar múltiplas dimensões – identidade, cultura, história e política. Vamos por partes:

## 1. Na perspectiva biológica

- Biologicamente, mulher é a pessoa com cromossomos XX, genitália feminina ao nascer, sistema reprodutivo feminino, produção predominante de estrogênio, entre outras características.
- Mas mesmo dentro da biologia há variações (como as pessoas intersexo), o que mostra que nem tudo é preto no branco.

## 2. Na perspectiva da identidade de gênero

- Mulher é quem se identifica como mulher, independentemente do sexo atribuído ao nascer.
- Isso inclui mulheres trans, que nasceram com características biológicas masculinas, mas vivem, se reconhecem e se expressam como mulheres.
- Essa definição é pessoal e subjetiva, e é a base do reconhecimento contemporâneo dos direitos das pessoas trans em muitos países.

## 3. Na perspectiva sociocultural

- O que significa “ser mulher” muda de sociedade para sociedade, e também ao longo do tempo.
- Durante muito tempo, a mulher foi associada a papéis de submissão, cuidado, maternidade e afeto – visões que vêm sendo contestadas pelos movimentos feministas e pela luta por igualdade.
- Hoje, há uma ampliação das formas de ser mulher: mulher que não é mãe, que lidera, que é cientista, que é artista, que é trans, que é periférica, que é indígena, que é tudo isso junto.

## 4. Na perspectiva filosófica e política

- Simone de Beauvoir escreveu: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, apontando que a mulher é uma construção social que vai além da biologia.
- A definição de mulher, nesse campo, tem sido historicamente usada como forma de controle (por religiões, Estados, ciências), e por isso há um esforço político para deixar que as próprias mulheres digam o que é ser mulher.

Conclusão: Mulher é quem se reconhece como tal. Pode nascer com corpo feminino ou não, pode ter múltiplas vivências e expressões. O mais importante é que essa identidade seja respeitada em sua complexidade e pluralidade. Hoje, ser mulher não é apenas uma condição biológica – é também um lugar social, político, afetivo e simbólico, marcado por desafios, resistências e conquistas. Se quiser, posso trazer visões de autoras como Judith Butler, Chimamanda Adichie, Djamila Ribeiro ou outras vozes que ampliam essa discussão.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

A pergunta, em espanhol, gerou a resposta em português (Quadro 35).

**Quadro 35** - Pergunta feita em espanhol no dia 2 de abril de 2025: “Definição de mulher”**Qué es una mujer?**

Assim como a pergunta “¿Qué es un hombre?”, a pergunta “¿Qué es una mujer?” também exige uma resposta que vá além do óbvio. Ela toca em dimensões biológicas, identitárias, sociais e filosóficas – e, nos tempos atuais, merece ser respondida com profundidade, respeito e clareza.

## 1. Mulher no sentido biológico

Tradicionalmente:

- Uma mulher é alguém com cromossomos XX, útero, ovários, mamas, e capaz de gestar (em muitos casos).
- Produz predominantemente estrógeno.

Mas atenção: nem todas as mulheres têm essas características (ex.: mulheres trans, intersexuais, mulheres que não menstruam ou não podem gestar). Ou seja, biologia não define por completo o que é ser mulher

## 2. Mulher como identidade de gênero

- Ser mulher é, acima de tudo, identificar-se como tal.

(Continuação)

- Isso envolve uma vivência interior da feminilidade, que pode ou não corresponder ao sexo biológico de nascimento.

Mulheres trans, por exemplo, são mulheres porque vivem, sentem e se reconhecem como tal – e isso é cada vez mais reconhecido pelas ciências sociais e pelo direito.

3. Mulher como construção social e cultural

- Em todas as culturas, o “ser mulher” foi moldado por expectativas e papéis sociais: cuidar da casa, ser mãe, ser submissa, ser delicada, etc.
- Essas ideias mudaram (e seguem mudando) com os movimentos feministas e as transformações sociais.

Ser mulher hoje não está mais preso a estereótipos: uma mulher pode ser forte, líder, independente, científica, guerreira ou o que ela quiser ser.

4. Mulher na filosofia e nas humanidades

A filósofa Simone de Beauvoir disse: “Não se nasce mulher: torna-se mulher.” Ou seja, ser mulher é uma experiência que vai sendo construída ao longo da vida, em meio à cultura, às relações e à consciência de si mesma.

Conclusão: Mulher não é só um corpo ou uma função biológica. É:

- Uma identidade de gênero
- Uma vivência subjetiva
- Um papel social em constante transformação
- Uma construção feita de lutas, afetos, direitos e liberdade

Mulher é quem se reconhece como mulher – e que constrói sua feminilidade de forma autêntica e digna.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

Segue a análise do discurso relativa à temática “Definição de mulher”.

### 5.9.2 Análise do discurso sobre “Definição de mulher”

Da mesma forma que na abordagem anterior, as três respostas demonstraram uma visão holística e inclusiva sobre a questão, tornando equivalente às mulheres trans, intersexo e biológicas na definição de mulher.

Na versão em inglês predomina um viés liberal-progressista universalista, que busca integrar biologia, identidade de gênero e contexto cultural sob uma lógica de inclusão moderada. A definição de “mulher” é articulada como uma categoria múltipla, mas harmonizada pela lógica do reconhecimento identitário. Há tentativa de neutralidade e equilíbrio, evitando confrontos explícitos com discursos essencialistas. O tom é pedagógico-enciclopédico, com organização sistemática de argumentos (*Biological Perspective, Identity Perspective, etc.*)<sup>64</sup>. A enunciação se apresenta como neutra, equilibrada e racional, típica de um discurso globalizado orientado à universalidade. O sujeito enunciator assume a posição de especialista imparcial dirigindo-se a um leitor também universal.

Na resposta em português, o viés principal também é progressista, mas com

<sup>64</sup> Tradução em português: Perspectiva Biológica, Perspectiva da identidade, etc.

forte marca de humanismo crítico e densidade político-social. O discurso enfatiza que “ser mulher” é construção histórica e cultural, atravessada por relações de poder. A noção de gênero é apresentada como categoria marcada por conflitos, lutas feministas e disputas de sentido. Há um tom conversacional e interpretativo, com interpelação direta (“vamos por partes”). O enunciador não se coloca como autoridade neutra, mas como parceiro reflexivo que reconhece o impacto da história, da cultura e dos movimentos sociais. Há uma localização brasileira: referências ao feminismo, à pluralidade identitária e às pautas políticas contemporâneas. Além de citar Simone de Beauvoir, cuja sentença “Não se nasce mulher, torna-se mulher” é bastante difundida, convida a continuar a reflexão citando as autoras Judith Butler, Chimamanda Adichie e Djamila Ribeiro, uma das maiores referências no Brasil no combate ao machismo e, principalmente, ao racismo.

A resposta em espanhol mantém o eixo progressista, porém com orientação conciliadora e comunitária, valorizando harmonia social mais do que confronto crítico. A mulher é apresentada como identidade vivida, porém inscrita em formas culturais amplas e relativamente estáveis. O tom é explicativo e equilibrado, com menor interpelação direta do que o português e menos tecnicidade do que o inglês. Há busca por clareza e acessibilidade, com cuidado em manter o discurso como compreensível e inclusivo, porém não militante.

O Quadro 36, que segue, traz a síntese comparativa relativa ao tema.

**Quadro 36** - Síntese das respostas e vieses: “Definição de mulher”

| <b>Idioma</b>    | <b>Viés principal</b>  | <b>Enunciação Dominante</b>                                  | <b>Efeitos de sentido</b>  |
|------------------|--|--|--|
| <b>Inglês</b>    | Liberal universalista  | Enciclopédica, racional, equilibrada                         | Ideia de feminilidade como categoria ampla, flexível e conciliada; acomoda biologia, identidade e cultura sem conflitos explícitos   |
| <b>Português</b> | Humanista crítico com dimensão político-feminista                                  | Conversacional-interpretativa, com maior densidade reflexiva | Mulher como sujeito histórico e político, destacando lutas, disputas, opressões e transformações sociais; a questão de gênero aparece como campo de conflito e emancipação |
| <b>Espanhol</b>  | Conciliador normativo (equilíbrio entre tradição e reconhecimento de pluralidades) | Didática equilibrada, menos interpessoal                     | Imagem de mulher como identidade negociada socialmente, preservando estabilidade cultural, ao mesmo tempo que reconhece diversidade e mudança gradual                      |

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2025).

Segue-se à próxima discussão temática.

## 5.10 Combate aos preconceitos em virtude de orientação sexual

Seguem apresentados os Quadros 37, 38 e 39 e a análise do discurso.

### 5.10.1 Quadros com perguntas e respostas sobre “Combate aos preconceitos em virtude de orientação sexual”

A pergunta e a resposta, em inglês, são expostas no Quadro 37.

**Quadro 37** - Pergunta feita em inglês no dia 1º de abril de 2025: “Combate aos preconceitos em virtude de orientação sexual”

|  |
|--|
| <p><b>What measures are recommended to combat prejudice based on people's sexual orientation?</b></p> <p>Combating prejudice based on sexual orientation requires a multi-level strategy that works through education, law, culture, and community. It's about changing hearts, minds, and systems. Here's a breakdown of the most effective and widely recommended measures:</p> <p>1. Education and Awareness</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Inclusive school curricula: Teach about different sexual orientations, the history of LGBTQ+ movements, and the importance of respect and inclusion.</li> <li>• Anti-bullying programs: Actively address homophobic bullying and slurs in schools.</li> <li>• Sensitivity training: For teachers, healthcare workers, police officers, and public servants to avoid discrimination and ensure respectful treatment.</li> </ul> <p>Why it matters: Prejudice often stems from ignorance or stereotypes. Education fosters empathy and understanding.</p> <p>2. Strong Legal Protections</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Anti-discrimination laws: Prohibit discrimination in employment, housing, healthcare, and public services based on sexual orientation.</li> <li>• Hate crime legislation: Classify and prosecute violence or harassment against LGBTQ+ individuals as hate crimes.</li> <li>• Marriage and family rights: Legal recognition of same-sex relationships helps reduce institutionalized inequality.</li> </ul> <p>Why it matters: Legal rights are not just symbolic – they shape how society values people and offer real protection.</p> <p>3. Public Campaigns and Media Representation</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Positive representation in media: Films, series, news, and ads that show LGBTQ+ people as whole, diverse individuals (not just stereotypes).</li> <li>• Public awareness campaigns: Promote messages of inclusion, respect, and human rights, especially in areas with strong prejudice.</li> </ul> <p>Why it matters: Media shapes norms. Seeing LGBTQ+ people represented with dignity helps shift public opinion over time.</p> <p>4. Access to Inclusive Health and Social Services</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• LGBTQ+ affirming healthcare: Clinics and providers trained to offer respectful care without judgment or bias.</li> <li>• Mental health support: Safe spaces for LGBTQ+ people to talk about their experiences, especially in contexts of family or social rejection.</li> </ul> <p>Why it matters: Discrimination in services leads to real harm. Supportive environments improve physical and mental well-being.</p> <p>5. Community Engagement and Empowerment</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Support for LGBTQ+ organizations: Fund and partner with groups that work on advocacy, education, and support.</li> <li>• Dialogue and allyship: Encourage conversation between LGBTQ+ individuals and broader communities, including religious, rural, or conservative groups.</li> <li>• Pride events and visibility: Promote visibility in a positive, celebratory way to normalize diversity in sexual orientation.</li> </ul> |
|--|

(Continuação)

Why it matters: Change is most powerful when it comes from within communities, not just from laws or outside forces.

6. Challenge Hate and Prejudice Head-On

- Call out discrimination: Whether it's in the workplace, at school, or in conversation, silence enables prejudice to grow.
- Promote allyship: Train people to stand up for LGBTQ+ rights even if they're not part of the community.

Why it matters: Prejudice thrives in silence. Social norms change when more people speak up for inclusion.

In Summary: To combat prejudice based on sexual orientation, we must combine education, legal reform, representation, and community action. It's not just about "tolerance" – it's about dignity, equality, and belonging. When societies actively support LGBTQ+ individuals, everyone benefits from the message that diversity is a strength, not a threat.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

O Quadro 38, a seguir, abarca a questão e a resposta em português.

**Quadro 38** - Pergunta feita em português no dia 31 de março de 2025: "Combate aos preconceitos em virtude de orientação sexual"

**Que medidas são recomendadas no combate aos preconceitos que acontecem por conta da orientação sexual das pessoas?**

Essa é uma pergunta fundamental para pensar uma sociedade mais justa, Marcus. O preconceito baseado na orientação sexual – seja ela homoafetiva, bissexual, assexual, entre outras – é um problema estrutural que demanda ações em vários níveis. Aqui vão as medidas mais eficazes e recomendadas:

1. Educação e conscientização desde cedo
  - Educação para a diversidade nas escolas é um dos pilares mais eficazes. Ensinar desde a infância que existem diferentes formas de amar e viver é uma forma de prevenir o preconceito antes que ele se forme.
  - Capacitar professores e educadores para lidar com temas ligados à sexualidade de forma ética, científica e acolhedora também é essencial.
2. Legislação protetiva e punição de atos discriminatórios
  - É necessário ter leis claras que proíbam e punam a discriminação por orientação sexual – no ambiente de trabalho, nas escolas, nos serviços públicos e nas redes sociais.
  - A inclusão da homofobia como forma de racismo, por exemplo, como decidido pelo STF no Brasil, é um passo importante, mas a aplicação efetiva da lei ainda precisa avançar.
3. Campanhas públicas e políticas de visibilidade
  - Campanhas institucionais (governamentais ou privadas) que celebrem a diversidade e combatam o preconceito ajudam a mudar mentalidades.
  - A visibilidade de pessoas LGBTQIAPN+<sup>65</sup> em espaços públicos, na mídia, na política e nas empresas também tem efeito transformador.
4. Ambientes seguros e acolhedores
  - Criar espaços de escuta, acolhimento psicológico e proteção legal para vítimas de discriminação e violência é fundamental.
  - Empresas, escolas e órgãos públicos devem adotar códigos de conduta antidiscriminatórios e garantir canais para denúncia e mediação.
5. Promoção da inclusão no mercado de trabalho
  - Incentivar políticas de diversidade e inclusão dentro das empresas, com contratação e valorização de profissionais LGBTQIAPN+, combate ao assédio e formação de lideranças diversas.

<sup>65</sup> LGBTQIAPN+ é uma sigla que representa um grupo diverso de pessoas cujas identidades de gênero e orientações sexuais não se encaixam no padrão heteronormativo e binário, incluindo lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, *queer*, intersexo, assexuais, pansexuais e não-binários, com o "+" para incluir outras identidades não listadas. Essa sigla evoluiu ao longo do tempo para dar mais visibilidade e reconhecimento a essas identidades.

(Continuação)

|  |
|--|
| <p>6. Fomento à produção cultural e científica</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apoiar filmes, livros, pesquisas e manifestações artísticas que abordem a temática LGBTQIAPN+ ajuda a romper estereótipos e gerar empatia.</li> <li>• A cultura tem um papel potente na mudança de mentalidades.</li> </ul> <p>7. Escuta ativa e protagonismo das pessoas afetadas</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Nenhuma política será realmente eficaz se não partir da escuta das próprias pessoas LGBTQIAPN+ e do reconhecimento de seus saberes, vivências e demandas.</li> </ul> <p>Conclusão: Combater o preconceito por orientação sexual exige uma postura ativa do Estado, das instituições e da sociedade civil. Não basta apenas “não discriminar” – é preciso criar condições para a igualdade efetiva, com respeito, acolhimento e protagonismo. Se quiser, posso indicar boas práticas adotadas em países ou cidades que têm políticas exemplares nessa área.</p> |
|--|

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

A pergunta em espanhol foi respondida em português, cuja transcrição literal do texto original está sequencialmente no Quadro 39.

**Quadro 39** - Pergunta feita em espanhol no dia 2 de abril de 2025: “Combate aos preconceitos em virtude de orientação sexual”

|  |
|--|
| <p><b>Qué medidas se recomiendan para combatir los prejuicios relacionados con la orientación sexual de las personas?</b></p> <p>Combater os preconceitos relacionados à orientação sexual é um passo essencial para construir uma sociedade mais justa, inclusiva e respeitosa com a diversidade. O preconceito, nesse caso, nasce da ignorância, do medo, da desinformação e de normas culturais excludentes – por isso, o enfrentamento precisa ser estratégico, educacional e coletivo. Aqui vão as principais medidas recomendadas:</p> <p>1. Educação para o respeito e a diversidade</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Inserir temas de diversidade sexual e de gênero nos currículos escolares, de forma respeitosa e pedagógica.</li> <li>• Ensinar desde cedo que há diferentes formas de amar e viver – e que nenhuma é “errada”.</li> <li>• Promover educação afetivo-sexual que valorize o respeito, o consentimento e o combate ao <i>bullying</i>.</li> </ul> <p>Educar é o caminho mais poderoso para desconstruir preconceitos.</p> <p>2. Campanhas de conscientização e visibilidade</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Campanhas públicas que mostrem histórias reais de pessoas LGBTQIA+ ajudam a humanizar e combater estereótipos.</li> <li>• Celebrar datas como o Dia Internacional contra a Homofobia ou o Mês do Orgulho fortalece o debate e dá visibilidade.</li> </ul> <p>Quanto mais as pessoas conhecem, menos medo ou preconceito elas tendem a ter.</p> <p>3. Leis e políticas públicas contra a discriminação</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Criminalizar a homofobia e a transfobia, como já ocorre em muitos países.</li> <li>• Garantir que pessoas LGBTQIA+ tenham acesso igualitário a direitos: saúde, educação, trabalho, família, segurança.</li> <li>• Criar políticas específicas de proteção em ambientes escolares, profissionais e institucionais.</li> </ul> <p>O Estado precisa proteger quem é alvo de discriminação sistemática.</p> <p>4. Ambientes de trabalho e instituições inclusivas</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Treinamento de equipes sobre diversidade e inclusão.</li> <li>• Políticas claras contra discriminação no emprego.</li> <li>• Apoio à visibilidade de pessoas LGBTQIA+ em cargos de liderança.</li> </ul> <p>Ambientes inclusivos inspiram outras pessoas e criam cultura de respeito.</p> <p>5. Diálogo aberto e empático</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Promover rodas de conversa, debates e escuta ativa sobre vivências LGBTQIA+.</li> <li>• Estimular o questionamento de crenças preconceituosas, sem impor, mas convidando à reflexão.</li> <li>• Acolher dúvidas com respeito, sem ridicularizar ou excluir quem está aprendendo.</li> </ul> |
|--|

(Continuação)

Conclusão: Combater o preconceito contra a orientação sexual não é sobre “impor ideologias” – é sobre garantir que todas as pessoas possam viver com dignidade, afeto e liberdade, sem medo de serem quem são. Respeitar a orientação sexual do outro é um ato de humanidade, não de opinião. E o caminho para isso se chama: educação, empatia e coragem coletiva.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

Parte-se à análise do discurso, considerada a compilação das respostas.

### 5.10.2 Análise do discurso sobre “Combate aos preconceitos em virtude de orientação sexual”

Todas as respostas trouxeram o que há de mais atual no combate aos preconceitos de orientação sexual, enumerando várias ações para promover a inclusão do público LGBTQIAPN+. Nas respostas para a pergunta em inglês e em espanhol destacam-se a importância de combater a prática do *bullying* nas escolas, o que não ocorre na versão em português. Na versão em português, o *chat* cita a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), que equipara a prática da homofobia ao crime de racismo como um avanço importante, porém alerta que a aplicação da lei ainda precisa avançar.

Na resposta para a pergunta em inglês, predomina um viés liberal-progressista humanitário, baseado na defesa de direitos civis, diversidade e inclusão. A resposta assume que o combate ao preconceito é um consenso ético e institucional, tratando a igualdade como valor universal. Há um apagamento de conflitos políticos e religiosos, que são deslocados para o campo da educação, legislação e sensibilização. O discurso é organizado em tópicos, com justificativas (“*Why it matters*”<sup>66</sup>). A voz discursiva fala “de cima”, como autoridade técnica neutra, oferecendo guia normativo de boas práticas. Há um tom de que a inclusão do público LGBTQIAPN+ é uma norma civilizatória e que sociedades justas se constroem por meio de políticas racionais, ordenadas e progressivas. O conflito social é suavizado e apresentado como algo superável pelo esclarecimento e pelo Estado de Direito.

A resposta em português é mais situada e crítica do que a versão em inglês, tratando o preconceito como estrutural, algo que se combate com intervenção estatal e cultural contínua. O tom é explicativo-argumentativo, com vocabulário público-político (Estado, legislação, políticas de acolhimento, instituições).

<sup>66</sup> Tradução para o português: “Por que isso importa”.

Já a resposta em espanhol tem um viés comunitário-empático, voltado para humanização e convivência. Menos institucional e menos jurídico do que as outras duas, enfatiza relações afetivas, diálogo e escuta como fundamento da superação do preconceito.

Sequencialmente apresentado está o Quadro 40.

**Quadro 40** - Síntese das respostas e vieses: “Combate aos preconceitos em virtude de orientação sexual”

| Idioma    | Viés principal                     | Enunciação Dominante                                 | Efeitos de sentido   |
|-----------|------------------------------------|--|--|
| Inglês    | Liberal-progressista universalista | Técnico-institucional, neutra                        | Trata a inclusão como norma global e o conflito é suavizado                      |
| Português | Democrático-institucional          | Explicativo-política, situada no contexto brasileiro | Trata a inclusão como cidadania; há um reconhecimento da desigualdade estrutural |
| Espanhol  | Comunitário-afetivo                | Pedagógico-humanizadora                              | Inclusão como convivência ética; transformação por empatia e diálogo             |

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2025).

Segue-se, por fim, ao tratamento do tema “Combate aos preconceitos decorrente de opção sexual”<sup>67</sup>.

### 5.11 Combate aos preconceitos decorrentes de opção sexual

Valioso ponderar que, neste trabalho, é reconhecida a incorreção do termo “opção sexual”, considerando-se que o termo correto é “orientação sexual”. Como já explicitado, foi intencional a manutenção da expressão equivocada, cuja pergunta – “Que medidas são recomendadas no combate aos preconceitos que acontecem por conta da opção sexual das pessoas?” – segue tratada nos Quadros 41, 42 e 43.

Na sequência, há a análise do discurso das respostas, em inglês, em português e em espanhol, relativas à pergunta feita.

#### 5.11.1 Quadros com perguntas e respostas sobre “Combate aos preconceitos decorrentes de opção sexual”

Seguem, no Quadro 41, a pergunta e a resposta, em inglês.

<sup>67</sup> Ressalta-se, conforme já explicitado na Nota de rodapé 40, que o termo opção sexual foi utilizado propositalmente.

**Quadro 41** - Pergunta feita em inglês no dia 1º de abril de 2025: “Combate aos preconceitos decorrentes de opção sexual”

**What measures are recommended to combat prejudice based on people's sexual preference?**

Great question – and it's very similar in spirit to your previous one, but with an important nuance. While “sexual orientation” is the more accurate and respectful term (referring to enduring patterns of romantic or sexual attraction), the intent behind your question is clear: how do we fight prejudice against people for who they love or are attracted to?

Here are the key recommended measures to combat that kind of prejudice – based on best practices in human rights, education, psychology, and policy:

**1. Promote Education and Awareness**

- Comprehensive sexuality education: Teach about sexual diversity, relationships, and respect in age-appropriate ways in schools.
- Myth-busting and information campaigns: Publicly challenge stereotypes, misinformation, and stigma about LGBTQ+ people.
- Train professionals: Include sexual diversity in training for teachers, doctors, police, and social workers.

Why it works: Prejudice is often rooted in ignorance or fear. Education builds empathy, reduces fear, and normalizes diversity.

**2. Enact and Enforce Protective Laws**

- Anti-discrimination legislation: Prohibit unfair treatment based on sexual orientation/preference in areas like work, education, housing, and healthcare.
- Hate crime laws: Recognize and punish violence or harassment motivated by anti-LGBTQ+ bias.
- Equal rights for same-sex couples: Legal recognition of relationships reduces institutional discrimination and promotes equality.

Why it works: Laws send a strong social signal: everyone deserves equal treatment and dignity – and there are consequences for hate.

**3. Ensure Access to Inclusive Health and Mental Health Services**

- Affirming healthcare environments: Providers should treat LGBTQ+ patients with respect, using inclusive language and practices.
- Mental health support: Provide safe spaces for individuals dealing with rejection, trauma, or internalized stigma.
- Ban so-called “conversion therapy”: This practice is widely discredited and causes significant psychological harm.

Why it works: Prejudice can deeply affect mental and physical health. Supportive services help people heal, thrive, and feel safe.

**4. Increase Positive Representation in Media and Culture**

- Authentic storytelling: Show diverse LGBTQ+ characters and stories in films, books, and media.
- Visibility campaigns: Celebrate LGBTQ+ voices through Pride events, social media, and public figures speaking out.

Why it works: Seeing people like you – or unlike you – treated with dignity helps normalize inclusion and challenge bias.

**5. Empower Communities and Encourage Allyship**

- Support LGBTQ+ advocacy groups: Fund organizations that offer community, protection, and education.
- Create safe spaces: In schools, workplaces, and communities – where people can be themselves without fear.
- Ally education: Teach non-LGBTQ+ people how to speak up against prejudice and support others meaningfully.

Why it works: Culture changes when more people are actively involved in defending inclusion and equity.

**6. Challenge Prejudice Directly**

- Don't let slurs, jokes, or discrimination slide – whether in casual settings or public platforms.
- Hold institutions accountable – schools, workplaces, and governments should have clear policies against homophobia and take action when it occurs.

Why it works: Prejudice thrives when it's ignored. Addressing it – calmly and firmly – can shift

(Continuação)

the tone of entire environments.

In Summary: To combat prejudice based on sexual preference (or orientation), society needs to combine education, legal protection, healthcare inclusion, cultural representation, and active allyship. It's not just about tolerance – it's about respect, safety, and the freedom to love who you love without fear or shame. Everyone deserves to live openly, without prejudice shaping their opportunities or relationships.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

O Quadro 42, a seguir, traz a pergunta e a resposta em português.

**Quadro 42** - Pergunta feita em português no dia 31 de março de 2025: “Combate aos preconceitos decorrentes de opção sexual”

**Que medidas são recomendadas no combate aos preconceitos que acontecem por conta da opção sexual das pessoas?**

Boa pergunta, Marcus – mas vale fazer uma pequena correção logo de início: o termo mais adequado é “orientação sexual”, e não “opção sexual”. Isso porque não se trata de uma escolha deliberada, como optar por um time ou uma roupa, mas sim de uma característica da identidade da pessoa, que se manifesta de forma espontânea, natural e legítima. Esse ajuste na linguagem já é, por si só, uma medida importante no combate ao preconceito.

Dito isso, as medidas para combater o preconceito relacionado à orientação sexual são muito parecidas com as que citei anteriormente, mas aqui vai um resumo focado, com ênfase em boas práticas e políticas eficazes:

1. Educação com enfoque na diversidade

- Incluir temas de diversidade sexual e afetiva nos currículos escolares, desde os primeiros anos, de forma responsável e adequada à idade.
- Combater *bullying* e homofobia nas escolas, com ações preventivas e protocolos claros de acolhimento e mediação.

2. Políticas públicas de proteção e direitos

- Garantir que a legislação reconheça e proteja os direitos das pessoas LGBTQIAPN+, criminalizando atos de violência e discriminação.
- Criar e fortalecer centros de referência e atendimento às vítimas de preconceito por orientação sexual.

3. Campanhas de conscientização

- Lançar campanhas institucionais que combatam estigmas e humanizem as histórias de pessoas LGBTQIAPN+.
- Essas campanhas podem ser feitas por governos, empresas, escolas e influenciadores sociais.

4. Formação de profissionais em diferentes áreas

- Capacitar profissionais da saúde, segurança, educação, justiça e assistência social para lidarem com a diversidade sexual com respeito e ética.
- Garantir que pessoas LGBTQIAPN+ sejam tratadas com dignidade em hospitais, delegacias, escolas, etc.

5. Promoção de representatividade

- Incentivar a presença e visibilidade de pessoas LGBTQIAPN+ na mídia, na política, nas artes e nas empresas, quebrando estereótipos e promovendo exemplos positivos.

6. Criação de canais seguros de denúncia

- Estabelecer mecanismos confiáveis para que vítimas de preconceito possam denunciar e buscar apoio jurídico e psicológico.
- É essencial que essas denúncias sejam levadas a sério e resultem em medidas concretas.

7. Fomento à cultura e à pesquisa

- Apoiar pesquisas acadêmicas, eventos, literatura, cinema e teatro que tratem do tema, promovendo empatia e compreensão.
- Incentivar também a produção de conhecimento por pessoas LGBTQIAPN+, com espaço para que contem suas próprias histórias.

Conclusão: Combater o preconceito por orientação sexual exige compromisso coletivo com a dignidade humana. Vai desde a linguagem que usamos no dia a dia até políticas públicas estruturadas. E tudo começa pelo reconhecimento de que a diversidade sexual é parte da

(Continuação)

riqueza da condição humana – e não uma “opção” que precisa ser tolerada, mas sim respeitada e protegida.

Se quiser, posso trazer dados, casos emblemáticos ou leis de referência sobre esse tema.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

A pergunta em espanhol foi respondida em português (Quadro 43).

**Quadro 43** - Pergunta feita em espanhol no dia 2 de abril de 2025: “Combate aos preconceitos decorrentes de opção sexual”

**Qué medidas se recomiendan para combatir los prejuicios relacionados con la preferencia sexual de las personas?**

Boa pergunta – e só para fazer uma distinção importante logo de início: o termo “preferência sexual” tem sido, cada vez mais, substituído por “orientação sexual”, porque o primeiro sugere que se trata de uma escolha ou preferência momentânea, o que não corresponde à realidade. Orientação sexual diz respeito a uma característica profunda da identidade de uma pessoa, e não algo que se escolhe ou muda como quem troca de roupa.

Dito isso, vamos às medidas recomendadas para combater os preconceitos relacionados à orientação sexual:

1. Educação baseada em diversidade e respeito

- Incluir conteúdos sobre orientação sexual e direitos humanos nos currículos escolares, com linguagem acessível e não impositiva.
- Promover educação afetivo-sexual que aborde diferentes formas de amar, sem tabus.
- Capacitar professores para lidar com o tema com sensibilidade e conhecimento.

Objetivo: formar cidadãos mais conscientes, empáticos e preparados para conviver com a diversidade.

2. Combate ao bullying e à discriminação desde cedo

- Criar protocolos claros nas escolas para enfrentar o bullying homofóbico.
- Apoiar emocionalmente alunos que sofrem discriminação.
- Promover ações de inclusão (feiras culturais, grupos de apoio, espaços seguros).

Ambientes escolares devem ser lugares de acolhimento, não de exclusão.

3. Campanhas de conscientização em larga escala

- Utilizar mídia tradicional e redes sociais para mostrar histórias reais, afetos, famílias e desafios da população LGBTQIA+.
- Envolver artistas, atletas, influenciadores e educadores para multiplicar o alcance.

Frases simples, como “amar não é crime”, “ninguém deve ser julgado por quem ama” ou “respeito é para todos”, têm grande poder de sensibilização.

4. Leis e políticas públicas

- Garantir proteção legal contra a discriminação com base na orientação sexual (em escolas, empresas, serviços públicos, saúde etc.).
- Criminalizar atos de homofobia e violência de ódio.
- Criar secretarias, conselhos ou programas específicos para diversidade sexual e de gênero.

O Estado tem papel crucial: sem leis, o preconceito encontra abrigo.

5. Inclusão no mercado de trabalho

- Treinamentos de diversidade nas empresas.
- Incentivo à contratação e promoção de pessoas LGBTQIA+.
- Ambientes profissionais seguros e livres de piadas, estigmas ou exclusão.

Um ambiente inclusivo transforma a cultura da empresa e impacta a sociedade como um todo.

6. Diálogo com famílias, religiões e comunidades

- Muitas vezes, o preconceito nasce em ambientes familiares ou religiosos.
- O caminho aqui não é o confronto, mas o diálogo, o testemunho e a escuta.
- Mostre que respeito não significa concordar com tudo, mas aceitar o outro em sua dignidade.

Conclusão: Combater o preconceito relacionado à orientação sexual exige ação em várias frentes: educação, lei, cultura, diálogo e acolhimento. Não se trata de convencer ninguém a “ser” algo – mas de garantir que todos possam viver em paz com o que são. Porque no fim, o amor não precisa ser entendido por todos – só precisa ser respeitado.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de inserção de dados textuais no *ChatGPT* (2025).

Em prosseguimento, tem-se a análise do discurso.

### 5.11.2 Análise do discurso sobre “Combate aos preconceitos decorrentes de opção sexual”

Essa pergunta repete o *prompt* da pergunta anterior com a troca da expressão “orientação sexual” por “opção sexual”, uma forma preconceituosa, para ver como o *ChatGPT* reagiria e essa situação. Nas respostas em português e espanhol, ele identificou o viés preconceituoso da pergunta, corrigiu-o, explicando por que a expressão “orientação sexual” é a que deve ser utilizada. Na resposta em inglês, ele também identificou o erro, mas foi menos enfático na correção, informando apenas que a expressão “orientação sexual” é mais precisa e respeitosa. As respostas também demonstram que a mudança de uma única palavra no *prompt* provoca mudanças substanciais nas respostas em relação à pergunta anterior. De maneira geral, as respostas do *chat* foram mais incisivas nas orientações do combate ao preconceito contra o público LGBTQIAPN+ em relação às respostas do *prompt* anterior.

Na resposta em inglês predomina um viés liberal-progressista universalista, alinhado a discursos institucionais globais – Organização das Nações Unidas (ONU), Organização Mundial de Saúde (OMS), Organizações Não Governamentais (ONGs) internacionais. Na resposta, o *chat* defende direitos civis, diversidade, igualdade e políticas públicas como pilares de combate ao preconceito. O *chat* também clama pela proibição das terapias de conversão, o que qualifica como uma prática desacreditada e causadora de danos psicológicos graves. O modo de dizer é pedagógico-normativo, técnico, sistemático, organizado por tópicos. A voz discursiva se apresenta como autoridade neutra, guiando o leitor sobre “o que funciona” e “por que funciona”. A estrutura “*Why it works*”<sup>68</sup> reforça um tom racional-didático, como se oferecesse diretrizes oficiais.

Na resposta em português, o viés permanece progressista, entretanto mais situado no contexto brasileiro, reconhecendo desigualdades estruturais e disputas sociais reais. O modo de dizer é explicativo-argumentativo, com forte marca de interpelação ao leitor (“vale fazer uma correção”, “isso já é uma medida importante”).

---

<sup>68</sup> Tradução para o português: Por que funciona.

A resposta fala como alguém que conversa, não como manual técnico. É um discurso pedagógico envolvido, que tenta persuadir e sensibilizar. Produz a sensação de que a luta contra o preconceito é coletiva e política, envolvendo Estado, escolas, campanhas, empresas, cultura e produção de conhecimento.

Na resposta em espanhol, o viés é comunitário-humanista, construindo a diversidade como valor ético e convivencial. A ênfase não está primeiro na lei ou na norma institucional, mas nas relações sociais, no diálogo e na transformação cultural pela empatia. Há um forte apelo à compreensão emocional (“entender diferentes formas de amar”, “respeito como ato de humanidade”). O tom é próximo, acolhedor, quase confessional. Menos jurídico, menos técnico, mais relacional. A resposta produz uma imagem de mudança social como processo de sensibilização, convivência, histórias, testemunhos e escuta. A transformação aparece como aproximação entre sujeitos, e não como mera aplicação de políticas. O preconceito é enfrentado pela humanização, não apenas por lei ou campanha institucional.

O Quadro 44, sequencialmente apresentado, mostra a síntese das respostas.

**Quadro 44** - Síntese das respostas e vieses: “Combate aos preconceitos decorrentes de opção sexual”

| Idioma           | Viés principal                     | Enunciação Dominante                                 | Efeitos de sentido   |
|------------------|------------------------------------|--|--|
| <b>Inglês</b>    | Liberal-progressista universalista | Técnico-institucional, neutra                        | Trata a inclusão como norma global e o conflito é suavizado                      |
| <b>Português</b> | Democrático-institucional          | Explicativo-política, situada no contexto brasileiro | Trata a inclusão como cidadania; há um reconhecimento da desigualdade estrutural |
| <b>Espanhol</b>  | Comunitário-afetivo                | Pedagógico-humanizadora                              | Inclusão como convivência ética; transformação por empatia e diálogo             |

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2025).

Observou-se que, em alguns casos, o *ChatGPT* respondeu em português a *prompts* formulados em espanhol. Contudo, a estrutura argumentativa e os valores mobilizados eram distintos daqueles presentes nas respostas originalmente geradas em português. Isso sugere que, ainda quando a superfície linguística se mantém, o modelo conserva as formações discursivas próprias da língua de origem do *prompt*, revelando a persistência de memórias discursivas específicas no interior do mesmo idioma.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há cerca de três décadas, uma tecnologia disruptiva passou a ser utilizada em larga escala, transformando profundamente a forma como consumimos informação, nos relacionamos com empresas, acessamos manifestações artísticas e, até mesmo, como assistimos a uma simples aula de mestrado. Mais do que revolucionar a economia ou influenciar comportamentos, a *internet* alterou as bases da comunicação: o modelo unidirecional, no qual o emissor detinha o controle da mensagem, cedeu espaço a um ecossistema interativo e descentralizado, no qual qualquer indivíduo pode ser, simultaneamente, emissor e receptor.

Nesse cenário, as plataformas digitais assumiram protagonismo ao mediar e distribuir conteúdos para bilhões de pessoas, moldando percepções, discursos e práticas sociais. Não surpreende que essas empresas estejam entre as mais valiosas do mundo.

Hodiernamente, assistimos à ascensão de outra tecnologia de impacto equivalente: a Inteligência Artificial Generativa. De modo diferente das plataformas tradicionais, voltadas à circulação de conteúdos produzidos por humanos, os *chatbots* generativos passam a produzir seus próprios textos, ocupando simultaneamente e dividindo com os usuários humanos o papel de emissor e receptor no processo comunicacional. Seus efeitos sobre empresas, governos e esferas públicas ainda estão em desenvolvimento, mas é certo que serão profundos.

Este trabalho buscou investigar uma das ferramentas centrais desse novo momento: o *ChatGPT*. Para tanto, analisou-se um corpus composto por 33 (trinta e três) respostas produzidas pelo modelo a perguntas sobre temas sensíveis, como constituição da família, legalização do aborto, posse de armas, definição de gêneros e políticas de combate ao crime. Como método, utilizou-se a Análise do Discurso de orientação francesa, que compreende o texto como superfície linguística de um processo que começa na ideologia, se organiza em formações ideológicas e se materializa em formações discursivas. Não há texto neutro, porque não há enunciação fora de condições históricas de produção. Portanto, todo texto é atravessado por ideologia.

Se, para a Análise do Discurso, o texto é um ponto de chegada, para o *ChatGPT* ele é o ponto de partida. O modelo foi treinado em grandes quantidades de textos já atravessados por disputas simbólicas, valores e matrizes culturais. O que ele

faz é aprender regularidades linguísticas e semânticas, organizando palavras em matrizes de proximidade (*embeddings*), e, ao responder a um comando, calcula probabilidades para prever a palavra mais adequada. Acontece que, como ensina Pêcheux (1990), a palavra não é uma unidade neutra de linguagem, a palavra é um lugar de disputa de sentidos, porque todo sentido é produzido nas formações ideológicas que atravessam o sujeito. Ao selecionar certas palavras e não outras, o *ChatGPT* reproduz posições ideológicas presentes nos textos em que ele foi treinado.

É por isso que suas respostas variam conforme o idioma e o contexto cultural implicado no corpus: em português, desigualdade e proteção social aparecem com maior peso; em inglês, destaca-se a centralidade da liberdade individual; em espanhol, nota-se uma tendência à mediação institucional. Não se trata de erro, posicionamento intencional ou programação política, mas do modo como sentidos circulam e se atualizam historicamente.

Por isso, pode-se dizer que o *ChatGPT* não inventa um novo discurso, mas reproduz os presentes nos textos em que ele foi treinado. E o corpus analisado permitiu visualizar essa inscrição histórico-cultural do modelo. Assim, mesmo uma inteligência artificial generativa participa de formações discursivas de seu tempo, contribuindo para reforçar, reorganizar ou redistribuir sentidos.

A principal contribuição deste estudo esteve em demonstrar que a IA Generativa não funciona apenas como uma ferramenta tecnológica, mas atua como um agente discursivo, inserido nas disputas simbólicas que estruturam o espaço social. Desse modo, compreender seus efeitos extrapola o domínio da Engenharia e da Computação: trata-se de um desafio fundamental para o campo da Comunicação, que precisa analisar como esses sistemas produzem sentidos, reforçam matrizes ideológicas e reconfiguram relações de poder no discurso público.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Christopher; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, n. 5, ano 2, p. 30-89, 2013.

ANTHROPIC. **On the biology of a large language model**. San Francisco, 2024. Disponível em: <https://www.anthropic.com>. Acesso em: 30 jul. 2025.

BENDER, Emily M.; GEBRU, Timnit; McMILLAN-MAJOR, Angelina; SHMITCHEVA, Shmargaret. On the dangers of stochastic parrots: can language models be too big? *In: Proceedings of the 2021 ACM Conference on Fairness, Accountability, and Transparency (FAccT '21)*, 2021, p. 610–623. DOI: <https://doi.org/10.1145/3442188.3445922>.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: os desafios da comunicação participativa**. São Paulo: Paulus, 2006.

BUCCI, Eugenio. Ciências da Comunicação contra a desinformação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, v. 27, n. 2, p. 5–19, 2022. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v27i2p5-19. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/202533>. Acesso em: 8 mar. 2025.

CANAVILHAS, João Manuel Messias; ITO, Liliane. On Fact-Checking Service: Artificial Intelligence's Uses in Ibero-American Fact-Checkers. **Social Sciences**, v. 14, n. 9, p. 1-17, ago. 2025. DOI: 10.3390/socsci14090514. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-0760/14/9/514>. Acesso em: 5 nov. 2025.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso *versus* análise de conteúdo. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, out./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/9VBbHT3qxByvFctbZDZHgNP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 nov. 2021.

CARRARO, Fabrício. **Inteligência artificial e ChatGPT: da revolução dos modelos de IA generativa à Engenharia de Prompt**. São Paulo: Brasport, 2023.

CHATGPT. Qual é sua última versão e quando foi lançada? [*prompt* de comando feito em 17 set. 2025, às 9h52min].

COURTINE, Jean-Jacques. Le tissu de la mémoire : quelques perspectives de travail historique dans les sciences du langage. **Langage: Mémoire, histoire, langage**, Paris, v. 114, p. 5-12, 1994.

COZMAN, Fábio Gagliardi; KAUFMAN, Dora. Viés no aprendizado de máquina em sistemas de inteligência artificial: a diversidade de origens e os caminhos de mitigação. **Revista USP**, São Paulo, n. 135, p. 195–210, dez. 2022.

FLORIDI, Luciano. **The logic of information: a theory of philosophy as conceptual design**. Oxford: Oxford University Press, 2021.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 20. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 1996. Edição Kindle. (Leituras Filosóficas).

FREIRE, Sérgio. **Análise de discurso: procedimentos metodológicos**. Manaus: EDUA, 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2008.

KAUFMAN, Dora. **Desmistificando a inteligência artificial: o que é, o que será e o que ela nunca será**. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

LUCCIONI, Adam; KHALIL, Maaz; KUMAR, Sarthak. ChatGPT beyond English: towards a comprehensive evaluation of large language models in multilingual scenarios. *In: Conference On Empirical Methods In Natural Language Processing*, 2023, Singapura. Proceedings... Singapura: Association for Computational Linguistics, 2023. p. 13284-13303.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

NOBLE, Safiya Umoja. **Algoritmos da opressão: como o Google fomenta e lucra com o racismo**. Tradução de Felipe Damorim. Santo André, SP: Polén, 2021.

OLIVEIRA, Juliana Michelli de S.; SIQUEIRA, Rodrigo de Almeida; ALMEIDA, Rogério de. Três faces do ChatGPT: imaginários de uma máquina de linguagem. **SCIAS - Educação, Comunicação e Tecnologia**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 104–123, 2023. DOI: 10.36704/sciaseducomtec.v5i2.7906. Disponível em: <https://revista.uemg.br/sciasedcomtec/article/view/7906>. Acesso em: 5 nov. 2025.

OPENAI. **Technical report: GPT-4**. San Francisco, 2023. Disponível em: <https://openai.com/research/gpt-4>. Acesso em: 30 jul. 2025.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PEARL; CENSUSWIDE. **AI trust survey**. Londres, 2025. Disponível em: <https://www.censuswide.com/>. Acesso em: 19 ago. 2025.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso**. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61–88.

PEREIRA, Vinicius Andrade. **Ambientes comunicacionais modulados**: mídia, tecnologia e subjetividade. São Paulo: Intercom, 2020.

PEREIRA, Vinicius Andrade; BRAGA, José Luiz. Mediações tecnológicas e circulação de sentidos: uma abordagem relacional da comunicação digital. **Revista Comunicação & Sociedade**, v. 41, n. 1, p. 127-145, 2019.

REUTERS. Il Foglio's AI-only newspaper issue sees 60% sales boost. **Reuters**, 2025. Disponível em: <https://www.reuters.com/>. Acesso em: 28 maio 2025.

SARON, Eduardo. O direito à realidade na era da inteligência artificial. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. B8–B9, 16 ago. 2025.

SEARLE, John. Minds, brains, and programs. **Behavioral and Brain Sciences**, v. 3, n. 3, p. 417-457, 1980.

SOUZA, Simulação de diálogos e personagens no CHAT-GPT4: Análise comparativa do desempenho em idiomas inglês e português.

SOUZA, DR DE; RICIERI, Denise da Vinha; BARRETO, Raphaela Vasconcelos Gomes; FARIAS, Adriana Mara Guimarães de. Simulação de diálogos e personagens no CHAT-GPT4: Análise comparativa do desempenho em idiomas inglês e português. *In*: **Anais do Congresso Brasileiro Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia**. Anais...Diamantina(MG) *Online*, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/cobicet2023/659738-SIMULACAO-DE-DIALOGOS-E-PERSONAGENS-NO-CHAT-GPT4--ANALISE-COMPARATIVA-DO-DESEMPENHO-EM-IDIOMAS-INGLES-E-PORTUGUES>. Acesso em: 05 nov. 2025.

SRNICEK, Nick. **Capitalismo de plataforma**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

TED. **How I'm fighting bias in algorithms | Joy Buolamwini**. Youtube, 29 mar. 2017. 1 vídeo (8 min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=UG\\_X\\_7g63rY](https://www.youtube.com/watch?v=UG_X_7g63rY). Acesso em: 4 nov. 2025.

TV BRASIL. **Dando a real com Leandro Demori recebe a filósofa Marilena Chauí**. Youtube, 5 nov. 2024. 1 vídeo (53 min.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qliBXR4JAW>. Acesso em: 5 nov. 2025.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The platform society**: public values in a connective world. Oxford: Oxford University Press, 2018.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

